

Thiago da Silva Nascimento

A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux como caminho humano-espiritual para uma Mística Encarnada

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientadora: Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi

Rio de Janeiro Fevereiro de 2023



Thiago da Silva Nascimento

A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux como caminho humano-espiritual para uma Mística Encarnada

Dissertação apresentada ao programa de Pósgraduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi

Orientadora Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer

Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Dr. Gilcemar Hohemberger

Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

Thiago da Silva Nascimento

É bacharel em Filosofia pela PUC-Rio em 2014. Graduou-se em Teologia em 2018 pelo Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro. Atua como professor da Escola Mater Ecclesiae na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Durante o Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral foi bolsista do CNPq.

Ficha Catalográfica

Nascimento, Thiago da Silva

A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux como caminho humano-espiritual para uma Mística Encarnada / Thiago da Silva Nascimento; orientadora: Francilaide de Queiroz Ronsi. – 2023.

160 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

Teologia – Teses. 2. Santa Teresa de Lisieux. 3. Pequena Via.
 Espiritualidade. 5. Mística. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico este trabalho ao Deus de amor e misericórdia, em honra ao Menino Jesus e à sua Sagrada Face. À Virgem Santíssima Nossa Senhora do Carmo. À doutora do amor, Santa Teresa de Lisieux. Aos sacerdotes, aos seminaristas, às Irmãs Carmelitas descalças e demais religiosas, aos devotos de Santa Teresa de Lisieux e a todos que são chamados a viver a Infância espiritual, trilhando a sua Pequena Via.

Agradecimentos

Ao Deus Eterno e Bondoso que manifesta o seu poder no perdão e na misericórdia.

À Virgem Santíssima do Carmo, Senhora do Sorriso, Rainha do Céu. À Santa Teresa de Lisieux, por inspirar tantas vidas através de sua Pequena Via.

Aos meus pais, Augusto e Ana Lúcia, que me iniciaram na fé.

À Professora Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi, minha orientadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Teologia da PUC-Rio, pela grande dedicação, competência acadêmica e amizade fraterna.

A Dom Orani João Tempesta, Grão-Chanceler da PUC-Rio, pelo incentivo e benção para o prosseguimento nos estudos acadêmicos. A todos os bispos auxiliares de nossa Arquidiocese na pessoa de Dom Antônio Luiz Catelan, professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio por ser sinal de fidelidade a Cristo e à Igreja.

À minha querida Paróquia Nossa Senhora das Dores em Inhaúma, a todos os paroquianos a quem posso servir na caridade, como dispensador fiel dos sacramentos de Cristo; bem como à Paróquia Santa Rosa de Lima na Barra de Tijuca, onde servi com alegria e dei início aos estudos acadêmicos do mestrado.

Ao Pe. Waldecir Gonzaga, Diretor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, agradeço pelo estímulo sempre constante e a todos os professores do Mestrado e funcionários do departamento de Teologia, pela receptividade sempre acolhedora. Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

À Angela Mendes da Comunidade Bom Pastor por ter transmitido a mim a devoção a Santa Teresa de Lisieux. À Madre Angélica, OCD e à Ana Cláudia Meneguci por me ajudarem a percorrer a minha Pequena Via. Às Irmãs Carmelitas do Carmelo São José no Rio de Janeiro. Às Irmãs do Instituto de Nossa Senhora do Bom Conselho, de modo especial, àquelas que exercem a missão na Fazenda São Joaquim das Arcas em Itaipava/RJ e à Irmã Maria Suzilene pela amizade e intercessão. Às Irmãs Oblatas do Cenáculo pela oração constante em favor dos sacerdotes. Ao Seminário Arquidiocesano de São José, onde pude ser formado, pela acolhida fraterna na Fazenda São Joaquim das Arcas durante o período da redação desta pesquisa. Aos queridos amigos que me apoiaram nesta pesquisa, de modo especial: Pe. Frederico Rodrigues Farias, Diác. José Paulo, José Gabriel Kafa, Jacinto Daniel, Leonardo e Luciana Giorno, Rogério e Paula Rodrigues. Ao Pe. Adriano César Pinheiro e demais discentes com quem tive a alegria de conviver ao longo do curso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Nascimento, Thiago da Silva; Ronsi, Francilaide de Queiroz (orientadora). **A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux como caminho humano-espiritual para uma Mística Encarnada.** Rio de Janeiro, 2023. 160p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Santa Teresa de Lisieux, de modo, imanente e transcendente, vive e testemunha sua busca pela santidade em seu itinerário místico, que é denominado: Pequeno Caminho ou Pequena Via. Por meio de sua pequenez evangélica, ela traduz em sua vida e espiritualidade, a chamada Infância Espiritual. Tal como criança, o ser humano reconhecendo suas fraquezas e limitações, pode encontrar no amor misericordioso do Pai a satisfação e a felicidade que tanto almeja. Assim, a Pequena Via como caminho humano-espiritual consiste em uma disposição do coração que torna a pessoa humilde e pequena nos braços de Deus. Na Palavra de Deus, Teresa de Lisieux encontra a chave de sua vocação. Passa a entender que os dons mais elevados nada são sem o amor, e que a caridade é o caminho por excelência que conduz as pessoas a Deus. Assim, sua missão, no coração da Igreja, constitui em amar a Deus-Trindade e ser sinal deste amor na face da terra, sobretudo para aqueles que mais precisam. Seu testemunho é, fortemente, marcado pela confiança, pelo abandono e pelo amor misericordioso de Deus. A Igreja reconhece sua importância conferindo-lhe os títulos de Padroeira das Missões e doutora da Igreja. A espiritualidade por ela vivida e descrita pode trazer contribuições consideráveis para o nosso tempo, sobretudo quando a aproximamos da mística encarnada que se dá no hoje, no cotidiano e na realidade em que estamos inseridos. Seus escritos ajudam a reflexão sobre a fraternidade universal e o cuidado com os bens da natureza e inspiram outros místicos a percorrerem a sua Pequena Via, tornando-se, assim, testemunhas do Mistério do Deus Vivo presente no mundo e sinais de esperança em outras vidas.

Palavras-chave

Santa Teresa de Lisieux; Pequena Via; Espiritualidade; Mística Encarnada; Teologia.

Abstract

Nascimento, Thiago da Silva; Ronsi, Francilaide de Queiroz (orientadora). **The Little Way of Saint Thérèse of Lisieux as a human-spiritual path for an Incarnated Mystic.** Rio de Janeiro, 2023. 160p. Master Thesis - Department of Theology. Pontifícal Catholic University of Rio de Janeiro.

Saint Thérèse of Lisieux, in an immanent and transcendent way, lives and witnesses her search for holiness in her mystical itinerary, which is called: Little Way. Through her evangelical smallness, she translates into her life and spirituality, the so-called Spiritual Childhood. As a child, the human being recognizing his weaknesses and limitations, can find in the merciful love of the Father the satisfaction and happiness that he so desire. Therefore, the Small Way as a humanspiritual path consists of a disposition of the heart that makes the person humble and small in the arms of God. In the Word of God, Thérèse of Lisieux finds the key to her vocation. She comes to understand that the highest gifts are nothing without love, and that charity is the path by excellence that leads people to God. Thus, her mission, in the heart of the Church, is to love the God-Trinity and to be a sign of this love on the face of the earth, above all for those who need it most. Her testimony is strongly marked by trust, abandonment and the merciful love of God. The Church recognizes her importance by granting her the titles of Patroness of the Missions and Doctor of the Church. The spirituality lived and described by Thérèse of Lisieux can bring considerable contributions to our time, especially when we bring it closer to the embodied mystique that occurs today, in everyday life and in the reality in which we are inserted. Her writings help reflection on universal fraternity and care for nature's goods, and inspire other mystics to travel her Little Way, thus becoming witnesses of the Mystery of the Living God present in the world and signs of hope in other lives.

Keywords

Saint Thérèse of Lisieux; Little Way; Spirituality; Incarnate Mystique; Theology.

Sumário

1 Introdução	13
2 Santa Teresa de Lisieux: uma mística para o seu tempo e para o ter atual	mpo 19
2.1 Teresa de Lisieux: nascida em uma Igreja Doméstica	28
2.2 Santa Teresa de Lisieux: discípula de Jesus no Carmelo	39
2.3 Santa Teresa de Lisieux: Padroeira das Missões	47
2.4 Santa Teresa de Lisieux: doutora da Igreja	55
3 A Pequena via de Santa Teresa de Lisieux: um caminho todo novo	60
3.1 Pontos determinantes da Pequena Via	65
3.1.1 O desejo de santidade	65
3.1.2 O reconhecimento de sua incapacidade	68
3.1.3 A superação das imperfeições	69
3.1.4 A busca de uma solução nas Sagradas Escrituras	71
3.1.5 A resposta libertadora em Provérbios 9, 4 e em Isaías 66, 12-13	74
3.2 Um caminho profundamente humano-espiritual	75
3.2.1 A força do abandono em Deus	78
3.2.2 A força da confiança	81
3.2.3 A força do amor misericordioso	84
3.3 Traços característicos da espiritualidade da Pequena Via	89
3.3.1 Traços Negativos ou aspectos ausentes	91
3.3.1.1 Ausência de mortificações violentas	91
3.3.1.2 Ausência de carismas sobrenaturais	93
3.3.1.3 Ausência de um método rigoroso de oração	94
3.3.1.4 Ausência de obras múltiplas	95

3.3.2 Traços Positivos ou aspectos presentes	96
3.3.2.1 A primazia do amor	96
3.3.2.2 Confiança e abandono filial	98
3.3.2.3 A humildade e a simplicidade	99
3.3.2.4 Fidelidade nas pequenas coisas	101
4 Mística encarnada: uma resposta para o nosso tempo	103
4.1 Na fraternidade universal	115
4.2 No cuidado com a casa comum	121
4.3 Na vivência do cotidiano	126
4.4 Na formação de testemunhas do Mistério de Deus	134
5 Conclusão	144
6 Referências bibliográficas	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG Decreto Ad Gentes

AL Exortação Apostólica Amoris Laetitia

CEC Catecismo da Igreja Católica

DAp Documento de Aparecida

DAS Carta Apostólica Divini Amoris Scientia

DDe Carta Apostólica Desiderio Desideravi

DOV Instrução Donum Veritatis

DP Documento de Puebla

DPPL Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia

DV Constituição Dogmática Dei Verbum

EG Exortação Apostólica Evangelii Gaudium

EN Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi

FC Exortação Apostólica Familiaris Consortio

FT Carta Encíclica Fratelli Tutti

GE Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate

GS Constituição Pastoral Gaudium et Spes

LG Constituição Dogmática Lumen Gentium

LS Carta Encíclica Laudato Si

MC Carta Encíclica Mystici Corporis

MD Carta Apostólica Mulieris Dignitatem

MHD Carta Apostólica Maiorem Hac Dilectionem

MM Carta Encíclica *Mater et Magistra*

MV Bula Misericordiae Vultus

RM Carta Encíclica Redemptoris Missio

RN Carta Encíclica *Rerum Novarum*

SAC Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis

SC Constituição Concíliar Sacrosanctum Concilium

SS Carta Encíclica Spe Salvi

ST Suma Teológica

UUS Carta Encíclica Ut Unum Sint

VC Exortação Apostólica Vita Consecrata

VD Exortação Apostólica Verbum Domini

VDQ Constituição Apostólica Vultum Dei Quarere

Escritos de Santa Teresa de Lisieux

CA Caderno Amarelo.

CT Cartas.

MA TERESA DE LISIEUX. História de uma alma.

Manuscrito A.

MG TERESA DE LISIEUX. História de uma alma.

Manuscrito G.

MM TERESA DE LISIEUX. História de uma alma.

Manuscrito M.

OR Orações

PN Poesias

RP Recreios Piedosos ou Recreações piedosas

UC Últimos Colóquios

Ó Deus, que preparais o vosso Reino para os pequeninos e humildes, dai-nos seguir confiantes o caminho de santa Teresinha, para que, por sua intercessão, nos seja revelada a vossa glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

(Liturgia das Horas. Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. Laudes do Dia de Santa Teresa de Lisieux)

1 Introdução

Nosso tempo e o pensar teológico devem ser marcados pelo estudo aprofundado da espiritualidade, visto que a pessoa humana é um ser com abertura ao transcendente. "Criando o homem, Deus o inscreve no desígnio de comunicarse com ele, dar-se a ele. Ele põe nele uma vocação: o chama a vê-lo"¹. Assim, o ser humano é chamado a viver em Deus, tornando-se no mundo um sinal de suas maravilhas. Esta "vivência é resultado de uma Presença que nos transcende, de uma sintonia que deixa intata a Alteridade, de uma comunhão que nos abre dinâmicas profundamente pessoais"². Por meio, desta comunhão, "Deus fala de si mesmo, dá a conhecer sua vida íntima, seu amor, seu modo de governar a história"³. Acreditar nesta comunhão entre Deus e os homens, lança o nosso olhar para as possíveis constatações e transformações que derivam desta unidade: "o ser humano é capaz de Deus"⁴, é transformado por Ele e n'Ele pode, assim, viver a santidade de vida.

Neste sentido, a Igreja sente uma necessidade permanente da reflexão teológica, que tem por missão estudar e descrever a revelação divina, analisá-la e integrá-la na história e no mundo. Contudo, ao mesmo tempo, a Igreja e o mundo têm a necessidade de homens e mulheres que vivam plenamente a Palavra revelada, entregando toda a sua existência à realização do desejo amoroso de Deus. Estes, por sua vez, são os santos e santas, os místicos e místicas que encarnam no decorrer da história o Mistério do Deus Vivo. Desta maneira, "não basta explorar com maior perspicácia as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem ainda organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: é preciso suscitar um novo ardor de santidade"⁵. Em outras palavras, "cada vez se torna mais verdadeira e verificável a afirmação de que há que fazer uma teologia não de textos, mas de testemunhas"⁶. Dentre essas testemunhas, resplandece a presença e a vida de Santa Teresa de Lisieux, grande mensageira do amor de Deus. Como superação dos antigos modelos de ascese e de caminho espiritual, ela propõe um caminho todo novo que seria mais simples e acessível a todos, de modo especial aos pequeninos.

¹ SESBOÜÉ, B., O homem, p. 61.

² COLZAN, G., Homem espiritual, p. 502-503.

³ SALVADOR. F. R., Compêndio de Teologia espiritual, p. 18.

⁴ CEC 27.

⁵ RM 90

⁶ BINGEMER, M. C. L., Santidade, p. 21.

Em sua espiritualidade, "a convicção é: deve haver um modo de amar e servir a Deus e ao próximo, não extraordinário, como se costuma apresentar a santidade para a Igreja, mas que implique toda a vida da Igreja como causa única".

Nosso tema, "A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux: um caminho humano-espiritual para uma Mística Encarnada", concernente à Teologia Sistemática Pastoral na área de Espiritualidade, deseja integrar o estudo reflexivoteológico ao testemunho de vida de alguém que viveu e descreveu, profundamente, a sua experiência com Deus, de um modo simples e encarnado, tanto na realidade como no cotidiano, tornando-se assim um sinal de inspiração em sua época e, também, na nossa. Ao mesmo tempo, é desejo nosso trazer uma contribuição teológica e acadêmica, a partir deste trabalho, no que tange a espiritualidade de Teresa de Lisieux⁸. Assim, por meio desta pesquisa, procuraremos demonstrar que "a vantagem inestimável dessa Pequena Via é que ela faz com que a perfeição esteja ao alcance de todas as pessoas de boa vontade".

A jovem mística, Teresa de Lisieux, na sua busca pelos desígnios de Deus, se depara com a sua humanidade em suas limitações e potencialidades. Ao mesmo tempo em que ela busca algo maior, a santidade de vida e a comunhão com Deus, ela se depara com a sua pequenez e a sua pobreza. Não podendo ser como os grandes santos e santas da História do Cristianismo que a precederam, decide percorrer um caminho todo novo, descrito por ela como uma Pequena Via: bem reta, curta e que a conduziria a Deus¹⁰. Por meio da confiança e do abandono nas mãos de Deus, a santa carmelita percebe que suas fraquezas e debilidades humanas encontram sustento firme e forte no amor misericordioso do Senhor. Assim, ela entende que a sua vocação é ser reflexo deste mesmo amor. E que, na verdade, "o amor era tudo, que ele abrange todos os tempos e todos os lugares"¹¹. Nela, humanidade e transcendência estão intimamente unidas e integradas, e isso é experimentado em sua Pequena Via. Em sua antropologia, "a santidade nada tem a perder ao ser considerada em toda a realidade humana"¹². Tal perspectiva pode ser

⁷ ARAÚJO, M. A., Igreja-Comunhão, p. 86.

⁸ Um dos fatores que corrobora para este argumento é que, dentro de nosso Departamento de Teologia da PUC-Rio, há apenas uma pesquisa realizada sobre Teresa de Lisieux, na pós-graduação, em 2013: a tese de M. A. Araújo intitulada: "Igreja-Comunhão Uma multidão de fiéis. Eclesiologia de Teresa de Lisieux, uma releitura à luz do Concílio Vaticano II".

⁹ MARTIN, G. A Pequena Via da Infância Espiritual, p. 10.

¹⁰ TERESA DE LISIEUX. MG 2 v.

¹¹ TERESA DE LISIEUX. MM 3 v.

¹² GAUCHER, G., A paixão de Teresa de Lisieux, p. 122.

aprofundada por meio do estudo do pensamento de Teresa de Lisieux, de modo ainda mais particular, quando conseguimos realizar um *aggiornamento* de sua doutrina e mística para o nosso tempo e aproximamos este estudo à teologia espiritual encarnada.

No entanto, a dimensão teológica que envolve a dinâmica espiritual corre o risco de não alcançar o homem contemporâneo quando esta permanece atrelada, simplesmente, aos manuais de espiritualidade com normas difíceis de serem acolhidas, compreendidas e interiorizadas. E ainda, "os homens e mulheres do III Milênio parecem mais abertos e atentos aos valores humanos que as 'verdades' sistemáticas da teologia"¹³. Não poucas vezes, quando se ouve falar de um itinerário espiritual se aplica a ele a imagem de algo muito distante ou difícil de ser percorrido. Ou ainda, pensa-se que somente um grupo muito "religioso" pode percorrer e seguir um caminho espiritual. Há ainda, em nosso tempo, o desafio de superar o moralismo, o legalismo, a segregação que são males que se instalam em muitas experiências que se denominam caminho espiritual.

Por meio do presente estudo, podemos compreender que a espiritualidade "corresponde às exigências da verdade profunda do que é o ser humano: assim, seu fundamento primeiro, portanto, é antropológico. Todo ser humano é chamado a uma vida espiritual"¹⁴. Este chamado, de maneira mais sublime e perfeita, se dá na Encarnação do Verbo, pois é "Cristo quem revela ao homem o que é o homem"¹⁵. Neste sentido, nossa pesquisa se volta para a vida, o testemunho e a espiritualidade de Teresa de Lisieux em intercâmbio com a Mística Encarnada. Esta, por sua vez, nos recorda que o Verbo de Deus continua a agir na história, no cotidiano, na realidade humana no decorrer dos séculos, de modo especial, em nosso tempo.

No estudo da teologia espiritual, podemos dizer que "o místico é alguém que percorre um caminho, não é alguém que teve uma experiência episódica do numinoso"¹⁶. Do mesmo modo, o itinerário de Teresa de Lisieux é descoberto diante de uma experiência com Deus; torna-se objeto de sua reflexão e descrição; é interiorizado e externalizado em seu testemunho de vida; é fruto tanto de sua

¹³ SCIADINI, P., Teresinha Doutora da Ciência e do Amor, p. 10.

¹⁴ CATÃO, F., Espiritualidade cristã, p. 15.

¹⁵ GS 22.

¹⁶ WILDERINK, V. J. G., Mística e místicos, p. 72.

disposição e decisão humana, quanto de sua abertura à Graça de Deus. Em outras palavras, é um caminho humano-espiritual.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa é demonstrar a importância e a relevância da vida e da espiritualidade de Santa Teresa de Lisieux para o nosso tempo, bem como, o valor dos aspectos e estudos teológicos que podem se desenvolver a partir de suas obras.

Esta dissertação tem por metodologia a pesquisa bibliográfica. Analisamos as obras completas de Santa Teresa de Lisieux como fontes principais e, ao seu lado, os comentadores e estudiosos que aprofundam as dimensões de seu pensar teológico. A pesquisa valorizou a investigação dos escritos bíblicos, dos aspectos históricos de sua época e documentos pontifícios. E, ao mesmo tempo, por meio das produções acadêmicas e algumas biografias, houve a análise de importantes elementos para a relação entre a espiritualidade de Teresa de Lisieux e a mística encarnada.

No segundo capítulo, intitulado "Santa Teresa de Lisieux: uma mística para o seu tempo e para o tempo atual", apresentaremos a época em que nasce Teresa de Lisieux, no período denominado modernismo. Tempo de grandes inovações científicas e tecnológicas que demonstram a força da capacidade humana. Teresa de Lisieux cresce no final do século XIX, período pós-revolucionário que sucede as Revoluções Francesa e Industrial, e que vive e respira as consequências destes movimentos. Identificada por São Pio X como "a maior santa dos tempos modernos"¹⁷, a santa carmelita torna-se uma revolucionária do amor, recordando a face misericordiosa de Deus frente ao jansenismo rigorista. Igualmente, neste capítulo, destacamos alguns desafios do período atual (pós-moderno), tais como: o antropocentrismo, o hedonismo, o consumismo e o vazio existencial. Ao mesmo tempo, apresentamos a resposta necessária para o tempo atual: o mundo precisa de esperança e esta é trazida, vivida e testemunhada pelos santos e santas de Deus que percorrendo o seu caminho tornam-se sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14), arautos do amor de Deus e sinal para os que carecem de sentido e direção em suas vidas. Dentre estes santos, destaca-se a jovem mística: Teresa de Lisieux que nasce em uma Igreja Doméstica e torna-se discípula de Jesus no Carmelo, padroeira das missões e doutora da Igreja.

_

¹⁷ DAS 10.

O terceiro capítulo nominado, "A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux: um caminho todo novo", parte do princípio de que a vida humana é marcada por experiências, dentre estas destaca-se a experiência com Deus. Esta é, na reflexão da teologia espiritual, uma forma de conhecer a Deus e corresponder à sua presença transformadora. No Cristianismo, esta presença refere-se ao Deus da Revelação bíblico-cristã do Deus Salvador-Criador, revelado mediante Jesus Cristo. Assim, partindo da vida, trajetória e experiência de fé de Teresa de Lisieux, destacamos neste capítulo a descoberta e vivência de seu itinerário místico: o Pequeno Caminho ou a Pequena Via. Nesta Pequena Via da santa carmelita, demonstra-se um modo de se viver a chamada Infância Espiritual. Nela, Deus é reconhecido como Pai amoroso e compassivo que cuida de seus pequenos filhos. A descoberta de sua Pequena Via se dá mediante um desejo de santidade, o reconhecimento de sua incapacidade, a superação de suas imperfeições, a busca de uma resposta nas Sagradas Escrituras, de modo especial nos textos de Provérbios 9, 4 e Isaías 66, 12-13. Profundamente humano e espiritual, este caminho de Teresa de Lisieux é marcado e percorrido na força do abandono, da confiança e do amor misericordioso de Deus. Em uma análise de sua espiritualidade, nota-se traços ausentes, tais como: a ausência de mortificações extraordinárias, de carismas sobrenaturais, de métodos rigorosos de oração e obras múltiplas. E traços presentes: a primazia do amor, a confiança e o abandono filial, a humildade e a simplicidade e a fidelidade nas pequenas coisas. Estes traços característicos presentes em sua Pequena Via, bem como toda a experiência de Deus descrita, vivida e transmitida por Teresa de Lisieux, inspiram e apontam para, um modo de se viver, a mística encarnada.

Denominado "Mística Encarnada: uma resposta para o nosso tempo", o quarto capítulo desta dissertação desenvolve a perspectiva da presença do mistério de Deus entre os homens. Partindo do conceito geral do termo "mística", destacamos que esta expressão remonta tanto à presença ou à revelação do Mistério de Deus, quanto ao caminho da vida que se dirige a Deus. Assim, neste capítulo é destacado que a autocomunicação de Deus torna a pessoa humana um *homo muysticus*. Identificada como experiência fruitiva do absoluto, a mística pode ser caracterizada como especulativa, mistérica e profética. Esta última está, fortemente, atrelada à Revelação da Tradição bíblico-cristã e é como um caminho onde se revela o amor de Deus pela humanidade. Na experiência mística é próprio de Deus revelarse, dar de si mesmo a quem se revela. Na mística cristã, a plenitude desta revelação

se dá a partir da Encarnação do Verbo. À luz do "Verbo que se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1, 14), o ser humano se compreende, mais perfeitamente, como criado à imagem e semelhança de Deus. Diante deste grande dom, está o Mistério da Encarnação e, ao mesmo tempo, há a mística encarnada que decorre deste evento histórico-salvífico. Deus faz-se presente no mundo e permanece nele, redimindo-o. Santa Teresa de Lisieux interioriza e vive, profundamente, esta mística. Ela compreende que o Deus da Revelação não é abstrato, mas concreto. É Deus feito homem que se torna seu irmão e satisfaz todas as necessidades de seu coração. Esta mística encarnada perpetua o Mistério do Deus Vivo na história, no cotidiano, na realidade de cada época. Diante das necessidades de nosso tempo e com as contribuições de Teresa de Lisieux podemos apontar alguns modos de viver a mística encarnada nos tempos atuais. Tais como: na fraternidade universal, no cuidado da criação, na vivência do cotidiano e no testemunho do Mistério de Deus. Destacamos ainda, neste capítulo, o exemplo de vida de alguns místicos que se deixaram interpelar pela espiritualidade e obra de Teresa de Lisieux, são eles: Dorothy Day, Jacques Fesch e Marcel Van.

Desta maneira, esta dissertação apresenta Santa Teresa de Lisieux como "uma das grandes mulheres que deixaram no tempo a marca de sua presença e contribui não pouco para grandes maturações" que podem incidir na teologia cristã e na espiritualidade contemporânea. Além disso, o mundo é alcançado pela seu testemunho e suas obras. Por conseguinte, vale destacar que, neste ano de 2023, a Conferência Geral dos Estados Membros da UNESCO homenageia Santa Teresa de Lisieux em decorrência de seus 150 anos de existência (1873-2023), tendo em vista sua grande importância para a promoção dos valores humanos a serviço da paz.

Dada a fama de Teresa de Lisieux na comunidade católica (sendo a cidade de Lisieux o segundo lugar de peregrinação mais popular em França, depois de Lourdes), a celebração do seu aniversário pode ser uma oportunidade para destacar o papel das mulheres nas religiões, na luta contra a pobreza e pela promoção da inclusão. [...] Também pode reforçar a mensagem da UNESCO sobre a importância da cultura (poemas e peças de teatro escritas) na promoção dos valores universais e como vetor para o diálogo inter-religioso¹⁹.

¹⁸ BERARDINO, P. P., Ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha, p. 11.

¹⁹ DOSSIER DE IMPRENSA. Thérèse de Lisieux femme de culture, d'éducation et de paix.

2 Santa Teresa de Lisieux: uma mística para o seu tempo e para o tempo atual

"Aprouve ao Bom Deus me envolver com amor durante toda a minha vida" 20

Marie-Françoise Thérèse Martin²¹, nasceu em 02 de janeiro de 1873 e fez sua Páscoa (faleceu) em 30 de setembro de 1897. É importante para este estudo, acerca de sua vida e espiritualidade, situar o contexto histórico-social no qual ela estava inserida. Os anos de sua vida estão marcados por um período da história denominado modernismo²². Trata-se de uma época em que o racionalismo, o industrialismo e o cientificismo ganham força e espaço como demonstração da

Foi denominada, também, de Santa Teresinha ou Teresinha. Esta forma de tratar a santa carmelita tornou-se muito comum entre os seus devotos e na piedade popular. O nome no diminutivo está ligado ao fato da santa carmelita se fazer pequena diante da grandeza infinita de Deus. Esta forma marca em seu próprio nome a tônica de sua espiritualidade ligada à Infância Espiritual e ao seu itinerário chamado Pequena Via.

No Carmelo, ela recebe também dois títulos religiosos junto ao seu nome: do Menino Jesus e da Sagrada Face. "Tornou-se Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, esses são seus títulos de nobreza, sua riqueza e sua esperança" (MA 85 v). Podemos entender que o título do Menino Jesus e da Sagrada Face demonstram a pequenez e a humildade do próprio Verbo Encarnado que se torna presente em sua vida e em sua mística. O título da Sagrada Face lembra o escondimento e a reparação de amor oferecida a Jesus, próprio da vida carmelita. Ao ser chamada Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, traz sobre si a marca da dupla *Kenosis* do Cristo: a Encarnação e a Paixão. "Desde muito tempo, ela tinha uma devoção muito especial ao Menino Jesus e à Sagrada Face, mas esta última devoção se desenvolveu sobretudo no Carmelo" (PO 250).

²⁰ TERESA DE LISIEUX. MA 4 r.

²¹ Marie-Françoise Thérèse, no curso de sua vida pôde ser chamada e identificada com outros nomes que explicitam sua entrada para a vida religiosa e/ou demonstram sua espiritualidade. Também chamada de *Teresa de Lisieux* (nome que usaremos com mais frequência nesta dissertação), este título ou nome aponta para a cidade da Normandia no Noroeste da França, a 195 Km de Paris, onde viveu a santa carmelita com sua família e onde está situado o Carmelo, no qual ofertou a Deus os seus nove anos de vida religiosa nesta terra. Esta cidade, por sua vez, torna-se conhecida graças à santa carmelita. Durante a Segunda Guerra Mundial a cidade é bombardeada, inclusive a própria rua do Carmelo, episódio em que muitas casas foram incendiadas. Porém, o Carmelo de Lisieux e a Basílica de Santa Teresa de Lisieux foram preservados. Este fato torna-se conhecido e atribuído a um verdadeiro milagre pela intercessão da santa de Lisieux. Também após a sua morte em 30 de setembro de 1897, muitas cartas eram endereçadas ao Carmelo de Lisieux relatando graças alcançadas, o que fez com que muitas pessoas acorressem para lá a fim de pedir sua intercessão. Foi denominada, também, de Santa Teresinha ou Teresinha. Esta forma de tratar a santa carmelita

²² Modernismo foi o termo encontrado e escolhido para designar o movimento (sobretudo em meados do século XIX) de grandes inovações em várias áreas, tais como: a arte, a filosofia, a ciência, a tecnologia e também a religião. Destacamos como parte da perspectiva modernista: o pensamento de autonomia, de valorização da razão e das capacidades humanas. É, precisamente, neste contexto que nasce e vive Teresa de Lisieux. No início do século XX, mais precisamente, no ano de 1907 (10 anos após a morte da santa carmelita), o Papa São Pio X escreve a Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*. Neste documento, São Pio X expõe as origens e males do modernismo partindo desde a filosofia à teologia. Pontua alguns destes perigos, como por exemplo: o agnosticismo e o antropocentrismo. E atribui à origem deste movimento o amor pelas novidades e o orgulho.

capacidade humana. Torna-se um momento, igualmente, desafiador pois cresce, ao mesmo tempo, a tentação de uma vivência social antropocentrista²³.

A pequena francesa, Marie-Françoise Thérèse Martin²⁴, - que futuramente se tornaria conhecida, popularmente, como Teresinha ou Teresa do Menino Jesus ou ainda, Teresa de Lisieux - pôde viver e crescer no término do século XIX. O fim de um período ou a transição de uma época para outra, geralmente, estimula e inspira um sentimento e/ou pensamento renovador. Certamente, o Deus da Revelação serve-se da história e de suas transições para continuar falando ao coração dos que são destinatários do seu imenso amor.

Teresa de Lisieux reconhece a força de seu período histórico: "Estamos em um século de invenções"²⁵. No século anterior e próximo de Santa Teresinha houve na Europa e, de modo particular, na França a chamada Revolução Industrial que gerou em seu país um verdadeiro desenvolvimento técnico e científico com a utilização de vários mecanismos e invenções. Isso não passa desapercebido pelo seu olhar. Por isso, ela própria com uma visão tecnológica e mística, ao mesmo tempo, diz que Jesus seria como um elevador a levá-la ao cume da montanha, pois não poderia chegar até lá com as suas próprias forças²⁶.

Neste tempo em que ela vive, desenvolveu-se um pensamento econômico mais liberal. E influenciado, por este e outros fatores, houve um aprimoramento tecnológico, industrial e científico. Com isso, o ser humano se deixou persuadir pelas suas próprias potencialidades, invenções e descobertas afastando-se do

²³ Exortando e explicando a vivência social antropocentrista (muito forte na modernidade e pósmodernidade), afirma o Papa Francisco: Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, referi-me ao relativismo prático que caracteriza a nossa época e que é «ainda mais perigoso que o doutrinal. Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a omnipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social (LS 122)

²⁴ Marie-Françoise Thérèse Martin. Era filha de Louis-Joseph-Aloys-Stanyslas Martin (São Luís Martin) e Azélie-Marie Guérin (Santa Zélia Guérin). Teve oito irmãos, dentre os quais, quatro partem prematuramente, são eles: Maria Helena, José Luís Maria, José Maria João Batista e Maria Melânia Teresa. E as outras quatro irmãs vivem por mais tempo e tornaram-se religiosas de vida contemplativa, são elas: Maria Luísa (Irmã Maria do Sagrado Coração, OCD), Maria Paulina (Madre Inês de Jesus, OCD), Maria Leônia (Irmã Francisca Teresa, OVSM) e Maria Celina (Irmã Genoveva da Santa Face, OCD).

²⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 3 r.

²⁶ TERESA DE LISIEUX. MG 3 r.

transcendente. Nesta época, por conta do desenvolvimento industrial, a sociedade acaba sendo dividida em, basicamente, dois grupos: burgueses e proletários.

Com o acúmulo de bens e lucros nas mãos da chamada burguesia, um outro grupo, mais desprovido, fica caracterizado como o segmento dos operários e operárias. Estes, em vários sentidos, experimentaram o sofrimento das péssimas condições de trabalho, longas horas de serviço, remuneração insuficiente etc. Justamente, neste período, cresce e se desenvolve a chamada Doutrina Social da Igreja²⁷. A Igreja se mostra solicita para escutar e agir em favor do povo, promovendo a paz, a justiça e a superação dos males presentes na sociedade.

O objeto da doutrina social da Igreja é essencialmente o mesmo que constitui e motiva a sua razão de ser: o homem chamado à salvação e como tal confiado por Cristo à cura e à responsabilidade da Igreja. Com a doutrina social, a Igreja se preocupa com a vida humana na sociedade, ciente de que da qualidade da experiência social, ou seja, das relações de justiça e de amor que a tecem, depende de modo decisivo a tutela e a promoção das pessoas, para as quais toda comunidade é constituída. Efetivamente, na sociedade estão em jogo a dignidade e os direitos das pessoas e a paz nas relações entre pessoas e entre comunidades de pessoas. Bens estes que a comunidade social deve perseguir e garantir²⁸.

Houve também no século XVIII, no país de Teresa de Lisieux, a chamada Revolução Francesa que, imbuída de um espírito igualitário, rebelava-se contra a nobreza e, para se instaurar uma República, buscava separar os poderes em: executivo, legislativo e judiciário.

Teresa nasce e cresce, precisamente, em uma época pós-revolucionária. E em uma revolução pode haver coisas boas, como: a chamada de atenção para os direitos humanos. Contudo, podem se apresentar, ao mesmo tempo, aspectos degradantes, tais como: conflitos, desgastes sociais diversos e até mesmo mortes. Diferentes de todas as outras, a experiência com o Deus Vivo e Verdadeiro faz o ser humano viver a revolução do amor. Sobre isso, disse São João Paulo II em solo brasileiro:

Convenci-me de que só o amor aproxima o que é diferente e realiza a união na diversidade. As palavras de Cristo: "Eu vos dou um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13, 34), apareceram-me então, para além de sua inigualável profundidade teológica, como germe e princípio da única

²⁷ O intento da doutrina social da Igreja é de ordem religiosa e moral. Religiosa porque a missão evangelizadora e salvífica da Igreja abraça o homem "na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social". Moral porque a Igreja visa a um "humanismo total", vale dizer à "libertação de tudo aquilo que oprime o homem" e ao "desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens". A doutrina social indica e traça os caminhos a percorrer por uma sociedade reconciliada e harmonizada na justiça e no amor, antecipadora na história, de modo incoativo e prefigurativo, daqueles "novos céus e nova terra, nos quais habitará a justiça" (2Pd 3, 13).
²⁸ Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 81.

transformação bastante radicai para ser apreciada por um jovem. Germe e princípio da única revolução que não trai o homem. Só o amor verdadeiro constrói²⁹.

Nesta mesma direção, para o nosso atual contexto, o Papa Francisco nos diz: "as bem-aventuranças de Jesus (Mt 5, 1-12) são o cartão de cidadão dos santos [...]: falam de uma vida contra a corrente, de uma vida revolucionária! Os santos são os verdadeiros revolucionários!"³⁰. Por meio de uma vida virtuosa, os santos e santas de Deus são instrumentos vivos para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Uma obra intitulada "Teresinha, a santa revolucionária" de Vicente Tomaz de Souza Júnior, demonstra a santa carmelita como discípula e revolucionária do amor³¹. Assim como compete aos revolucionários, Teresa de Lisieux, por meio de sua vida e espiritualidade, contribuiu para a mudança transformadora na busca pela santidade. Sua Pequena Via é marcada pela experiência da confiança e do abandono no amor misericordioso de Deus. Este mesmo amor plasma a vida e o itinerário da santa carmelita, ao ponto de ser declarada pelo Papa São Pio X "a maior santa dos tempos modernos"³². Foi revolucionária em sua vida pela ousadia em se dirigir ao Papa Leão XIII para ingressar no Carmelo com, apenas, quinze anos de idade. Revolucionária na forma de conduzir os seus dias com simplicidade, humildade, confiança e amor. Revolucionária na espiritualidade, propondo uma via para todos e não somente para alguns (religiosos, penitentes ou um grupo seleto).

Neste sentido, nos fala o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete Exultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual: "o Espírito Santo suscitou santas, cujo fascínio provocou novos dinamismos espirituais e reformas importantes na Igreja. Podemos citar [...] Santa Teresa de Lisieux"³³. Isso faz refletir e constatar que o testemunho desta jovem mística edifica não só o seu período, mas também o nosso tempo presente.

Teresa de Lisieux surge como uma resposta para a sua época e ainda para o nosso tempo. Em seu tempo, mas não distante de nossa realidade, os traços do

²⁹ Homilia do Papa São João Paulo II aos jovens de Belo Horizonte em 1º de julho de 1980.

³⁰ Mensagem do Papa Francisco no *Angelus* em 1º de novembro de 2022.

³¹ SOUZA JÚNIOR, V. T., Teresinha, a santa revolucionária, p. 33.

³² DAS 10.

³³ GE 12.

pensamento jansenista permeavam a Igreja e a espiritualidade³⁴. Oriundo deste pensamento, propaga-se uma imagem equivocada de Deus, uma ideia e/ou uma

concepção da imagem de Deus de um modo imperfeito, onde se exaltava o primado da justiça sobre a misericórdia. Em consequência, o foco da atenção voltava-se para o pecado e a pregação religiosa acentuava as ameaças das penas eternas, gerando sentimentos de medo e culpa, escrúpulos, que paralisavam um caminhar de confiança e amor em direção a Deus³⁵.

Desta perspectiva jansenista, decorre um erro que afeta a espiritualidade e o modo de se relacionar com Deus: o contato com Deus torna-se rígido, tal como de um juiz e um acusado, e não de Pai e Filho na força do Espírito de amor. Teresa de Lisieux, em sua pequenez e auxiliada pela inspiração divina, contrapõe-se a esta tendência. O místico e teólogo, Beato Maria-Eugênio, lembra que Teresa de Lisieux é como um luzeiro a iluminar o mundo e o modo como as pessoas devem se relacionar com Deus, ela convida os homens e mulheres a

saírem da via da justiça, onde se serve a Deus como um Deus justiceiro – bom, certamente, mas que conta os méritos -, para fazê-las honrar a misericórdia, levá-las a uma confiança absoluta, [...] uma confiança perfeita e, ao mesmo tempo, muito pobre³⁶.

Como diria o salmista, "eterna é a sua misericórdia" (Sl 118, 1). Encarnando essa palavra da Escritura em sua própria vida, Teresa de Lisieux pôde anunciar: "a mim Ele deu sua Misericórdia infinita e é através dela que contemplo e adoro as outras perfeições divinas"³⁷. Para a santa carmelita, a misericórdia exclui o medo e a "fidelidade ao Senhor é vivida pelo amor e não pelo temor"³⁸. Ela faz a experiência com a misericórdia divina e deseja ser canal da mesma graça para os seus irmãos e irmãs. Em outras palavras, exprimiu e comunicou, exteriormente, a experiência de amor que fizera com Deus, tornando-se, assim, missionária da misericórdia infinita de Deus. A respeito desta experiência da santa carmelita, o teólogo François-Marie Léthel, da *Pontificia Facoltà Teologica Teresianum*, expõe e explica de maneira bem clara que, por sua vez,

a misericórdia contemplada por Teresa é infinitamente justa. Em Jesus, a justiça de Deus é infinitamente misericordiosa porque esta justifica o pecador e a misericórdia é infinitamente justa, porque esta se exercita através da justiça do Redentor, do Deus-Homem que, com a sua obediência, restabelece a aliança transgredida pela

³⁴ Já no Século XVIII, no ano de 1713 a Igreja promulga a *Bula Unigenitus Dei Filius* do Papa Clemente XI para chamar a atenção contra as perspectivas jansenistas e os erros que dela poderiam decorrer.

³⁵ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 44.

³⁶ MARIA-EUGÊNIO., Teu amor cresceu comigo, p. 39.

 $^{^{37}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 83 v.

³⁸ LÉTHEL, F.M., L'amore di Gesù, p. 40 (tradução nossa)

desobediência do homem. [...] Teresa se opõe a uma falsa concepção da justiça divina não misericordiosa. A misericórdia sem a justiça e a justiça sem a misericórdia são igualmente indignas de Deus³⁹.

Teresa de Lisieux pôde contemplar recordar e propagar o rosto da misericórdia de Deus, ao ponto de dizer e implorar ao Senhor: "Ó Face adorável de Jesus, única beleza que fascina o meu coração, digna-te imprimir em mim tua divina semelhança" Toda a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, assemelhando-se ao seu Esposo (o Cristo). Este anúncio se dá por meio da vida, do testemunho, da profissão e da celebração da fé e através de gestos concretos de caridade. E assim, podemos dizer que "as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito" Por isso, o Papa Francisco também nos exorta no Documento Pontifício *Misericordiae Vultus*:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. [...] Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado 42.

Os escritos e o testemunho de vida de Teresa de Lisieux transcorrem o tempo e chegam, também, até aos que vivem neste atual momento, em uma época denominada por muitos de pós-modernismo e, inclusive, por outros como hipermoderníssimo⁴³. Vale ressaltar, do mesmo modo, que estes últimos meses e/ou anos podem ser denominados, também, período pós-pandêmico (ainda que não se tenha superado, totalmente, pois, a cada dia, surgem novos casos de Covid 19)⁴⁴. Contudo, deste período pós-moderno, de modo geral, decorrem-se alguns sintomas

³⁹ LÉTHEL, F.M., L'amore di Gesù, p. 39 (tradução nossa)

⁴⁰ TERESA DE LISIEUX. OR 16.

⁴¹ EG 37.

⁴² MV 1.

⁴³ Não existe consenso com relação ao significado do fenômeno pós-moderno. Francis Fukuyama, por exemplo, pensa este fenômeno em termos de pós-história ou de fim da história; Alain Touraine e Daniel Bell captam-no com as noções de hipermodernidade ou de sociedade pós-industrial; George Lindbeck fala de pós-racionalidade ou de idade pós-liberal; Jürgen Habermas recorre à noção de idade pós-metafísica; Émile Poulat e Gabriel Vahanian falam de pós-cristianismo (MORI, G. L., A teologia em situação de pós-modernidade, p. 7).

⁴⁴ Sobre esta temática, ainda em 2020, foi publicado o livro: A Pandemia do Coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos? Ed. Paulinas. Nesta obra, escrita por diversos pesquisadores de teologia e outras áreas científicas, ressaltam que vivemos e somos protagonistas de nosso tempo. A obra aborda a conjuntura da pandemia, os impactos produzidos na sociedade e a esperança de outro mundo pode e deve surgir desta crise.

que afetam o modo de viver humano e, consequentemente, a fé ou modo de se relacionar com Deus, tais como: o antropocentrismo, o hedonismo, o consumismo e o vazio existencial.

O antropocentrismo moderno e pós-moderno faz com que o ser humano se torne o centro das decisões e a medida de todas as coisas. Deste fenômeno decorrem ações humanas desmedidas que prejudicam o bem comum, inclusive à própria natureza. O homem "descobre-se sujeito e tem consciência de que ele transcende a natureza. É justamente nesta transcendência que se encontra propriamente o humano. E assim todos os problemas tendem a ser focalizados a partir do homem"⁴⁵. Este fenômeno traz uma maior valorização do ser humano. Contudo, quando mal interpretado, produz uma série de problemas interpessoais e sociais. O Papa Francisco na *Laudato Si*, chama a atenção para isto quando diz: "O antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano já não sente a natureza como norma válida nem como um refúgio vivente"⁴⁶. E ainda, "nos tempos modernos, verificouse um notável excesso antropocêntrico, que hoje, com outra roupagem, continua a minar toda a referência a algo em comum e qualquer tentativa de reforçar os laços sociais."⁴⁷.

O hedonismo, por sua vez, constitui um comportamento egoísta que desencadeia no homem moderno e pós-moderno a busca do prazer pelo próprio prazer. O Papa São João XXIII já alertava na *Mater et Magistra*: "Infelizmente, prevalecem hoje bastante a mentalidade e a tendência hedonistas, que pretendem reduzir a vida à busca do prazer e à satisfação completa de todas as paixões, com grave prejuízo para o espírito e até para o corpo"⁴⁸.

O consumismo também retrata uma face degradante da sociedade hodierna. O ser humano passa a ser movido e, às vezes, até mesmo valorizado, por aquilo que possui ou consome. "O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma técnico-econômico"⁴⁹. A teóloga contemporânea, Maria Clara Bingemer, afirma que "os verbos poder, saber, mandar, comprar, decidir, fazer, ser [...] são

⁴⁵ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 26.

⁴⁶ LS 115.

⁴⁷ LS 116.

⁴⁸ MM 234.

⁴⁹ LS 203.

conjugados na primeira pessoa do singular. Impera o individualismo em todas as relações. Cada um se acha senhor de sua própria vida"⁵⁰.

O vazio existencial é algo bem atual em nossa sociedade. O tédio, a depressão, a perda de sentido da vida, tudo isso pode caracterizar os reflexos deste vazio existencial na vida humana e na sociedade de hoje. O neuropsiquiatra, Victor Frankl, expõe que "o homem é, em virtude de sua autotranscedência, um ser em busca de sentido. No fundo é dominado por uma vontade de sentido" O Papa Francisco também destaca que "quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir" E quando se constata que a felicidade verdadeira não se encontra nestas coisas, torna a cair no vazio.

Os últimos anos (2020-2022) deste período pós-moderno podem ser caracterizados como, período pós-pandêmico. Este tempo foi para todo o planeta um momento de provação e superação coletiva. E demonstrou muitas realidades que precisam ser cuidadas e sanadas. As pessoas foram interpeladas a valorizar a vida e a sua dignidade, e ao mesmo tempo, o estudo para o alcance de soluções práticas para o fim da pandemia. Grande foi a oportunidade para que muitos voltassem os seus olhos tanto para a fé quanto para a razão. Sobre este período desafiador da história da humanidade, nos diz Maria Clara Bingemer:

a mística e a experiência de Deus, em tempos do coronavírus implica em dialogar com a ciência e deixar-lhe plena autonomia no campo e competência que lhe é próprio. Uma mística aprendida no sofrimento da pandemia deve trazer consigo esse respeito à criação de Deus e às maravilhas que a mente humana produz, sendo uma das mais importantes a ciência⁵³.

Em uma importante coletânea, denominada "Teresa de Lisieux: vida doutrina e ambiente", o teólogo contemporâneo, Cardeal Dannnels Godfried intui e indica, ao escrever, que "todos os problemas do homem pós-moderno se reduzem a um só: o da esperança. Podemos ainda esperar? Em cada rua, por trás da porta de pelo menos cada três casas, há alguém preocupado, se é que não está desesperado"⁵⁴. E, por isso, o ser humano, perdidamente, busca: a resposta, a felicidade, aquilo que lhe falta onde não se encontra a verdadeira alegria. O Papa Bento XVI nos recorda na Encíclica *Spes Salvi*: "o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se

⁵⁰ BINGEMER, M. C. L., Deus-amor, p. 50.

⁵¹ FRANKL, V., O sofrimento de uma vida sem sentido, p. 107.

⁵² LS 204.

⁵³ BINGEMER, M. C. L., Mística, espiritualidade e pandemia, p. 263.

⁵⁴ GODFRIED, D., Quem nos ensinará a esperança?, p. 5.

levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho"55. Sobre esta esperança tão necessária na vida humana, nos diz Santo Tomás de Aquino:

A esperança, em si mesma, pode coadjuvar a nossa atividade, tornando-a mais intensa. — Primeiro, em razão do seu objeto, o bem árduo possível. Pois, a consideração do árduo excita a atenção; e por outro lado, a consideração do possível não retarda o esforço. Donde se conclui que o homem age intensamente levado da esperança. — Segundo, em razão do seu efeito. Pois, a esperança, como já dissemos, causa o prazer, que nos coadjuva a atividade, conforme também já dissemos; e por isso mesmo a coadjuva⁵⁶.

"Há muito tempo que se está de acordo que só a crise econômica não pode explicar essa situação. O verdadeiro problema está noutro lado: não são os tempos que são maus, é a alma dos homens que está doente" Como um astronauta em uma capsula espacial, o ser humano, para manter o equilíbrio se apega a tudo o que vê pela frente e cai na tentação de se apoiar ou se apegar àquilo que não lhe sustenta. "Quem nos ensinará a esperança? Onde encontrar um modelo, algo que nos preceda através das trevas e das angústias da morte? Há em algum lugar um Doutor da esperança?" E a resposta é clara: "os santos puderam percorrer o grande caminho do ser-homem no modo como Cristo o percorreu antes de nós, porque estavam repletos da grande esperança". Santa Teresa de Lisieux vive, fortemente, esta esperança cristã. Esta pequena e, ao mesmo tempo, grande carmelita pôde dizer: "Espero naquele que é a virtude, a própria santidade". E ainda, "eu não cessava de esperar contra toda esperança". Teresa de Lisieux "identificou o caminho da esperança: é o caminho da santidade. A nossa sociedade depressiva só pode ser salva pelos santos".

Teresa abriu progressivamente um caminho que vai da fé ingênua da infância aos tormentos daqueles a quem Deus ama de tal maneira que os prova como o ouro no crisol. Descobriu como os caminhos do amor passam pelo sofrimento, que Belém está muito perto de Jerusalém, que a gruta do Natal dos ícones é estranhamente semelhante ao sepulcro escuro, que o Menino Jesus é, igualmente, a Santa Face⁶³.

⁵⁵ SS 1.

⁵⁶ ST I-II, 40, 8.

⁵⁷ GODFRIED, D., Quem nos ensinará a esperança?, p. 5.

⁵⁸ GODFRIED, D., Quem nos ensinará a esperança?, p. 5.

⁵⁹ SS 39.

⁶⁰ TERESA DE LISIEUX. MA 32 r.

⁶¹ TERESA DE LISIEUX. MA 64 v.

⁶² GODFRIED, D., Quem nos ensinará a esperança?, p. 5.

⁶³ GODFRIED, D., Quem nos ensinará a esperança?, p. 5.

Indicando a busca pela perfeição na caridade no mundo e no nosso cotidiano, São Josemaria Escrivá, grande devoto de Santa Teresinha, afirmava: "o ideal de orientar a sociedade com o espírito cristão não é um sonho irrealizável ou inútil"⁶⁴. Assim, a espiritualidade, as palavras e o testemunho de Teresa de Lisieux podem ser sinais de esperança e da própria presença do Deus de Amor entre os homens e as mulheres de nosso tempo.

2.1 Teresa de Lisieux: nascida em uma Igreja Doméstica

Manifestada e aprofundada no Concílio Vaticano II a expressão: "Igreja Doméstica" designa a família como núcleo eclesial primordial onde a fé é vivida e aprendida. Sendo assim, esta é considerada como uma verdadeira escola dos valores humanos e dos Mistérios de Deus que devem ser aprendidos e salvaguardados. "Na família, como em uma Igreja Doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, serem para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada"65. Assim, pôde nascer e crescer a pequena Teresa de Lisieux, em uma família — onde os seus pais Luís Martin e Zélia Guérin puderam transmitir os valores do Reino dos Céus a ela e às suas irmãs.

Teresa de Lisieux amou fortemente a sua família e soube levar este amor, posteriormente, para o Carmelo e para todos e todas que se tornaram destinatários do seu testemunho e de suas obras. Amou tanto os seus, ao ponto de dizer que não podia compreender os santos que não amavam a sua família⁶⁶. Na História da Salvação, chegada a Plenitude dos Tempos contemplamos e acolhemos o Verbo Encarnado, o próprio

Cristo que quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja outra coisa não é senão a "família de Deus". Desde as suas origens, o núcleo aglutinante da Igreja era, muitas vezes, constituído por aqueles que, com toda a sua casa, se tinham tornado crentes. Quando se convertiam, desejavam que também toda a sua casa fosse salva. Estas famílias, que passaram a ser crentes, eram pequenas ilhas de vida cristã no meio de um mundo descrente⁶⁷.

⁶⁴ ESCRIVÁ, J., É Cristo que passa, n. 183.

⁶⁵ LG 11.

⁶⁶ TERESA DE LISIEUX. CA 21/26.5.1.

⁶⁷ CEC 1655.

Em um mundo marcado pela descrença decorrente dos maus resultados do modernismo e da história, Deus continua a se servir da família como célula integrada e integradora para formar pessoas mais humanas e ainda mais voltadas para Ele. Por isso, São João Paulo II aponta na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*: "a família é a primeira e fundamental escola de sociabilidade: enquanto comunidade de amor, ela encontra no dom de si a lei que a guia e a faz crescer" E ainda acrescenta a importância desta instituição para o progresso humano e social:

A promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família torna-se a primeira e insubstituível escola de sociabilidade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor⁶⁹.

Neste mesmo sentido, Teresinha agradecia a Deus pelo dom de sua família ⁷⁰. Reconhecia que era um verdadeiro presente de Deus e manifestação do seu amor. Admirava a sua família por vê-la tão bonita, cristã e unida ⁷¹. E, de modo especial, pelo dom de seus pais que considerava mais dignos do Céu que da terra ⁷². Em sua "Igreja Doméstica" amadureceu de forma humana e espiritual. Pois, de fato, "o lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e uma escola de enriquecimento humano" Desde pequenina Teresa aprendeu a lidar com as mudanças e as dificuldades. Apesar da sua docilidade, medo, melancolia e fraqueza encontrou sempre força pra vencer os obstáculos que encontrou no caminho da vida" ⁷⁴. Teresinha, vivendo o seu dia a dia em família de maneira simples, sonhava em se entregar a Jesus para fazer parte da família de Deus eternamente ⁷⁵.

Seus pais, São Luís e Santa Zélia Guérin⁷⁶ eram piedosos e tementes a Deus. Buscavam, constantemente, a santidade e puderam alcançá-la ao ponto de terem suas virtudes reconhecidas pela Igreja. Foram beatificados em 19 de outubro de 2008. Nesta ocasião, Cardeal Saraiva destacou:

O casamento é uma das vocações mais nobres e mais elevadas a que os homens são chamados pela Providência. Luís e Zélia entenderam que podiam santificar-se

⁶⁸ FC 37.

⁶⁹ FC 43.

⁷⁰ TERESA DE LISIEUX. CT 139.

⁷¹ TERESA DE LISIEUX. CT 151; CT 172.

⁷² TERESA DE LISIEUX. CT 261.

⁷³ CEC 1657; GS 52.

⁷⁴ PEREIRA, A. M. A., O Pequeno Caminho de Teresa de Lisieux como via de acesso à Misericórdia de Deus, p. 16.

⁷⁵ TERESA DE LISIEUX. CT 142.

⁷⁶ Ele era relojoeiro; ela rendeira: de origem burguesa, santos por eleição. São eles: Luís Martin (1823-1894) e Zélia Guérin (1831-1877) os pais de Teresa do Menino Jesus. É o segundo casal de esposos depois de Luís e Maria Beltrame Quattrocchi, beatificados em 2001 por João Paulo II que é elevado às honras dos altares.

não *apesar* do casamento, mas *pelo*, *com* e *no* casamento, e que a sua união deveria ser considerada como o ponto de partida de uma ascensão de duas pessoas⁷⁷.

Os pais de Santa Teresinha receberam um ensino educacional religioso. Ele, nos Irmãos das Escolas Cristãs. Ela, nas Irmãs da Adoração Perpétua. Terminando os estudos, chega o momento de escolherem a profissão que iriam exercer. Luís faz a opção de se dedicar ao ofício de relojoeiro e Zélia se especializa na técnica de tecer rendas. E assim, ela abre uma pequena fábrica e obtém bom êxito com o empreendimento, fazendo com que seu esposo deixasse o seu ofício para ajudar a sua esposa em sua fábrica. O fato dele, como pai e homem, deixar o seu trabalho para auxiliar sua esposa, mulher, em pleno século XIX, é algo marcante e profundamente virtuoso, visto que a sociedade desta época era marcada pelo machismo.

Zélia e Luís vivenciaram profundamente a busca pela santidade no exercício de suas competências. "Santificar o trabalho próprio não é uma quimera, mas é missão de todo cristão, tua e minha" pois "todas as nossas ações devem visar o amor de Deus" O lar de Santa Teresinha é reflexo das maravilhas de Deus, fruto deste amor esponsal. No contexto do século XIX, por conta das más condições de serviço, o trabalho, muitas vezes, estava ligado a ideia de algo penoso, tal como um mal necessário. Contudo, a família Guérin fazia do trabalho um meio de santificação pessoal e familiar, por meio da prática virtuosa de seus respectivos ofícios. Isso nos leva a considerar que também hoje os pais e mães de família dedicando-se, assiduamente, pelo bem dos seus dão um genuíno testemunho de busca pela perfeição na caridade.

Tanto Zélia como Luís nutriram durante a juventude um profundo amor por Deus e pelo seu povo. Luís tenta ingressar na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, mas não foi aceito pois não sabia bem o latim. Já Zélia fez o discernimento vocacional para as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, mas entende que esta não seria a sua vocação. Passados alguns anos da juventude, os dois se conhecem, nutrem uma profunda amizade, tornam-se noivos e se casam. Em um primeiro momento Luís deseja viver um "casamento josefino" mas Zélia

⁷⁹ SCHÄFFER, G., http://guidoschaffer.com.br/espiritualidade/.

⁷⁷ CONGREGACIÓN PARA LAS CAUSAS DE LOS SANTOS. Homilia del Cardenal Saraiva, Beatificación de Luís Martin y Zélia Guérin, en 19 de octubre de 2008 (tradução nossa).

⁷⁸ ESCRIVÁ, J., Sulco 517.

⁸⁰ O chamado casamento josefino é aquele em que os cônjuges, de comum acordo, decidem manter a castidade, abstendo-se do relacionamento conjugal.

desejava ter muitos filhos. Instruídos pelo diretor espiritual decidem viver plenamente a graça do sacramento do matrimônio. Sobre a importância e a dimensão da vivência do amor erótico nos diz o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Amoris Laeticia*:

Isto nos leva a falar da vida sexual dos esposos. O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas. Quando se cultiva e evita o seu descontrole, fazemo-lo para impedir que se produza o "depauperamento de um valor autêntico". São João Paulo II rejeitou a ideia de que a doutrina da Igreja leve a "uma negação do valor do sexo humano" ou que o tolere simplesmente pela necessidade da procriação. A necessidade sexual dos esposos não é objeto de menosprezo, e «não se trata de modo algum de pôr em questão aquela necessidade ⁸¹.

Desta união conjugal nascem, providencialmente, nove filhos, quatro dos quais morrem prematuramente. Entre as cinco filhas que sobreviveram, está Teresa, a futura santa, que nasceu em 1873. Nota-se que a dor da perda dos filhos que partiram prematuramente, não os impediram de continuar a construção de sua família na fé e no amor. As irmãs de Santa Teresa de Lisieux, também, se tornaram religiosas de vida contemplativa, são elas: Maria Luísa (Irmã Maria do Sagrado Coração, OCD), Maria Paulina (Madre Inês de Jesus, OCD), Maria Leônia (Irmã Francisca Teresa, OVSM) e Maria Celina (Irmã Genoveva da Santa Face, OCD). Dentre elas, destaca-se, de modo especial, Maria Leônia, pois em 02 de julho de 2015, no Mosteiro da Visitação em Caen na França, Dom Jean-Claude Boulanger (então Bispo de Bayeux-Lisieux), abriu oficialmente a Causa de beatificação de Ir. Francisca Teresa (Maria Leônia), agora reverenciada como Serva de Deus⁸².

As recordações da carmelita sobre os seus pais são uma fonte preciosa para compreender a sua santidade. O casal Martin educou as suas filhas a tornarem-se não só boas cristãs, mas também honestas cidadãs. A Carta Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII lembra que "os filhos refletem a fisionomia de seus pais e são uma espécie de prolongamento da sua pessoa"⁸³. Neste sentido, podemos notar o reflexo na vida de suas filhas, das virtudes que eles cultivavam e da comunhão que eles tinham com Deus. Em conformidade com essa perspectiva, o teólogo francês e estudioso de Santa Teresa de Lisieux, Guy Gaucher destaca: "esse

⁸¹ AL 150.

⁸² Sobre a história e escritos da Irmã Francisca Teresa (Maria Leônia) há dois livros publicados no Brasil em pareceria com as edições carmelitas. São eles: PIAT, S. J. Leônia Martin. Ed. Cultor de Livros & Edições Carmelitas; e MARTIN, L. Correspondência Íntima. Ed. Cultor de Livros & Edições Carmelitas.

⁸³ RN 6.

coração amoroso e sensível, a inteligência, a coragem, o sentido da realidade e certo humor, Sta. Teresa herdou de sua mãe; já o espírito contemplativo, o amor pelo silêncio, vieram de seu pai"84.

Os Santos esposos Luís Martin e Maria Zélia Guérin viveram o serviço cristão na família, construindo dia após dia um ambiente cheio de fé e amor; e, neste clima, germinaram as vocações das filhas, nomeadamente a de Santa Teresinha do Menino Jesus⁸⁵.

Enaltecendo e percebendo a importância dos pais na vida dos filhos, diz Teresa de Lisieux: "assim como os passarinhos aprendem a cantar escutando seus pais, assim também as crianças aprendem a ciência das virtudes, o canto sublime do Amor Divino, junto às almas responsáveis por formá-las para a vida" 86. São Luís e Santa Zélia puderam ensinar para as suas filhas um genuíno cântico novo que é entoado por meio da vivência dos valores cristãos. Como pai e mãe de família, ou de uma Igreja Doméstica, foram instrumentos dóceis nas mãos do Pai do céu, viveram e exerceram o sacerdócio comum dos batizados por meio da paternidade e da maternidade. Neste sentido, nos diz o Catecismo da Igreja Católica, aprofundando algo muito claro e exposto no Concílio Vaticano II:

É aqui que se exerce, de modo privilegiado, *o sacerdócio batismal* do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade efetiva⁸⁷.

Do mesmo modo, os pais e mães de família do tempo atual são vocacionados ao testemunho da santidade. Para isso, a vida dos pais de Santa Teresa serve de estímulo e exemplo na caminhada. Luís Martin "foi verdadeiramente entregue a Deus no esquecimento de si e numa magnânima generosidade, na simplicidade que desabrochava na extraordinária oração que revela o sentido do resto"88. São Luís pôde viver a sua entrega de vida e a sua busca pela santidade como pai de família. "Não somente como genitor e educador, mas por suas virtudes, sua bondade, o Sr. Martin é a imagem da bondade do Pai Celeste"89. Em meio aos sofrimentos, demonstrou a comunhão estabelecida à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dentre os quais, podemos destacar a perda de Santa Zélia que morre com câncer de

⁸⁴ GAUCHER, G., Ce qui Thérèse doit à ses parents, p. 68 (tradução nossa).

⁸⁵ Homilia do Papa Francisco, por ocasião da Canonização de Luís Martin e Zélia Guérin, em 18 de outubro de 2015.

⁸⁶ TERESA DE LISIEUX. MA 53 r.

⁸⁷ CEC 1657; LG 10.

⁸⁸ CADÉOT, R., Louis Martin, p. 7.

⁸⁹ CADÉOT, R., Louis Martin, p. 15.

mama e, posteriormente, um grave problema psiquiátrico que o afeta. Ainda assim, "no decorrer de sua doença e à sua entrada no (Hospital) Bom Salvador, o Sr. Martin se tornou para as suas filhas a imagem do servo sofredor de Isaías (Is 53), imagem do Senhor coroado de espinhos, desprezado, ultrajado, com o rosto intumescido"⁹⁰. De fato, ao manifestar sua pertença a Deus e o seu amor fiel à sua família, foi um pai incomparável. Zélia Guérin igualmente manifesta aos olhos do mundo um grande testemunho como mulher, esposa, mãe e trabalhadora. "Sua personalidade caracterizava-se pela sinceridade d'alma. Não escondia seus temores, cansaços e preocupações [...], era uma mulher forte, que não se deixava abater"⁹¹. Uma verdadeira caridade fraterna era vivida por Zélia não só em sua casa, mas também na sociedade de sua época, onde estava inserida: "ajudava seus empregados, quando estes se encontravam em dificuldades, atendia a idosos e pobres que vinham solicitar algum auxílio"⁹².

De modo sábio e providencial, as Irmãs Carmelitas de Lisieux reuniram os escritos sobre a família de autoria de Maria Celina (que no Carmelo recebeu nome de Ir. Genoveva da Santa Face, OCD) e publicaram, de maneira especial, uma obra intitulada: "Zélia Guérin: A mãe de Santa Teresa do Menino Jesus". Nesta obra ela lembra:

Nossa mãe ocupava-se ativamente de nossa educação. Lembro-me que fazia conosco a oração da manhã e da noite e ensinava-nos principalmente esta fórmula de oferecimento do dia: Meu Deus, dou-vos o meu coração, tomai-o, eu vos peço, a fim de que nenhuma criatura o possua a não ser Vós, meu bom Jesus 93.

O Concílio Vaticano II nos lembra que "a liturgia é, simultaneamente, a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força"⁹⁴. Era exatamente esta a fonte que alimentava a fé da família Martin. Na Assembleia Litúrgica, na Fração do Pão encontravam-se com o Cristo Ressuscitado. "A Liturgia impele os fiéis, saciados pelos mistérios pascais, a viverem unidos no amor"⁹⁵. Nesta mesma direção, Ir. Genoveva da Santa Face destaca:

Mamãe levava vida de piedade profunda. Todas as manhãs, caso não houvesse impedimento, assistia com meu pai à Missa de cinco e meia, em que comungavam

⁹⁰ CADÉOT, R., Louis Martin, p. 16.

⁹¹ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 59.

⁹² PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 65.

⁹³ IR. GENOVEVA DA SANTA FACE. Zélia Guérin, p. 17.

⁹⁴ SC 10.

⁹⁵ SC 10.

juntos, sempre que lhes permitia o costume do tempo. Aos domingos iam à Missa solene e às Vésperas. Ela interrompia, sem cerimônias, visitas ou ocupações para assistir a esse último ofício, tão frequentemente negligenciado por muitos cristãos. [...] Era em família que rezávamos as orações da manhã e da noite⁹⁶.

O Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, faz referência à importância e à força eucarística para a vida e a missão familiar:

Dirijo um particular encorajamento às famílias a haurirem inspiração e força deste sacramento: o amor entre o homem e a mulher, o acolhimento da vida, a missão educadora aparecem como âmbitos privilegiados onde a Eucaristia pode mostrar a sua capacidade de transformar e encher de significado a existência⁹⁷.

Do mesmo modo, a Igreja Doméstica, onde nasce e cresce Teresa de Lisieux, torna-se "eucaristizada", sendo assim sinal visível das maravilhas de Deus. As raízes de fortaleza e santidade desta família, assim sendo, estavam em Deus mesmo. "A Eucaristia une o céu e a terra. [...] O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador"98. Teresinha pôde fazer esta experiência com estes sacramentos que fluem do Corpo Místico de Cristo, de modo especial, por meio da Eucaristia e do Crisma. A Primeira participação na Fração do Pão despertou-a para um profundo amor à Jesus na Eucaristia⁹⁹, "a partir desse momento a Eucaristia torna-se o centro de sua existência" 100. O Sacramento da Confirmação, por sua vez, entre tantos efeitos, dános uma força especial do Espírito Santo para "propagarmos e defendermos a fé, pela palavra e pela ação, como verdadeiras testemunhas de Cristo, para confessarmos com valentia o nome de Cristo, e para nunca nos envergonharmos da cruz"¹⁰¹. Do mesmo modo, Teresinha, em sua entrega de vida ao Espírito do Senhor, relata sua experiência:

Eu me preparara com muito cuidado para receber a visita do Espírito Santo. Não compreendia que não se desse uma grande atenção à recepção desse sacramento de Amor... Enfim o feliz momento chegou; não senti um vento impetuoso no momento da descida do Santo Espírito, mas essa brisa leve da qual o profeta Elias ouvia o murmúrio sobre o monte Horeb...Nesse dia recebi a força de sofrer, pois, logo após, o martírio de minha alma devia começar... ¹⁰².

⁹⁶ IR. GENOVEVA DA SANTA FACE. Zélia Guérin, p. 37.

⁹⁷ SAC 79.

⁹⁸ LS 236.

⁹⁹ TERESA DE LISIEUX. MA 36 r.

¹⁰⁰ BENTO XVI. Teresa de Lisieux – doutora da Igreja. Discurso da Audiência Geral em 06/04/2011.

¹⁰¹ CEC 1303.

 $^{^{102}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 36 v-37 r.

"Em cada celebração eucarística, realiza-se sacramentalmente a unificação escatológica do povo de Deus. Para nós católicos, o banquete eucarístico é uma antecipação real do banquete final"¹⁰³. Intimamente unida a Deus pela vida sacramental, chega a hora da mãe de Santa Teresa de Lisieux fazer a sua Páscoa. Por meio deste sacramento foi fortalecida na fé, na esperança e na caridade. E no dia 20 de agosto de 1877, Zélia morre aos quarenta e seis anos com um câncer de mama. Nesta ocasião, Teresinha tinha apenas quatro anos e é testemunha ocular do sacramento Unção dos enfermos que sua mãe recebe na hora da despedida ¹⁰⁴. A perda de sua mãe foi algo muito difícil para a pequena Teresa, "este sofrimento produz um choque psicológico e psíquico, choque terrível, um choque afetivo muito forte"¹⁰⁵. Após o sepultamento de Zélia, Paulina (a segunda mais velha, futura Madre Inês) reúne as irmãs e coloca a pequena Teresa em seu colo, que por sua vez, a escolhe e a tem daí em diante como uma segunda mãe¹⁰⁶. Uma segunda provação foi despedir-se de Paulina depois que esta decide ingressar no Carmelo¹⁰⁷.

Teresa de Lisieux cresce e quando estava com os seus dez anos, ainda trazia consigo uma tristeza grande por conta da perda de sua mãe, tal como uma depressão.

Todos se mobilizavam em torno de Teresa: pai, irmãs, tios, religiosas do Carmelo e, dentre essas, principalmente, Paulina. [...] A medicina mostrava-se impotente para curar Teresa. Assim, só restavam as orações. O Pai então solicita uma Novena de missas ao santuário de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris ¹⁰⁸.

No domingo de Pentecostes, em 13 de maio de 1883¹⁰⁹, Teresinha por conta deste problema se encontra debilitada. Chamava: Mamãe, mamãe!!¹¹⁰. Ela tinha em seu quarto, ao lado de seu leito, a Imagem da Virgem Santíssima, venerada sobre o título de Nossa Senhora das Vitórias, neste momento ela relata que, de fato, sofria muito. Na vida desta santa carmelita não há tantos sinais extraordinários. No entanto, neste dia, acontece o chamado Milagre de Nossa Senhora:

Ao não encontrar nenhum socorro na terra, a pobre Teresinha voltara-se para sua Mãe do Céu, pedia-lhe de todo o seu coração que tivesse piedade dela... De repente a Santíssima Virgem me apareceu bela, tão bela como eu nunca vira nada tão belo, seu rosto respirava uma bondade e uma ternura inefável, mas o que me penetrou até

¹⁰⁴ TERESA DE LISIEUX. MA 12 v.

¹⁰³ SAC 31.

¹⁰⁵ MARIA-EUGÊNIO., Para a alegria de Deus, p. 65.

¹⁰⁶ TERESA DE LISIEUX. MA 13 r.

 $^{^{107}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 22 v-23 r.

¹⁰⁸ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 115.

¹⁰⁹ Data que a partir de 1917 ficará marcada e lembrada pela Primeira Aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos: Santa Jacinta Marto, São Francisco Marto e Lúcia que se torna, também, uma monja carmelita.

¹¹⁰ TERESA DE LISIEUX. MA 30 r.

o fundo da alma foi o arrebatador sorriso da Sta. Virgem. Então todas as minhas penas lágrimas de uma desvaneceram-se, duas grossas lágrimas jorraram de minhas pálpebras e correram silenciosamente pelas minhas faces, mas eram alegria sem mistura... Ah! pensei", a Sta. Virgem sorriu para mim, como estou feliz.¹¹¹

Diante desta experiência, sua doença se aparta e todos podem perceber que havia sido curada. Uma alegria e uma paz envolvem sua vida. A partir deste momento ela chamará esta imagem da Virgem, de modo especial, de Nossa Senhora do Sorriso. Seguindo esta devoção, muitas pessoas que hoje sofrem do mal da depressão suplicam a sua intercessão. Precisamente, sobre esta experiência que Santa Teresinha faz com Nossa Senhora nos diz o pesquisador Pedro Penna:

Com relação a esse acontecimento, médicos e teólogos cada um em seu campo específico, apresentam suas explicações. Sem dúvida, foi um momento em que o humano e o sobrenatural estiveram presentes. Com relação a essa dupla presença ou participação comunicativa, faço referência ao excelente texto: A Estrutura Antropológica das Revelações Privadas, contido na publicação: "A Mensagem de Fátima", Vaticano, 2000, pp. 35 a 37. Elaborada pela Congregação para a Doutrina da Fé, presidida pelo então Cardeal Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI, distingue, no âmbito das revelações privadas e com base na antropologia teológica, três formas de percepção ou "visão": a visão pelos sentidos, ou seja, a percepção externa corpórea; a percepção interior; e a visão espiritual, que acontece nos altos graus da mística. Como revela o texto: "A percepção interior significa que a alma recebe o toque suave de algo real, mas que está para além do sensível, tornando-a capaz de ver o não-sensível, o não-visível aos sentidos: uma visão através dos 'sentidos internos'. Trata-se de verdadeiros objetos' que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual". (Obs: o termo "objeto", acima citado, não tem o sentido utilizado na teoria psicanalítica). É interessante observar como Teresa refere-se a sua visão do sorriso de Nossa Senhora: "...mas o que me invadiu até o fundo da alma foi o encantador sorriso da Virgem Maria", o que permite admitir a hipótese de ela ter tido uma visão na categoria intermediária, ou seja, a da "percepção interior", conforme expressão do texto da publicação do Vaticano, acima citada 112.

Depois de alguns anos, já no Carmelo, ao redigir História de uma Alma, Teresa de Lisieux se põe a pensar a origem deste mal que sofrera no passado. Para ela, em sua reflexão, não havia dúvidas de que se tratavam de uma forte investida diabólica. Ela diz: "A doença da qual fui acometida vinha certamente do demônio" Ela inda, "estou persuadida, agora, de que era obra do demônio. Creio que o demônio recebera um poder exterior sobre mim, mas que ele não podia aproximar-se da minha alma nem da minha mente" E ela em sua conjectura, também intui o motivo desta ação do mal: "furioso de vossa (Paulina) entrada no Carmelo quis vingar-se em mim do dano que nossa família devia fazer-lhe no

¹¹¹ TERESA DE LISIEUX. MA 30 r-30v.

¹¹² PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 117.

¹¹³ TERESA DE LISIEUX. MA 27 r.

 $^{^{114}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 28 v.

futuro"115. O teólogo contemporâneo, Pedro Teixeira Cavalcante destaca: "é preciso afirmar que a atitude de Santa Teresinha diante do demônio e de suas armadilhas foi sempre a mesma: nenhum temor, antes, certeza de que ele nada podia contra ela"¹¹⁶. Assim, podemos entender que de um modo, de fato, o demônio pode ter se servido deste mal-estar de Teresa de Lisieux, para de algum modo atrapalhar seu crescimento humano e espiritual. Angel de les Gavarres, estudioso da santa carmelita, confirma esta perspectiva, de modo especial, quando afirma: "Descartadas todas as possibilidades, não resta dúvidas em atribuir a uma causa preternatural as alucinações pavorosas e os violentos movimentos dos membros corporais que a santa padeceu"117. Por isso, "quando se fala de uma possível intervenção diabólica, a Igreja sempre abre espaço, tanto ao milagre, quanto para a exigência crítica. Nesta matéria, exige reserva e prudência" 118. Sobre a grande luta que o cristão deve travar contra o demônio, destaca a Exortação Apostólica Gaudete et exsultate: "A vida cristã é uma luta permanente. Requer-se força e coragem para resistir às tentações do demônio e anunciar o Evangelho. Esta luta é magnífica, porque nos permite cantar vitória todas as vezes que o Senhor triunfa na nossa vida" 119. E sobre a existência real do demônio, também, se diz: "Então, não pensemos que seja um mito, uma representação, um símbolo, uma figura ou uma ideia. Este engano leva-nos a diminuir a vigilância, a descuidar-nos e a ficar mais expostos"120.

Teresa de Lisieux surge para a sua época, mas, igualmente, para o nosso tempo, como exemplo de mulher que luta pelos seus ideais, que reivindica o seu espaço e chama a atenção para a figura feminina. Desde o século de Teresinha (séc. XIX) até o atual (séc. XXI), podemos perceber situações difíceis que se levantam contra a vida das mulheres, tais como: diferença no tratamento, disparidade nas condições de trabalho, abusos etc. Teresa de Lisieux, ainda bem jovem, na peregrinação que faz com sua família para Itália percebe bem isso, é sensível a esta

¹¹⁵ TERESA DE LISIEUX. MA 27 r.

¹¹⁶ CAVALCANTE, P. T., Demônio, p. 179.

¹¹⁷ GAVARRES, A., Carisma de Teresa de Lisieux, p. 60.

¹¹⁸ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. Fede Cristiana e demonologia. In: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_1975062 fede-cristiana-demonologia it.html

¹¹⁹ GE 158.

¹²⁰ GE 161.

realidade e não se conforma com o modo com que as mulheres eram tratadas. Assim, ela destaca, de maneira categórica, em sua autobiografia:

Não posso compreender por que as mulheres são tão facilmente excomungadas na Itália, a cada instante se nos dizia: 'Não entre aqui...Não entre ali...vocês serão excomungadas!...' Ah, as pobres mulheres, como elas são menosprezadas!... Contudo, elas amam o Bom Deus em bem maior número do que os homens e, durante a Paixão de Nosso Senhor, as mulheres tiveram mais coragem do que os apóstolos, pois elas enfrentaram os insultos dos soldados e ousaram enxugar a Face adorável de Jesus... É sem dúvida por isso que ele permite que o menosprezo seja sua partilha nesta terra, porque ele o escolheu para si mesmo... No céu ele saberá mostrar que seus pensamentos não são os dos homens, pois então os últimos serão os primeiros... Mais de uma vez, durante a viagem, não tive a paciência de esperar o céu para ser a primeira... Um dia, quando visitávamos um mosteiro de carmelitas, não me contentando de seguir os peregrinos pelas galerias exteriores, avancei para os claustros interiores... de repente, vi um bom velho carmelita que, de longe, fazia-me sinal para me afastar, mas em lugar de ir-me embora, eu me aproximei dele e mostrando os quadros do claustro, fiz-lhe sinal que eram belos. Ele reconheceu sem dúvida pelos meus cabelos até os ombros e pelo meu jeito jovem que eu era uma criança, ele me sorriu com bondade e se afastou, vendo que não tinha uma inimiga diante dele; se eu tivesse podido lhe falar em italiano, ter-lhe-ia dito ser uma futura carmelita, mas por causa dos construtores da torre de Babel, foi-me impossível¹²¹.

Esta particularidade de perceber a importância e o espaço onde as mulheres deveriam estar; bem como, "a sensibilidade de Teresa de Lisieux e sua religiosidade encontram-se essencialmente ligadas ao amor cristão" 122. O Cristo que ama e que, do mesmo modo, reconhece a importância do discipulado e da presença feminina na Igreja e no mundo, torna-se modelo e inspiração de inclusão para todos os tempos. A Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, de São João Paulo II, confirma esta perspectiva quando destaca: "Admite-se universalmente — e até por parte de quem se posiciona criticamente diante da mensagem cristã — que Cristo se constituiu, perante os seus contemporâneos, promotor da verdadeira dignidade da mulher e da vocação correspondente a tal dignidade" 123. Essa realidade social não passa desapercebida aos olhos de Teresa de Lisieux. Ela "não escreveu uma teologia da mulher, mas a totalidade de sua vida e de seus escritos podem ser considerados, de modo fenomenológico, como uma teologia da mulher, assim como a sua santidade feminina é uma manifestação de sua beleza" 124, explica a teóloga argentina Virginia Azcuy.

¹²¹ TERESA DE LISIEUX. MA 66 v.

¹²² MONTEIRO, D. M.; CAMPOS, P. F. S., Mulheres religiosas: sensibilidade e amor nos escritos de Teresa de Lisieux, p. 133.

¹²³ MD 12.

¹²⁴ AZCUY, V. R., Teresa de Lisieux, la teologia existencial de uma mujer, p. 105-106. (tradução nossa).

Por meio deste forte amor, cultivado no seio da casa de Alençon, Teresinha continuará, decididamente, o seu discipulado a Cristo no Carmelo. A filha mais nova de Luís Martin e de Zélia Guérin deseja dar mais um sim ao Deus que lhe vocaciona, "empreende no Carmelo o caminho da perfeição traçado pela Madre Fundadora, Teresa de Jesus, com autêntico fervor e fidelidade, no cumprimento dos diversos serviços comunitários que lhes são confiados" e, para lá move os seus passos.

2.2 Santa Teresa de Lisieux: discípula de Jesus no Carmelo

Com profunda ousadia e amor pelo chamado de Deus, quando a família Guérin realizou uma peregrinação à Roma, Teresa de Lisieux, com os seus quinze anos de idade, dirige-se ao Papa Leão XIII para pedir a permissão canônica extraordinária para o seu ingresso no Carmelo 126. Era grande o seu desejo de se consagrar inteiramente a Deus como monja carmelita. Diante do pedido da jovem adolescente, o Papa responde, primeiramente: "Pois, então, minha filha, fazei o que os superiores vos disserem". E, logo depois, mediante a insistência da jovem ele diz: "Vamos... Vamos... vós entrareis se Deus quiser" 127.

Passado pouco tempo, vem a resposta positiva que sinalizava a permissão do Carmelo para a sua entrada, em uma segunda-feira, 9 de abril de 1888, dia da Festa da anunciação¹²⁸. Neste dia, com alegria profunda, Teresa de Lisieux dizia:

¹²⁵ DAS 5.

¹²⁶ Carmelo: do Hebraico *Karmel*, significa "vinha do Senhor" ou "jardim do Senhor". É tido, pela Sagrada Escritura, como um lugar de grandes teofanias. No Antigo Testamento, o Monte Carmelo é citado como o lugar onde Elias derrotou os profetas Baal, levando, novamente, o povo de Israel à obediência a Deus (I Rs 18, 20-40). Foi, também, no Monte Carmelo que Elias fez descer fogo do céu, que consumiu por duas vezes os 50 soldados com o seu capitão, que o rei Acazias tinha mandado ali para prender o profeta, em virtude de ter este feito parar os seus mensageiros que iam consultar Baal Zebub, deus de Ecrom (II Rs 1, 9 -15). No Monte Carmelo, a mulher sunamita que perdera seu filho foi encontrar-se com o profeta Eliseu para entender a sua perda (II Rs 4, 8-31).

O Monte Carmelo, também, é o local de origem da Ordem Carmelita. Lá viviam eremitas entregues à oração e à penitência, inspirados no exemplo de vida austera do profeta Elias.

Esses eremitas, que, ali, construíram uma capela dedicada à Nossa Senhora do Carmo, teriam dado origem à ordem e à devoção a Nossa Senhora do Carmo. Com a perseguição muçulmana no século XII, a ordem e a devoção teriam se espalhado pelo Ocidente. Neste mesmo período há uma Aparição de Nossa Senhora que entrega o escapulário a São Simão Stock, dizendo: "Este será o privilégio para ti e todos os carmelitas; quem morrer vestindo-o, se salvará". A partir de então a ordem começa a crescer ainda mais por vários lugares do mundo, mesmo em meio às perseguições.

Com o decorrer do tempo, o termo "Carmelo" torna-se a forma mais abreviada de se referir, também, à Ordem Carmelita, da qual Teresa de Lisieux fez parte.

¹²⁷ TERESA DE LISIEUX. MA 63 v.

¹²⁸ A Festa da Anunciação é, comumente, celebrada no dia 25 de março (9 meses antes do Natal), mas neste ano fora postergada por conta do Tempo Quaresmal.

"É para sempre, sempre que estarei aqui" 129 A filha mais nova de Luís e Zélia, de maneira profética, continuaria o seu discipulado a Cristo junto às irmãs carmelitas. Estas discípulas são convidadas a "contemplar Jesus exaltado na Cruz, a partir da qual o Verbo saído do silêncio, no seu silêncio e solidão, proclama profeticamente a transcendência absoluta de Deus¹³⁰.

O principal objetivo da ordem do Carmelo é amar a Deus e viver na presença d'Ele, este objetivo conduz os seus membros ao silêncio, à solidão, ao afastamento das coisas mundanas, à oração contínua e à meditação das verdades eternas. O cuidado da oração, por sua vez, determina para a carmelita a qualidade de sua vida comunitária e a dedicação no serviço aos outros. A oração e a contemplação para a carmelita não é um fato privado entre Deus e a pessoa, mas um dom a ser partilhado com cada pessoa, pois os carismas são dados para o bem de toda a comunidade.

A Regra do Carmelo recorda que a finalidade de toda forma de vida religiosa é viver em obséquio de Jesus Cristo. Santa Teresa de Jesus, partindo de sua história de vida carmelitana e da própria experiência pessoal de encontro com Cristo, traduz o obséquio de Jesus Cristo por amizade com o amado¹³¹.

No Carmelo as consagradas têm a oportunidade e alegria de viver o seguimento de Jesus Cristo: na intimidade divina da contemplação, na união fraterna, nos trabalhos ordinários do cotidiano, no amor intercessor, e na vivência da obediência, da castidade e da pobreza. O cotidiano das monjas no Carmelo de Lisieux, onde ingressa Teresinha, era vivido da seguinte forma:

O dia da comunidade compreendia cerca de seis horas e meia de oração; meia hora de leituras espirituais; cinco horas de atividade dedicada a um trabalho específico; duas horas de recreação comunitária; cerca de quarenta e cinco minutos para as refeições (em silêncio e acompanhadas de leitura em voz alta, feita por uma irmã); uma hora de tempo livre; e seis a sete horas de sono, dependendo da estação, verão ou inverno, respectivamente¹³².

Ao ingressar na vida religiosa contemplativa, o postulantado torna-se a primeira das grandes etapas que marcam a progressiva adaptação à vida carmelita. Teresa de Lisieux viveu com intensa alegria os seus momentos iniciais no Carmelo e realizava, com muita responsabilidade, os deveres de seu estado de vida. Contudo, este tempo também foi assinalado como um período de provações em sua trajetória. Diante das contrariedades, ela mesma pôde dizer: "os meus primeiros passos

¹²⁹ TERESA DE LISIEUX. MA 69 v.

¹³⁰ VC 23.

¹³¹ https://carmelitasdescalcos.com.br/quem-somos/.

¹³² PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 167.

encontram mais espinhos do que rosas... Jesus me fez compreender que era pela cruz que ele me queria dar almas"¹³³.

A determinada decisão, o espírito de resiliência e a virtude da fortaleza sempre estiveram presentes na vida da jovem postulante de Lisieux. Ela mesma testemunha: "Encontrei a vida religiosa tal como tinha imaginado. Nenhum sacrifício me espantou" Ela soube encarnar bem em sua vida as palavras do salmista: Eis-me aqui, Senhor, para fazer a tua vontade (S1 39, 8-9). A santa carmelita não somente ofertou os seus sacrifícios a Deus e aos irmãos, como também deixou a todos, verdadeiros ensinamentos sobre as contrariedades que devem ser enfrentadas e superadas. Ela nos indica que "o amor se alimenta de sacrifícios" nos aconselha "a fazer da nossa vida um sacrifício contínuo" a sacrifício contínuo" a fazer da nossa vida um sacrifício contínuo" a sacrifício contínuo" e sacrifícios e irmãos e irmãos e irmãos e irmãos.

Teresa de Lisieux é conduzida e fortalecida pelo Espírito em cada resposta de sua vocação. Todavia, estar amparada pela graça de Deus não a priva de sentir as dores das contrariedades. Podemos destacar como uma primeira contrariedade, no tempo de Carmelo, a enfermidade de seu pai, Luís Martin, que no dia 1º de maio de 1887 sofre um acidente vascular cerebral bem agressivo e deste problema decorreram alguns outros mais. A santa carmelita, por sua vez, demonstra a sua dor, mas ao mesmo tempo, sua disposição humana e espiritual para enfrentar o que fosse: "sofro muito, mas sei que posso suportar ainda mais sofrimentos" 138.

Uma segunda contrariedade deste tempo inicial de Teresa no Carmelo é a adaptação à vida comunitária. A vida em comunidade é um verdadeiro dom. "A vida fraterna, concebida como vida partilhada no amor, é sinal eloquente da comunhão eclesial" considera a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* de João Paulo II. No entanto, há os seus desafios, tais como: a convivência com pessoas difíceis, a paciência com as imperfeições alheias e as próprias, a capacidade de renunciar a sua vontade pelo bem do próximo, a superação das dependências. O tempo no Carmelo é um período de crescimento humano e espiritual para Teresa de Lisieux. Ela mesma se compara a um "pequeno caniço" que é débil, mas ao mesmo

¹³³ TERESA DE LISIEUX. MA 69 v.

¹³⁴ TERESA DE LISIEUX. MA 69 v.

¹³⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 21 v.

¹³⁶ TERESA DE LISIEUX. CT 96.

¹³⁷ TERESA DE LISIEUX. CT 241; OR 8.

¹³⁸ TERESA DE LISIEUX. MA 73 v.

¹³⁹ VC 48.

tempo pode vergar em outras direções: "sim, desejo essas angústias do coração, essas alfinetadas... Que importa ao pequeno caniço vergar-se. Não tem medo de se quebrar, pois foi plantado à beira das águas. É a sua debilidade que constitui toda a sua confiança"¹⁴⁰.

Uma outra contrariedade é a dependência pessoal afetiva que lhe tentava para que ela pedisse licenças, liberações nos momentos em que deveria estar em silêncio ou a sós com Deus em sua cela. Neste sentido, "ajudando a dominar e a corrigir as tendências da natureza humana ferida pelo pecado, a ascese é verdadeiramente indispensável para a pessoa consagrada permanecer fiel à própria vocação e seguir Jesus pelo caminho da Cruz"¹⁴¹. A santa carmelita demonstra decisão e disposição de superar a si mesma também neste ponto de luta. Pois, "também se torna necessário identificar e vencer algumas tentações que às vezes se apresentam, por insídia diabólica, sob a falsa aparência de bem"¹⁴². Este gesto de superação de si mesma, fica claro quando ela relata à Madre os desafios do postulantado:

Lembro-me de que, sendo postulante, tinha, por vezes, tão violentas tentações de entrar na vossa cela para me consolar e encontrar algumas gotas de alegria, que me via obrigada a passar rapidamente diante do ofício e de me agarrar ao corrimão da escada. Vinham-me ao espírito uma multidão de licenças para pedir... arranjava mil razões para contentar a minha natureza¹⁴³.

Portanto, podemos dizer que em sua vida de discipulado a Cristo no Carmelo ela pôde se encontrar com Ele e consigo mesma, inclusive nestes momentos em que deveria estar a sós com o Mestre. Neste sentido, destaca o teólogo argentino, Víctor Manuel Fernández: "Quando se enfrenta até o fundo sua solidão interior, descobrese que aí está o Senhor batendo à porta, com toda a força curativa de seu amor divino"¹⁴⁴. De fato, Teresa de Lisieux faz essa experiência e isso é destacado em seu Processo de Canonização: "Ela punha em prática este conselho da Imitação de Jesus Cristo: Fecha a porta atrás de si e chama o seu amado Jesus"¹⁴⁵. E a própria santa carmelita confessa: "Hoje, quando gozo da solidão do Carmelo repousandome à sombra daquele que tão ardentemente desejei, acho ter comprado minha

¹⁴⁰ TERESA DE LISIEUX. CT 55.

¹⁴¹ VC 38.

¹⁴² VC 38.

¹⁴³ TERESA DE LISIEUX. MG 22 r.

¹⁴⁴ FERNÁNDEZ, V. M., A força restauradora da mística, p. 25.

¹⁴⁵ Procès de Beatification et Canonization de Sainte Thèrése de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face II, n. 352 (tradução nossa).

felicidade e estaria pronta a suportar maiores penas para adquiri-la se não a tivesse ainda!"¹⁴⁶.

Nas atividades do cotidiano mais desafiadoras, ela supera o medo de lidar com algumas situações. Quando já estava acamada por conta da tuberculose, ela realiza muitas partilhas com a sua Madre. A Madre, destaca: "falou-me da violência que fazia a si mesma para retirar as teias de aranha [...] sob a escada (tinha pavor de aranhas), e mil outros detalhes que provavam quanto fora fiel em tudo o que tinha sofrido, sem que ninguém percebesse" 147.

Em seu tempo de discipulado a Cristo, no Carmelo, também experimentou muitas alegrias, por meio de sua oferta de vida diária. Segundo o Cardeal Garrone:

A alegria na alma de santa Teresa é um verdadeiro mistério. Não é possível duvidar que esteja presente, profunda e intensamente nessa alma cuja fisionomia assaz a testemunha, e onde tantos homens souberam reconhecer uma outra presença capaz de dar à vida seu verdadeiro sentido¹⁴⁸.

Um modo de manifestar esta grande alegria humana e espiritual era, justamente, por meio da arte. O chamado recreio (momento de partilha, tertúlia e vida fraterna entre as irmãs) era para ela um momento propício para demonstrar e colocar os seus dons a serviço. Teresa de Lisieux era uma escritora e diretora de peças teatrais e, ao mesmo tempo, atuava nestas mesmas peças. "O abrir seu coração não se limitava aos diálogos, às letras das canções, mas também à viva intensidade que transmitia às personagens que representava e que despertava a emoção na plateia" Tais ocasiões, sem se distanciar da finalidade lúdica, mantinham um fundo espiritual. Segundo a perspectiva e intenção de Teresa D'Ávila, reformadora do Carmelo, "era que esse momento fosse de alegre congraçamento, em que predominasse a caridade, rompendo a monotonia dos dias [...], as atividades recreativas passam a ser parte integrante da vida das religiosas" Teresa de Lisieux escreveu oito peças teatrais. Estas peças, em suas Obras Completas, são chamadas de "Recreações Piedosas" ou "Recreios Piedosos" ou "Recreios Piedosos"

 $^{^{146}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 53 v.

¹⁴⁷ TERESA DE LISIEUX. CA 13.7.

¹⁴⁸ GARRONE, G. M., Teresa de Lisieux e a alegria de crer, p. 259.

¹⁴⁹ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 347.

¹⁵⁰ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 344.

As peças que Santa Teresa de Lisieux escreveu, também chamadas de Recreações Piedosas, são: A missão de Joana d'Arc; Os anjos no presépio de Jesus; Joana d'Arc cumprindo sua Missão; Jesus em Betânia; O divino pequeno mendigo de Natal pedindo esmola às Carmelitas; A fuga para o Egito; O triunfo da humildade; e Santo Estanislau Kostka.

A arte, de modo geral, traz consigo uma força. É uma representação exterior do que há no interior. E, ao mesmo tempo, é um modo de representar aquilo que foi captado pelos sentidos e de alguma forma valorizado. A arte tenta retratar, em outras palavras, tanto o imanente como o transcendente. Quanto à sua potência, tem a capacidade de atrair os olhares, abrir a mente e conquistar corações. É uma forma de falar de Deus e de espiritualidade. Teresa de Lisieux entende bem isso e, por sua vez, através destas composições teatrais traz algumas de suas intuições, pois "aproveita as apresentações para trazer à comunidade alguns de seus pensamentos, ainda que veladamente [...]: o amor a Cristo; a caridade fraterna; a oração pelos pecadores e padres, o espírito missionário e a humildade" 152.

No Carmelo de Lisieux é onde a santa carmelita escreve as suas outras obras. Ela "deixou-nos escritos que justamente lhe merecem a qualificação de mestra da vida espiritual"¹⁵³, diz o Papa São João Paulo II. A obra principal, sem dúvidas, é a sua autobiografia, chamada "História de uma alma" (narração de sua vida em três partes ou em três manuscritos: A = Manuscrito dirigido a Agnes (Madre Agnes ou Madre Inês); G = Manuscrito dirigido a Gonzaga (Madre Gonzaga) e M = Manuscrito dirigido a Maria (Ir. Maria do Sagrado Coração)¹⁵⁴. A pedido de sua irmã Madre Inês e na época Priora do Carmelo, ela escreve o Manuscrito A, apresentando as etapas da sua experiência religiosa: os primeiros anos da infância, e momentos importantes, tais como: a Primeira Comunhão e o Crisma, a adolescência, até o ingresso no Carmelo, e a sua primeira profissão de votos. Depois, a pedido da Ir. Maria do Sagrado Coração, ela escreve o Manuscrito M, nele é latente a maturidade da Teresinha, que discorre sobre sua vocação na Igreja, Esposa de Cristo e mãe de todos. Já o Manuscrito G, dirigido à Priora Maria Gonzaga, traz consigo páginas que demonstram a confiança, o abandono nas mãos de Deus, o amor a Deus e ao próximo, a vocação missionária, próprios da espiritualidade da santa de Lisieux.

Nestes três manuscritos diversos, que coincidem numa unidade temática e numa progressiva descrição da sua vida e do seu caminho espiritual, Teresa entregou-nos uma autobiografia original que é a história de sua alma. Dela transparece como foi a

¹⁵² PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 346.

¹⁵³ DAS 6.

¹⁵⁴ Em 1956, um sacerdote chamado Padre François de Saint-Marie adotará siglas parecidas A, B e C (em sua ótica, mais didáticas) para citação: A para o Manuscrito A; B para o Manuscrito M; e C para o Manuscrito G. Em nossa pesquisa, mantemos a forma de citação original e mais antiga para História de uma alma.

sua existência, na qual Deus ofereceu uma precisa mensagem ao mundo, indicando uma via evangélica, a pequena via, que todos podem percorrer, porque todos são chamados à santidade ¹⁵⁵.

Teresa de Lisieux compõe 54 "Poesias", "algumas das quais de grande dimensão teológica e espiritual, inspiradas na Sagrada Escritura"¹⁵⁶. Em suas Obras Completas, igualmente, merece destaque as chamadas "Orações" que são no total de 21. Estas retratam o modo filial, terno, amoroso, fiel de estar com Deus. Sua definição de oração é tão profunda e simples, que inaugura a quarta parte do atual Catecismo da Igreja Católica: "Para mim, a oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação como no meio da alegria"¹⁵⁷. Não menos admirável, são os chamados "Últimos Colóquios" ou "Últimas Conversas" ou, ainda, "*Novíssima Verba*". Esta parte de sua obra reúne suas últimas palavras que puderam ser registradas por Paulina (sua irmã) enquanto Teresinha já se encontrava enferma com tuberculose.

Como demonstramos anteriormente, Teresinha pôde haurir a vida de santidade em seu próprio lar. E depois, ao entrar para a família carmelita, poderia contar, além do mais, com o exemplo dos místicos e místicas, santos e santas que compõe esta ordem milenar. De modo particular, podemos aproximá-la dos pais da reforma carmelitana: Santa Teresa D'Ávila (1515-1582) e São João da Cruz (1542-1591).

Podemos pontuar algumas aproximações entre as duas Teresas: uma, a mestra (Santa Teresa D'Ávila) e a outra, a discípula (Santa Teresinha). Além do mesmo nome e da vocação carmelita, ambas foram mulheres que vivenciaram e assumiram com ousadia o chamado à santidade cada uma em sua época.

É fácil destacar em Madre Teresa os traços que mais incidem na espiritualidade de Teresinha [...] sua paixão por Cristo Jesus e sua santa Humanidade; seu sentido de Igreja e sua vontade de se entregar por ela; e a interpretação original da vida contemplativa em função apostólica e missionária 158.

As duas, com sabedoria profunda, escrevem a própria história e nela reconhecem e partilham o contato e a experiência que fazem com Deus. As duas possuem diversos escritos, orações, cartas exortativas e consoladoras. As duas possuem uma família numerosa e perdem as mães precocemente: Teresa na

¹⁵⁶ DAS 6.

¹⁵⁵ DAS 6.

 $^{^{157}}$ CEC 2558; TERESA DE LISIEUX MG 25 r.

¹⁵⁸ ALVAREZ, T., Teresa de Jesús, p. 886. (tradução nossa)

adolescência e Teresinha na infância. Na espiritualidade, ambas se distanciam da "ascese da fuga do mundo", cada uma com o seu itinerário místico valoriza o humano, o conhecimento de si mesmo e a realidade criada. Ambas possuíam um ardor apostólico, assim declara Teresinha: "uma carmelita que não fosse apóstola afastar-se-ia de sua vocação e deixaria de ser filha da seráfica Santa Teresa" O Papa São João Paulo II recorda que "foram determinantes para a realização da sua vocação carmelitana os textos espirituais da Madre fundadora, Teresa de Jesus" Em "História de uma alma", Teresinha reconhece os caminhos distintos que cada um pode percorrer. Assim, como não são iguais os caminhos dela e o de Teresa D'Ávila, mas ambos são suscitados por Deus.

Como são diferentes os caminhos pelos quais o Senhor conduz as almas! Na vida dos Santos encontramos muitos que nada quiseram deixar deles para depois da morte, nem a mais pequena recordação, o mais pequeno escrito. Há outros, pelo contrário, como a Nossa Madre Santa Teresa, que enriqueceram a Igreja com as suas sublimes revelações, não temendo manifestar os segredos do Rei, para que seja mais conhecido, mais amado pelas almas. Qual destes dois gêneros agrada mais a Deus? Parece-me... que ambos lhe são igualmente agradáveis, uma vez que todos seguiram a moção do Espírito Santo, e que o Senhor disse: Dizei ao justo que tudo está bem, quando não se procura senão a vontade de Jesus 161.

Da mesma maneira, podemos apontar alguns pontos de intercâmbio entre Teresinha e São João da Cruz. Ela mesma reconhece a importância do reformador do Carmelo em sua vida, de modo especial, quando afirma: "Ah! Quantas luzes extraí das obras do Nosso Pai São João da Cruz! Na idade de 17 e 18 anos, não tinha outro alimento espiritual" O amor tanto para um quanto para o outro não corresponde a um sentimento isolado, mas é um dom total e efetivo da vida inteira e tem renúncias consequentes. Diz São João da Cruz: "Amar é despojar-se por amor de tudo o que não é de Deus". Este "tudo" e, consequentemente, este "nada" constituem algo característico e presente na espiritualidade da santa de Lisieux. "Na linha do Evangelho e de São João da Cruz, Teresinha foi sempre muito decidida e categórica: ou tudo ou nada!" Dizia ela: "Eu escolho tudo" Em suma, para ela o tudo remete a Deus, à confiança nele, ao abandonar-se nele. E o nada lembra a

¹⁵⁹ TERESA DE LISIEUX. CT 198.

¹⁶⁰ DAS 9.

¹⁶¹ TERESA DE LISIEUX. MG 2 v.

¹⁶² TERESA DE LISIEUX. MA 83 v.

¹⁶³ CAVALCANTE, P. T., Tudo, p. 530.

¹⁶⁴ TERESA DE LISIEUX. MA 10 r.

fraqueza humana. Por isso, ela declara: "em primeiro lugar, é preciso reconhecer que nós não somos nada, mas Jesus é tudo" 165.

Os dois vivem e refletem a respeito da "Noite escura da alma". Este é o nome de uma poesia de São João da Cruz¹⁶⁶. Contudo, também se refere à experiência de "crise espiritual" ou "amadurecimento espiritual", decorrentes das privações e ausências que se podem ter na vida, tal como um deserto espiritual em que se experimenta o silêncio de Deus. Em outras palavras, pode ser caracterizada como uma provação na fé. Por outro lado, pode ser tratada como uma bênção disfarçada, pela qual o indivíduo é despojado (na noite escura dos sentidos) do êxtase espiritual associado com atos de virtude. Teresinha usa algumas expressões próximas para descrever esta experiência, tais como: "noite da fé"¹⁶⁷, "noite da alma"¹⁶⁸, ou ainda, "noite do nada"¹⁶⁹.

"Portanto, não é de se admirar se na escola destes dois santos, posteriormente declarados doutores da Igreja, também ela (Santa Teresinha), ótima discípula, tenha se tornado mestra da vida espiritual" ¹⁷⁰.

Em meio aos desafios superados e às alegrias vividas, Teresa de Lisieux segue sua vocação no Carmelo como uma verdadeira missionaria de amor. Este mesmo amor, por sua vez, precisaria ser dirigido a Deus, às suas irmãs carmelitas, mas, ao mesmo tempo, a todos e todas que são destinatários das promessas do Senhor. Na vida contemplativa, e antes mesmo de se tornar uma religiosa de clausura, a santa carmelita ansiava, intensamente, em conduzir muitas pessoas para Deus e para a plenitude da felicidade, trazia consigo um ardor missionário forte e inspirador.

2.3 Santa Teresa de Lisieux: Padroeira das Missões

"A missão é uma paixão por Jesus e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo" Essa definição de missão expressa na Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium* do Papa Francisco, sintetiza muito bem o sentido da vocação missionária de Teresa de Lisieux. É, justamente, a partir do momento em que a santa carmelita

¹⁶⁵ TERESA DE LISIEUX. CT 109.

¹⁶⁶ A Noite Escura da alma é explicada de forma didática e espiritual em duas obras de São João da Cruz: Subida do Monte Carmelo e Noite Escura.

¹⁶⁷ TERESA DE LISIEUX. CA 11.8.5.

¹⁶⁸ TERESA DE LISIEUX. MA 44 v, 51 r.

¹⁶⁹ TERESA DE LISIEUX. MG 6 v.

¹⁷⁰ DAS 9.

¹⁷¹ EG 268.

entra em contato, profundo e verdadeiro, com o mistério da misericórdia divina que o seu coração se sente atraído a fazer algo a mais, a colaborar com a salvação das almas e sente uma grande compaixão pelos pecadores.

Teresa de Lisieux entende que o Cristo é um homem para todos, que vem ao mundo por meio do Mistério da Encarnação, sofre e vive o Mistério da Paixão, Morte e Ressureição. A sua experiência com o Cristo faz com que ela tenha o desejo de participar também do Mistério da Redenção, ofertando a sua própria vida. Ainda em sua adolescência, um fato marca, profundamente, a sua vida: trata-se da chamada "Conversão" de Teresa de Lisieux no Natal de 1886 ou Milagre do Natal. Até então, como uma pequena menina, gostava da atenção voltada para si, de ganhar presentes. Neste dia, Jesus a liberta de sua timidez, melindres e dependências. Já não era mais a mesma de antes. Ela relata:

Quando cheguei em casa da Missa da meia-noite, sabia que devia encontrar meus sapatos no pé na lareira, cheios de presentes, como sempre fazia desde que eu era pequena. Meu pai adorava ver o quão feliz eu ficava e ouvir meus gritos de prazer enquanto tirava cada pacote de surpresa dos meus sapatos mágicos. A satisfação dele me deixava ainda mais feliz. Mas chegou a hora de Jesus me livrar da minha criancice; até mesmo as alegrias inocentes da infância foram embora. Ele permitiu que meu pai se sentisse zangado naquele ano, em vez de mimar-me. E quando eu estava no andar de cima, eu o ouvi dizendo: "Teresa já deveria ter superado todo esse tipo de coisa [de ganhar presente no Natal] e espero que esta seja a última vez". Aquilo me magoou, e Celina, que sabia o quanto eu era sensível, me sussurrou: "Não desça ainda; se abrir seus presentes agora na frente do pai você só vai chorar". Mas eu não era mais a mesma Teresa; Jesus me mudou completamente. Eu segurei minhas lágrimas, e tentando impedir meu coração de bater tão rápido, eu corri para a sala de jantar. Peguei os sapatos e desembrulhei meus presentes com alegria, parecendo o tempo todo tão feliz quanto uma rainha. O pai já não parecia mais nervoso e entrou na diversão, enquanto Celina pensava que deveria estar sonhando. Mas isso não era um sonho. Teresa tinha recuperado para sempre a força da mente que ela havia perdido¹⁷².

O amor de Deus encarnado vence no coração de Teresa naquela noite de Natal e faz com que ela veja toda a sua realidade com amor. Lapidando o seu próprio ego para ser mais santa, ela se desenvolve. Assim, por meio de um espírito decidido ela permite ser moldada em seu temperamento. Nada, a partir de então, lhe impediria de viver a descida necessária para que a caridade acontecesse e reinasse em seu lar. De uma pessoa presa em si, agora ela vive uma liberdade interior e, consequentemente, exterior, pois a mudança é percebida pelos demais. Se outrora, o desejo de sua vida era ser felicitada por outros, agora o que ela deseja é alegrar Jesus e os que estão ao seu redor. Ela cresce de maneira humana e espiritual, torna-

_

¹⁷² TERESA DE LISIEUX. MA 45 r.

se mais resiliente e, ao mesmo tempo, sai de si mesma. Nesta perspectiva, destaca o teólogo argentino, Víctor Manuel Fernández: "Alguém sai de si mesmo e conhece o verdadeiro êxtase quando começa a buscar a felicidade dos outros" ¹⁷³.

A santa carmelita sente-se alcançada por Cristo, pescada por Ele e do mesmo modo, brota em seu coração a força e o impulso para atrair corações para Deus. E assim, ela pôde declarar:

Fez de mim pescador de almas, senti um grande desejo de trabalhar para a conversão dos pecadores, desejo que não sentira tão vivamente... Senti numa palavra a caridade entrar no meu coração, a necessidade de me esquecer para dar prazer e desde então fui feliz!¹⁷⁴

Teresa de Lisieux sente esse chamado e essa graça crescendo em sua vida e se expandindo de modo que fizesse algo a mais. O ímpeto missionário ardia em seu coração. Seria, de modo especial, na oração que ela encontraria a resposta que tanto precisava.

Em um Domingo, ao olhar uma fotografia de Nosso Senhor na Cruz, fiquei impressionada com o sangue que caia de uma de suas mãos Divinas, senti uma grande aflição ao pensar que esse sangue caía na terra sem que ninguém se apressasse a recolhê-lo, e resolvi ficar em espírito ao pé da Cruz para receber o Divino orvalho que escorria, compreendendo que me seria preciso em seguida espalhá-lo sobre as almas.... O grito de Jesus na Cruz ressoava também continuamente no meu coração: "Tenho sede!" Essas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Queria dar de beber a meu Bem-Amado e eu mesma me sentia devorada pela sede das almas.... Não eram ainda as almas de padres que me atraíam, mas as dos grandes pecadores, eu queimava do desejo de arrancá-los das chamas eternas.... ¹⁷⁵.

A santa carmelita, com a determinada decisão de permanecer com o Cristo Crucificado para propagar o amor da sua Paixão, não fica indiferente às dores e dificuldades de seu tempo, aos pobres pecadores que precisam de tanta conversão. Nela se torna visível e claro o que, verdadeiramente, deve ser uma consagrada a Deus. Analisando a sua vida, podemos dizer que ela foi pequena na humildade, mas grande em seu amor. "O sangue que jorra das mãos de Cristo representa para Teresa a Misericórdia Divina"¹⁷⁶. Ela contempla esse amor, mas ao mesmo tempo deseja encarná-lo em sua própria vida e missão. Passa a ser conduzida por ele, e isto torna a sua perspectiva de missão ainda mais abrangente. Desta maneira, podemos dizer que "ao permanecer ao pé da Cruz, recolhendo esse sangue e repassando-o às almas

¹⁷³ FERNÁNDEZ, V. M. A força restauradora da mística, p. 27.

¹⁷⁴ TERESA DE LISIEUX. MA 45 v.

 $^{^{175}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 45 v.

¹⁷⁶ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 139.

dos pecadores, tornar-se-á, em espírito, no Carmelo, pela força da oração e do sacrificio, Missionária da Misericórdia Divina"¹⁷⁷.

A santa carmelita ouve falar de um grande criminoso, Henri Pranzini¹⁷⁸. Este seria o primeiro a ser alcançado pelo amor missionário da santa carmelita. Este criminoso e pecador por conta dos cruéis assassinatos cometidos havia sido condenado à pena de morte e tudo levava a crer que morreria na impenitência. Teresa de Lisieux propõe-se a rezar intercedendo por sua conversão. Sentindo que nada poderia fazer por si mesma, oferece a Deus todos os méritos infinitos de Nosso Senhor, os tesouros da Santa Igreja e pede que uma Missa seja celebrada nesta intenção. A santa carmelita tinha muita confiança que este criminoso poderia se converter e mudar o seu destino unido a Deus. Por isso, pede a Deus um sinal, caso esta graça fosse, de fato, concretizada. Teresinha, mais tarde, soube através de um jornal que, antes de Pranzini ser morto, ele toma um crucifixo nas mãos e o beija três vezes. Ela, deste modo, compreende que este era o sinal que precisava e agradece a Deus pela graça alcançada¹⁷⁹. A compaixão que a santa carmelita traz consigo, manifestada na súplica pela conversão do pecador, é humanizadora. Como diria, o teólogo contemporâneo, Leonardo Agostini: "miséria é tudo o que é desumano e misericórdia é tudo o que humaniza". Este foi um fato marcante para a sua história e para o desenvolvimento de seu ardor missionário. A partir de então, o seu desejo de alcançar outras vidas só aumentaria.

A transformação ocorrida no Natal de 1886 e sua generosa resposta à visão da cruz representam duas grandes graças recebidas por Teresa, em seu caminhar terreno. São momentos decisivos em sua existência, um divisor de águas em sua vida. Essas graças estarão na base das decisões que governarão seus próximos passos, que conduzirão ao Carmelo de Lisieux e à santidade ¹⁸¹.

Nesse sentido, com a sua entrada no Carmelo de Lisieux, Teresinha pôde assumir a missão como uma religiosa de vida contemplativa. Contudo, leva consigo o seu ideal, seu ímpeto e toda a força da experiência que já havia feito com Deus. Segue a trilha do amor humilde e da oração confiante. Sua principal intenção ao entrar no Carmelo é retratada em sua autobiografia, de modo particular, quando diz:

¹⁷⁷ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 139.

¹⁷⁸ Henri Pranzini (1857-1887). No dia 17 de março de 1887, ele degolara duas mulheres e uma menina de 11 anos. Seu processo ocorreu de 9 a 13 de julho. Foi guilhotinado no dia 31 de agosto de 1887. Uma das vítimas, Maria Regnault, era conhecida da família Guérin. O caso tornou-se muitíssimo noticiado na França.

 $^{^{179}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 46 r - 46 v.

¹⁸⁰ FERNANDES, L. A., Eterna é a sua misericórdia, p. 13.

¹⁸¹ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 139.

"O que vinha fazer no Carmelo, declarei-o aos pés de Jesus-Hóstia, no exame que precedeu a minha profissão: Vim para salvar almas e, especialmente para rezar pelos sacerdotes" Neste sentido, uma das suas grandes marcas missionárias foram as exortações, aconselhamentos e incentivos na fé aos diversos fiéis (padres, seminaristas, consagradas, parentes e amigas) por meio de suas cartas.

O acervo de correspondência de Sta. Teresa de Lisieux compreende 266 cartas e bilhetes, dos quais 227 manuscritos foram conservados. [...] O número não coincide com a totalidade de sua atividade epistolar. Estima-se que cerca de um terço das cartas desapareceram¹⁸³.

Teresa de Lisieux não pertenceu a uma congregação religiosa ativa ou de vida apostólica, nem trabalhou nas missões intercontinentais. Contudo, "em 14 de dezembro de 1927, em resposta a um número considerável de solicitações de Bispos missionários, o Papa Pio XI declarou-a Padroeira das missões" ao lado de São Francisco Xavier. Esse fato, poderia nos levar ao seguinte questionamento: Como poderia se tornar padroeira das Missões uma carmelita de vida contemplativa, sem jamais deixar o claustro, e com uma vida tão curta aos olhos humanos? Na verdade, mesmo sem poder ser missionária partindo para outras terras, ela sempre desejou ir ao encontro de outros povos, são vários os textos que demonstram isso¹⁸⁵ e escolhemos um que retrata bem este seu intento:

Quereria percorrer a terra, pregar o teu nome, implantar no solo infiel a tua cruz gloriosa, mas, ó meu Bem-Amado, uma missão só não me bastaria: Quereria, ao mesmo tempo, anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo e até nas ilhas mais longínquas. "Quereria ser missionária, não apenas durante alguns anos, mas quereria tê-lo sido desde a criação do mundo até à consumação dos séculos. Mas quereria, sobretudo, ó meu Bem-Amado Salvador, derramar o meu sangue por Ti, até à última gota" la consumação dos séculos.

Esses desejos de Santa Teresinha não eram apenas ilusão ou simples sentimentalismo, eles a ajudam a descobrir e a entender a si mesma. Na vivência e no dinamismo de sua vocação ela aprofunda ainda mais este seu chamado. E é, justamente, nas Escrituras Sagradas que ela encontra a resposta que precisava. Diz a santa carmelita: "abri as epístolas de São Paulo a fim de buscar alguma resposta. Os cap. XII e XIII da primeira epístola aos Coríntios me caíram sob os olhos". 187.

¹⁸² TERESA DE LISIEUX. MA 69 v.

¹⁸³ PENNA, P. Santa Teresa de Lisieux, p. 330-331.

¹⁸⁴ PENNA, P. Santa Teresa de Lisieux, p. 650.

¹⁸⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 9 r, 10 v; CT 220, 221, 224.

¹⁸⁶ TERESA DE LISIEUX. MM 3 r.

¹⁸⁷ TERESA DE LISIEUX. MM 3 r.

Nestes textos ela encontra o amor como a grande vocação que deveria ser assumida. Nestas passagens ela vê os diversos carismas e os variados tipos de serviços e ministérios que há na Igreja. Porém, ali o Apóstolo também destaca que o amor é o que dá sentido a todas as coisas e que sem ele nada deve ser realizado. Teresa Lisieux se sente interpelada e impulsionada por esta perícope, ao ponto de dizer:

Compreendi que se a Igreja tinha um corpo, composto por diferentes membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava, compreendi que a Igreja tinha um coração, e esse estava ardendo de Amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja, que se o Amor se extinguisse, os Apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os Mártires se recusariam a derramar seu sangue. Compreendi que o Amor encerrava todas as vocações, que o Amor era tudo, que ele abrange todos os tempos e todos os lugares. Numa palavra que ele é Eterno. Então no excesso de minha alegria delirante, exclamei: Ó Jesus, meu amor... minha vocação, enfim eu a encontrei, minha vocação é o Amor¹⁸⁸.

Sua extraordinária missão se torna visível e possível: no amor que pôde testemunhar e propagar, na realização da vontade de Deus, na dedicação fiel nas pequenas coisas do dia a dia. E isso todo o fiel batizado, que é chamado à missão, pode viver e testemunhar. Sua vida missionária se torna, assim, um impulso para a missão de toda a Igreja. Assim podemos dizer, tal como o Beato Maria-Eugênio: "em Santa Teresinha, o Espírito Santo utiliza o instrumento humano, tal como ele é, não somente para fazer irradiar a pureza, mas para irradiar o amor fecundo" É, precisamente, este amor que deve nortear a vida e a missão de cada fiel e, deste modo, torna-se presente no cotidiano e no mundo.

Ao definir a vida contemplativa, no documento *Vultum Dei Quaerere*, o Papa Francisco nos recorda que "a vida consagrada é uma história de amor apaixonado pelo Senhor e pela humanidade" é, exatamente, isso que contemplamos na vida e vocação desta jovem mística. Realmente, um forte cuidado missionário movia a santa carmelita. Como ela mesma afirma, citando Teresa D'Ávila: "o zelo de uma carmelita deve abraçar o mundo" Teresa de Lisieux entende que o seu zelo se manifestaria a todo universo, por meio de seu amor intercessor, pela oferta de sua vida. Em outras palavras, há uma expressão, neste sentido, que define bem o sentido de sua vocação e missão:

A Carmelita é uma alma que contemplou o Crucificado, que o viu oferecer -se como vítima ao Pai pelas almas, e, recolhendo-se nesta grande visão da caridade de Cristo,

¹⁸⁸ TERESA DE LISIEUX. MM 3 v.

¹⁸⁹ MARIA-EUGÊNIO., Para a alegria de Deus, p. 206.

¹⁹⁰ VDO 9

¹⁹¹ TERESA DE LISIEUX. MG 33 v.

ela compreendeu a paixão do amor que domina sua alma e quis também dar-se como Ele¹⁹².

Essa sentença é da mística francesa carmelita, Santa Elizabeth da Trindade. Vale ressaltar que o teólogo contemporâneo, Hans Urs von Balthasar, escreve uma obra chamada "Two Sisters in the Spirit" onde ele demonstra possíveis aproximações que podem ser feitas entre as duas, dentre elas, aqui destacamos: o valor e a profundeza da missão contemplativa e da espiritualidade desenvolvida por estas duas jovens místicas.

O desejo ardente de ser missionária, que Teresa de Lisieux trazia no coração, reflete o ímpeto e o chamado que deve estar na vida de cada batizado. O Concílio Vaticano II nos aponta justamente isso, de modo especial, quando afirma: "a Igreja é enviada por Deus a todas as gentes para ser sacramento universal de salvação" 194; "a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo" 195. Deste modo, podemos dizer que todo batizado, por natureza de sua própria vocação, deve ser um missionário. Sobre a missão e o testemunho de Santa Teresa de Lisieux, diz o Papa São João Paulo II:

O próprio Jesus lhe mostrou como haveria de viver essa vocação: praticando em plenitude o mandamento do amor, haveria de imergir-se no coração mesmo da missão da Igreja, sustentando os anunciadores do evangelho com força misteriosa da oração e da comunhão ¹⁹⁶.

Preocupado com o múnus missionário de todo o Povo de Deus, o Papa São Paulo VI destaca, de modo especial, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* a importância da índole missionária dos religiosos e religiosas:

Eles são, enfim, pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos. Este seu testemunho silencioso, de pobreza e de despojamento, de pureza e de transparência, de entrega para a obediência, pode tornar-se, ao mesmo tempo que uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja, uma pregação eloquente, capaz de tocar o coração mesmo dos não-cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores 197.

¹⁹² ELISABETH DA TRINDADE. Carta de 7.8.1902.

¹⁹³ Em português: Duas Irmãs no Espírito.

¹⁹⁴ AG 1.

¹⁹⁵ AG 2.

 ¹⁹⁶ JOÃO PAULO II. Uma mulher, uma jovem, uma contemplativa é proclamada "doutora da Igreja", p. 2.
 ¹⁹⁷ EN 69.

Teresa de Lisieux vive plenamente sua missão como monja contemplativa. Ela, por meio de sua vida e suas obras, recorda-nos que a missão da Igreja é edificada não somente pela ação, mas também pela oração e pela comunhão.

Toda a sua vida foi ofertada a Deus e à missão. Ela mesma declara em uma carta ao padre Roulland, seu irmão espiritual: "Ficarei verdadeiramente feliz em trabalhar com você na salvação das almas, é com esse objetivo que me fiz carmelita não podendo ser missionária de ação, quis sê-lo pelo amor e penitência, como Sta. Teresa, minha mãe seráfica" E na carta ao padre Bellière, também seu irmão espiritual, afirma: "Uma carmelita, que não fosse apóstola, afastar-se-ia da finalidade de sua vocação e cessaria de ser filha da Seráfica Santa Teresa" A missão de Santa Teresinha também se dá onde Deus a colocou: no meio de sua própria comunidade carmelita, destinatária de seu testemunho de amor, simplicidade e sacrifício. Pois, como nos lembra o documento dirigido, especialmente, às consagradas, "Vida fraterna em comunidade", deve-se considerar também "a comunidade religiosa como lugar e sujeito da missão" 200.

O espírito e o dinamismo missionário de Teresa de Lisieux rende frutos até os tempos atuais. O testemunho de sua vida e sua mensagem conquistam corações até hoje, sendo estímulo na missão de muitos jovens, religiosos, teólogos, padres, bispos, pais e mães de família. "Muitos, chamados ao ministério sacerdotal ou à vida consagrada, especialmente nas missões e no claustro, atribuem a graça divina da vocação à sua intercessão e ao seu exemplo"²⁰¹.

Renomados teólogos, como H. U. Balthasar e Y. Congar, também reconhecem o valor da vida e missão de Teresa de Lisieux. Seguindo e defendendo a perspectiva que a santidade fecunda e auxilia a teologia, Balthasar destaca que "como sempre, em Teresa, sua vida é plena de germe de doutrina que a teologia tem que desenvolver para ser ricamente fecundada". E Congar, por sua vez, reconhece Santa Teresa de Lisieux e São Charles de Foucauld como "os faróis que a mão de Deus acendeu no início do século atômico". É, precisamente, este convite que o Papa Francisco estende a todas as monjas, de hoje, na Constituição

¹⁹⁸ TERESA DE LISIEUX. CT 189.

¹⁹⁹ TERESA DE LISIEUX. CT 198.

²⁰⁰ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Vida fraterna em comunidade ,6.

²⁰¹ DAS 2.

²⁰² BALTHASAR, H. U., Teresa de Lisieux, p. 132 (tradução nossa).

²⁰³ CONGAR, Y., Pour une Église servente et pauvre, p. 123 (tradução nossa).

Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, sobre a vida contemplativa feminina: "Sede faróis para os que estão perto e, sobretudo, para os afastados. Sede tochas que acompanham o caminho dos homens e mulheres na noite escura do tempo. Sede sentinelas da manhã (Is 21, 11-12) que anunciam o nascer do sol (Lc 1, 78)"²⁰⁴.

A missão desta santa carmelita continua a gerar grandes frutos para a Igreja e o mundo. "A um século de distância da sua morte, Teresa do Menino Jesus continua a ser reconhecida como uma das grandes mestras da vida espiritual" Como um grande sinal, mesmo após a sua morte, ela continua "fazendo o bem sobre a terra" E muitas pessoas continuam a ser alcançadas seja pelo testemunho de sua vida ou pela Pequena Via que ela percorreu e propôs como itinerário de santificação. Deste modo, "não é de se admirar, por isso, que tenham sido apresentados muitos pedidos à Santa Sé Apostólica, a fim de que lhe fosse atribuído o título de Doutora da Igreja Católica" Assim, quase oitenta anos após receber o título de Padroeira das Missões (1927), Santa Teresa de Lisieux também é proclamada Doutora da Igreja (1997).

2.4 Santa Teresa de Lisieux: doutora da Igreja

Santa Teresa de Lisieux, quando ainda estava no Processo de Iniciação Cristã, em seu catecismo, era carinhosamente chamada de doutorazinha pelo padre Domin. A santa carmelita faz memória deste detalhe na primeira parte de sua autobiografia²⁰⁸. Neste período pneumático de introdução nos Mistérios de Deus, "em preparação para a sua primeira confissão, para a primeira comunhão e para o sacramento da Confirmação, demonstrou um amor extraordinário pelas verdades da fé, e aprendeu o *Catecismo* quase palavra por palavra"²⁰⁹. Mal ela sabia que, 100 anos após a sua morte, seria proclamada solenemente a mais jovem doutora da Igreja²¹⁰.

²⁰⁵ DAS 3.

²⁰⁴ VDQ 6.

²⁰⁶ TERESA DE LISIEUX. CA 17.7.

²⁰⁷ DAS 4.

 $^{^{208}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 37 v.

²⁰⁹ DAS 9.

²¹⁰ As doutoras da Igreja: Santa Teresa D'Ávila é a primeira a ser proclamada doutorada da Igreja por São Paulo VI em 27 de setembro de 1970. Logo após, Santa Catarina de Sena também proclamada doutora por São Paulo VI em 04 de outubro de 1970. Em 19 de outubro de 1997, o Papa São João Paulo II proclama Santa Teresa de Lisieux doutora da Igreja. E o Papa Bento XVI proclama Santa Hildelgarda de Bingen em 07 de outubro de 2012.

O tempo passa e a jovem de Lisieux ingressa no Carmelo, dentre tantas experiências lá vividas, ela desejou ser tudo para Deus e para a Igreja: "sinto em mim a vocação de guerreiro, de sacerdote, *de doutor*, de mártir [...] apesar de minha pequenez, gostaria de iluminar as almas como os profetas, *os doutores*"²¹¹. Em sua época, ainda não havia mulheres doutoras da Igreja. Entre as mulheres, ela foi a terceira a ser reconhecida com este título. E, contando com os doutores homens, a trigésima terceira.

A expressão "doutora" é geralmente empregada, no meio secular ou civil, para indicar quem alcançou um alto índice universitário, um conhecimento apurado, ou ainda, novo. No meio eclesiástico, Doutora da Igreja ou "Doutor da Igreja é um título oficialmente dado por tradição ou por decisão da Santa Sé a escritores eclesiásticos notáveis, tanto pela santidade de vida quanto pela importância e ortodoxia de sua obra doutrinal"²¹². E para conceituar com mais precisão quem são os que recebem este reconhecimento, podemos citar as três condições elencadas pelo Papa Bento XIV: "para constituir um doutor da Igreja, três condições são necessárias: uma doutrina eminente, uma insigne santidade de vida e a declaração do Soberano Pontífice ou de um Concílio legitimamente reunido²¹³.

Muitos doutores da Igreja, através do estudo, do aprofundamento e do ensino desenvolvidos, puderam ajudar na exposição e vivência da fé cristã. No entanto, vale destacar que até o Concílio Vaticano II nenhuma mulher havia sido declarada doutora da Igreja. Há uma mensagem e homenagem do Papa São Paulo VI, na conclusão do Concílio Vaticano II, que já chamava atenção do mundo e da Igreja para importância das mulheres, de modo especial, das virgens consagradas:

A Igreja orgulha-se, como sabeis, de ter dignificado e libertado a mulher, de ter feito brilhar durante os séculos, na diversidade de caracteres, a sua igualdade fundamental com o homem. Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na cidade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguido até aqui. [...] Vós especialmente, virgens consagradas, num mundo em que o egoísmo e a busca do prazer querem ser lei, sede as guardiãs da pureza, do desinteresse, da piedade. Jesus, que deu ao amor conjugal toda a sua plenitude, exaltou também a renúncia a esse amor humano, quando é feita pelo Amor infinito e para serviço de todos. [...] Mulheres, vós que sabeis tornar a verdade doce, terna, acessível²¹⁴.

²¹¹ TERESA DE LISIEUX. MM 2 v-3 r.

²¹² CAVALCANTE, P. T., Doutora, p. 194.

²¹³ BENEDETTO XIV. De Servorum Dei Beatificatione et beatorum canonizatione (tradução nossa).

²¹⁴ PÁULO VI. Conclusão do Concílio Vaticano II. Mensagem às mulheres, 08 dez. 1965.

Teresa de Lisieux, de maneira profunda e sábia, torna a verdade que liberta mais doce, terna e acessível. Isto faz com que muitos corações sejam impactados pela sua mensagem, "não com palavras doutas, de sabedoria humana, mas com aquelas que o Espírito ensina e que exprimem as coisas espirituais"²¹⁵. A santidade de sua vida (expressão da sua comunhão com Deus) foi reconhecida pelos fiéis e pelo Magistério em um curto espaço de tempo²¹⁶.

Um dos pontos condicionais para o título de doutor da Igreja, além da santidade de vida da pessoa em questão e reconhecimento pontifício, é a chamada "doutrina eminente". Esta expressão designa o conjunto de noções a orientar os fiéis em determinada questão. A expressão "eminente" se refere à qualificação de algo que é posto em relevância por conta da qualidade superior ou, ainda, pela importância que demonstra excelência para teologia e/ou para a vida cristã. "O núcleo de sua mensagem, com efeito, é o próprio mistério de Deus Amor, de Deus Trindade [...] Mediante a infância espiritual experimenta-se que tudo vem de Deus, a Ele retorna e n'Ele permanece"²¹⁷. Sua vida, seus escritos, sua Pequena Via tornam-se imagem e reflexo do Deus Vivo, que segundo a Oração Litúrgica: "Mostra o seu poder sobretudo no perdão e na misericórdia"²¹⁸.

Ela fez resplandecer no nosso tempo o fascínio do Evangelho; teve a missão de fazer conhecer e amar a Igreja, Corpo Místico de Cristo; ajudou a curar as almas dos rigores e temores da doutrina jansenista, inclinada a sublinhar mais a justiça que a misericórdia divina. Contemplou e adorou na misericórdia de Deus todas as perfeições divinas, porque "até mesmo a justiça de Deus (e talvez mais do que qualquer outra perfeição) me parece revestida de amor" (MA 83 v)²¹⁹.

Ao nos debruçarmos em sua espiritualidade, constatamos, de fato, que "a sua doutrina "não é só conforme à Escritura e à fé católica, mas sobressai pela síntese sapiencial alcançada. Sua doutrina é, ao mesmo tempo, uma confissão de fé da

²¹⁵ DAS 1.

DAS 1.

216 Sobre a difusão rápida do seu testemunho e espiritualidade, podemos destacar essas datas e acontecimentos que marcam o seu progressivo acolhimento por parte dos fiéis (de diversos estados de vida e vocações, desde os mais sábios aos mais simples) e o reconhecimento do Magistério: em 10 de Junho de 1914, Pio X assinava o decreto de introdução da causa de beatificação; a 14 de agosto de 1921, Bento XV declarava a heroicidade das virtudes da Serva de Deus, pronunciando nessa ocasião um discurso sobre o caminho da infância espiritual; e Pio XI proclamava-a Beata a 29 de Abril de 1923. Pouco mais tarde, no dia 17 de maio de 1925, o mesmo Papa, diante de uma imensa multidão, canonizava-a na Basílica de S. Pedro, pondo em evidência o esplendor das suas virtudes e a originalidade da sua doutrina. Dois anos depois, a 14 de dezembro de 1927, acolhendo o pedido de muitos Bispos missionários, proclamava-a, juntamente com S. Francisco Xavier, Padroeira das Missões (DAS 2).

²¹⁷ DAS 8.

²¹⁸ MISSAL ROMANO. Oração coleta do 26º Domingo do Tempo Comum.

²¹⁹ DAS 8.

Igreja, uma experiência do mistério cristão e uma via de santidade"²²⁰. Em outras palavras, seu ensinamento contribui para que os fiéis possam professar, celebrar e testemunhar a fé cristã.

Outro ponto importante para a concessão e reconhecimento do título de doutor é o carisma particular de ensino, em outras palavras, a capacidade de transmitir esta doutrina eminente. Em Teresa de Lisieux não encontramos um tratado teológico estruturado e/ou sistematizado sobre determinado tema doutrinal. Ela não exerceu ofício acadêmico. No Carmelo a atividade de ensino mais visível que desempenhou foi de mestra de noviças. No entanto, nos últimos séculos "pôdese observar a preocupação do Magistério da Igreja de destacar a contribuição de eminentes mestres espirituais, da tradicional teologia mística, o que nos aproxima da santa carmelita de Lisieux"221. Sua maneira de expor o conteúdo teológico ou uma reflexão espiritual, fazendo uso de elementos simples, da natureza, do cotidiano, das circunstâncias da vida não está distante daquilo que haurimos e percebemos no Evangelho e nas Cartas Paulinas. Assim, o título de Doutora a ela concedido traz à luz o vigor de um ensinamento não teórico, mas prático. Sua doutrina não estava simplesmente na mente ou no papel, mas na sua vida, no cotidiano, nas alegrias e tristezas. Isso caracteriza um modo de ensinar contemporâneo. Em outras palavras nos exorta o Papa São Paulo VI, na Evangelli Nuntiandi: "O homem contemporâneo escuta com mais vontade as testemunhas do que os mestres, ou se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas do que ensinam"²²². Muito próximo desta perspectiva aqui apresentada, na Carta Apostólica que proclama Santa Teresinha como doutora da Igreja, São João Paulo II, declara: "Teresa de Lisieux não somente compreendeu e descreveu a verdade profunda do amor como centro e coração da Igreja, como ela a viveu intensamente em sua breve existência"223. E, por isso, seu pensamento e ensino não se tornam algo abstrato e ideal, mas concreto e real. A santa carmelita

Oferece-nos uma síntese amadurecida da espiritualidade da fé cristã: une teologia e a vida espiritual, exprime com vigor e autoridade, com grande capacidade de persuasão e de comunicação, como demonstram o acolhimento e a difusão de sua mensagem no povo de Deus²²⁴.

²²⁰ DAS 7.

²²¹ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 627.

²²² EN 41.

²²³ DAS 8.

²²⁴ DAS 7.

A universalidade singular de Teresinha é mais um fator que corroborou para que ela fosse declarada doutora da Igreja. Sua espiritualidade, marcada pela Pequena Via, pela mística do abandono e da confiança em Deus encontrou acolhimento surpreendente entre os fiéis.

A influência da sua mensagem compreende, antes de tudo, homens e mulheres cuja santidade ou heroicidade das virtudes a própria Igreja reconheceu, pastores da Igreja, mestres da teologia e da espiritualidade, sacerdotes e seminaristas, religiosos e religiosas, movimentos eclesiais e novas comunidades, homens e mulheres de todas as condições e de todos os continentes ²²⁵.

O Papa São João Paulo II, ao conceder o título de doutora da Igreja a Santa Teresa de Lisieux, destaca três pontos de relevância sobre ela: é uma mulher, contemplativa e jovem. Por isso, traz consigo uma sensibilidade própria do gênio feminino que colhe com consistência as riquezas escondidas do Evangelho e as fazem ressoar com vitalidade²²⁶.

Em 19 de outubro de 1997, o mundo pôde ouvir ressoar da Praça de São Pedro as palavras de Proclamação de Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja:

Vindo ao encontro dos desejos de um grande número de Irmãos no Episcopado e de muitíssimos fiéis do mundo inteiro, ouvido o parecer da Congregação para as Causas dos Santos e obtido o voto da Congregação para a Doutrina da Fé naquilo que concerne à eminente doutrina, com conhecimento certo e ponderada deliberação, em virtude da plena autoridade apostólica, declaramos Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, virgem, Doutora da Igreja universal. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo²²⁷.

Ela ensinou, vivendo. E retratou sua experiência na sua autobiografia, nas suas peças teatrais, nas suas orações, nas suas poesias, até às suas últimas palavras que foram escritas: "Meu Jesus eu vos amo!" Portanto, ela pode ser considerada "mestra para o nosso tempo, sedento de palavras vivas e essenciais, de testemunhos heroicos e críveis" Desta maneira intensa, ela pôde vivenciar e testemunhar a sua mística. Sua vida e ensino fazem com que ela seja uma verdadeira discípula, missionária e doutora de Cristo em seu tempo, mas também no nosso tempo.

Tendo demonstrado a importância de sua vida e trajetória percorrida, no próximo capítulo abordaremos a origem, desenvolvimento e as características principais de seu itinerário humano-espiritual: a Pequena Via.

²²⁵ DAS 10.

²²⁶ DAS 11.

²²⁷ DAS 12.

²²⁸ TERESA DE LISIEUX. UC 30.9.

²²⁹ DAS 11.

3 A Pequena via de Santa Teresa de Lisieux: um caminho todo novo

Quero buscar o meio de ir para o Céu por um pequeno caminho bem reto, bem curto, uma pequena via toda nova²³⁰

A vida humana é marcada por experiências. Do mesmo modo, o pensar teológico pode ser aprofundado e explicitado a partir da experiência que o ser humano faz com Deus. E é importante destacar que "o conhecimento nestes tempos de crise de modernidade e pós-modernidade se dá por experiência antes que por razão refletida e comprovada"²³¹. Ou seja, também para o conhecimento de Deus a experiência ocupa um espaço singular. No caso da experiência mística, esclarecenos Juan Martin Velasco, depende-se de um 'outro', de uma "natureza totalmente 'outra' em relação com as realidades mundanas e, também, com a própria realidade"²³². Este "outro" na perspectiva cristã é o próprio Deus Uno e Trino revelado em Jesus Cristo. Sendo assim, podemos dizer, em outras palavras, que

a experiência de Deus está no centro da vida da pessoa religiosa. Certamente, está no centro da vida da pessoa cristã. No caso cristão, obviamente, trata-se do Deus da revelação bíblico-cristã do Deus salvador-criador, do Deus revelado mediante Jesus Cristo²³³.

Com Teresa de Lisieux não é diferente. Sua experiência mística a conduz para o encontro com Jesus Cristo. Visto que "na mística o saber que vem do Evangelho não é superado, mas interiorizado. O sentido da mística cristã não é substituir o saber da Revelação por um novo saber ou superar o conhecimento dado em Jesus Cristo"²³⁴. A experiência que Teresa de Lisieux faz com o amor misericordioso de Deus marca a sua vida e a sua história, de maneira profunda e real. Em julho de 1893, a santa carmelita, faz a grande descoberta do seu "Pequeno Caminho" ou "Pequena Via".

Sta. Teresa do Menino Jesus, ao se referir ao caminho espiritual que segue para ir a Deus, utiliza várias expressões para designá-lo, como, por exemplo: a "via da confiança e do amor; a via amorosa; a pequena doutrina". Entretanto, apesar de ter empregado o termo pequena via uma única vez em seus escritos, mais precisamente no manuscrito C, a expressão tornou-se emblemática de sua espiritualidade²³⁵.

 $^{^{230}}$ TERESA DE LISIEUX. MG 2 v.

²³¹ BINGEMER, M. C. L., Experiência de Deus, p. 239.

²³² VELASCO, J. M., El fenómeno místico, p. 253 (tradução nossa).

²³³ RUBIO, A. G., A caminho da maturidade na experiência com Deus, p. 7.

²³⁴ VELASCO, J. M., El fenómeno místico, p. 52 (tradução nossa).

²³⁵ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 422.

A partir da sua experiência humana-divina, ela vê com clareza esse caminho seguro para percorrer uma via de santidade. A sua espiritualidade está descrita neste percurso por ela proposto, pois, embora não se enxergasse como os grandes santos, tinha uma determinação firme em seu coração: queria ser santa. Com a experiência do sofrimento e do deserto, Teresa, que se enxergava pequena diante do mundo, entende que a santidade não dependia dela, mas de Deus²³⁶. Conforme afirma João Paulo II, a fé desta grande mulher cresceu a partir do conhecimento e do entendimento da pessoa de Jesus: "podemos vislumbrar um esclarecido testemunho da fé que, enquanto acolhe com amor confiante a condescendência misericordiosa de Deus e a salvação em Cristo"²³⁷.

Segundo o pesquisador Conrad Meester, a maturidade da vida espiritual de Teresa de Lisieux teve uma jornada de aprendizado. A partir do amor, ela aprendeu a ser pobre e a esvaziar-se si mesma²³⁸. Ao ingressar no Carmelo, tinha claro a sua missão em salvar almas e rezar pelos sacerdotes²³⁹, podendo ensinar diariamente pelo amor e pela intercessão, na sua simplicidade, que a vocação que vem de Deus está nas pequenas coisas²⁴⁰. Deste modo, estudando seu itinerário espiritual e sua mística, podemos dizer que

a Pequena Via é uma trilha, um "pequeno caminho" conforme Santa Teresinha mesmo dizia. Na Igreja temos muitas espiritualidades, ou seja, formas de caminhar com Deus. A Pequena Via, no entanto, é um caminho muito especial porque nos ensina um atalho que encurta a caminhada, torna a jornada mais curta; e esse atalho nada mais é do que o amor vivido na infância espiritual, um "amor pequeno". É uma espiritualidade que desce à mesa da família e convida a todos, fortes e fracos, a uma santidade vivida nas pequenas coisas da vida²⁴¹.

Na descoberta da "Pequena Via", Teresinha passa pelo deserto, cuja metáfora do grãozinho de areia é importante para que se compreenda a sua vivência e a jornada espiritual em busca de Deus e como agradá-lo. Nesta metáfora ela nos diz: "Sempre constatei, quando me comparei aos santos, que existe entre eles e mim a mesma diferança que existe entre uma montanha cujo cume se perde nos céus e o grão de areia obscuro pisado pelos pés dos passantes"²⁴². E ainda afirma: "Quero

²³⁶ MEESTER, C., De mãos vazias, p. 70.

²³⁷ DAS, 7.

²³⁸ MEESTER, C., De mãos vazias, p. 12-17.

²³⁹ TERESA DE LISIEUX. MA, 69 v.

²⁴⁰ MEESTER, C., De mãos vazias, p.23.

²⁴¹ ANDRADE, A. L. B., Pequena Via de Santa Teresinha, p. 13-14.

²⁴² TERESA DE LISIEUX. MG 2 v.

ser sempre um grãozinho de areia"²⁴³. Para aquela jovem, oriunda de uma família com bom status social, o conselho da sua irmã Inês, com o qual ela se identificou, ficou gravado em sua mente e em seu coração, pedindo "que possa permanecer sempre um pequeno grão de areia oculto aos olhos de qualquer pessoa, somente visível para Jesus, e que possa sempre tornar-se menor, reduzido a nada"²⁴⁴.

Não se trata somente de querer ser pequena, mas ela entende que, diariamente, tem que se fazer menor, como diz a Sagrada Escritura: "é preciso que Ele cresça e eu diminua" (Jo 3,30). Ser pequena, para amar mais, com mais intensidade e, como o grãozinho, não quer ser notado, deixando toda glória para Jesus Cristo, assim a "pequena via" é sinônimo de humildade nos seus primeiros anos. Posteriormente, a pequenez é traduzida em uma esperança confiante, semelhante a de um filho espera tudo do pai; Teresinha confia na misericórdia do Pai, e recebe a dádiva do amor e do abandono. O estudioso das obras e da vida de Teresa de Lisieux, Mons. Ascânio Brandão define a pequena via como

a via comum da santidade, [...] a via da infância espiritual que consiste em se fazer pequeno, em transportar para o domínio sobrenatural da alma os traços característicos da infância, e viver sob o olhar de Deus como vivem neste mundo as crianças sob as nossas vistas²⁴⁵.

A Pequena Via é um modo de retratar e expressar aquilo que na espiritualidade cristã denomina-se "Infância Espíritual". Fruto da filiação divina, a chamada "Infância Espiritual" é um convite para que cada fiel se reconheça filho muito amado do Pai. É o que fica expresso quando São Paulo diz: "E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai" (Gl 4, 6). Ou ainda, quando diz: "Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba! Pai" (Rm 8, 15).

Na dinâmica da chamada "Infância Espiritual", Deus se revela e forma os que são pequeninos. Podemos encontrar também o seu fundamento bíblico no Evangelho quando se diz: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11, 25). Teresa de Lisieux vive este percurso de infância espiritual e, através desta experiência, nos impulsiona a vivermos profundamente nossa filiação divina. Nesta

²⁴⁴ MEESTER, C., De mãos vazias, p. 31

²⁴³ TERESA DE LISIEUX. CT 45.

²⁴⁵ BRANDÃO, A., Santa Teresinha do Menino Jesus, p. 251.

perspectiva, ela diz: "Pois bem, sou eu essa criança, objeto do amor proveniente de um Pai" 246.

A Pequena Via - essa trilhazinha - é um caminho de relação filial com Deus; é a relação com Ele a partir da "infància espiritual". Deus é Pai e o ser humano é filho, mas é filho criança-pequena que vive sua fragilidade e dependência na relação com Deus. [...] A Pequena Via não é apenas uma postura diante de Deus, mas é uma ação poderosa de Deus que, no "elevador da Graça", opera coisas maravilhosas em nós e, de fato, faz que nossa alma seja, conforme Santa Teresinha disse de si mesma, "filha, esposa e mãe". Ela apostou nesse caminho e se tornou "a maior santa dos tempos modernos", como a chamou São Pio X. Ela nos convida a trilhar esse caminho e, assim, descobriremos a força da infância espiritual em nossas vidas²²⁴⁷.

A Carta Apostólica *Divini Amoris Scientia*, do Papa João Paulo II, comemorando o centenário de sua morte, e na qual ela é proclamada Doutora da Igreja também corrobora quando diz que:

De Teresa de Lisieux, pode-se dizer com convicção que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar diretamente, aos homens do nosso tempo, o *mistério fundamental*, a realidade do Evangelho [...]. O "pequeno caminho" é o "caminho da santa infância". Neste caminho, há alguma coisa de único, um gênio de Santa Teresa de Lisieux. Há ao mesmo tempo a confirmação e a renovação da verdade mais *fundamental* e a mais *universal*. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal do que esta: Deus é nosso Pai e nós somos Seus filhos?²⁴⁸

A pequena via tem seu ápice no final do ano de 1894, quando Teresinha aprende o total abandono nas mãos de Deus, "o doloroso processo 'eu quero e farei para Vós' torna-se mais tranquilo à medida que prevalece a consciência do 'é-me impossível, Vós, portanto, o fareis por mim''²⁴⁹. A direção, portanto, é mudada. Agora Cristo opera nela, e não mais Teresinha sozinha. Pode-se dizer que este itinerário é o caminho do amor, da humildade, pequenez, pobreza, confiança, abandono em Deus, da simplicidade de uma criança, na vontade de Deus. Tudo isso se torna evidente ao lermos uma das suas cartas ao Padre Roulland:

Meu caminho é todo de confiança e de amor, não compreendo as almas, que têm medo de um amigo tão terno. Às vezes, quando leio certos tratados nos quais a perfeição é mostrada mediante mil entraves, cercada de uma multidão de ilusões, meu pobre espiritozinho logo se cansa, fecho o sábio livro que me quebra a cabeça e seca meu coração e pego a Sagrada Escritura. Então, tudo me parece luminoso, uma só palavra abre à minha alma horizontes infinitos, a perfeição me parece fácil, vejo que basta reconhecer seu nada e abandonar-se como uma criança nos braços do bom Deus. Deixando às grandes almas, aos grandes espíritos os belos livros que não posso compreender, ainda menos pôr em prática, alegro-me por ser pequena, pois que só as crianças e os que se lhes assemelham serão admitidos ao banquete celeste.

²⁴⁶ TERESA DE LISIEUX. MA 39 r.

²⁴⁷ ANDRADE, A. L. B., Pequena Via de Santa Teresinha, p. 13.

²⁴⁸ DAS, 10.

²⁴⁹ MEESTER, C., De mãos vazias, p. 64.

Fico feliz porque há muitas moradas no reino de Deus, pois se não houvesse senão aquelas cuja descrição e caminho me parecem incompreensíveis, eu não poderia entrar nele.²⁵⁰

Em uma carta endereçada ao Padre Bellière, ela explica a pequena via, quando ela expõe do que se trata este caminho, que não é somente espiritual, mas também humano, pois passa pelas vicissitudes e circunstâncias da vida humana com suas fragilidades e possibilidades:

Devemos ir para o céu pelo mesmo caminho, o do sofrimento unido ao amor: Quando chegar ao porto, eu lhe ensinarei, querido irmão de minha alma, como você deve navegar sobre o mar encapelado do mundo com o abandono e o amor de uma criança, que sabe que seu Pai a ama e não poderia deixá-la só na hora do perigo. Ah, como quisera fazê-lo compreender a ternura do Coração de Jesus, o que Ele espera de você! (...). Compreendi, mais que nunca, que sua alma é irmã da minha, pois que é chamada a se elevar para Deus pelo ascensor do amor e não a subir a rude escada do temor ²⁵¹.

No decorrer dos anos, a Pequena Via foi tornando-se conhecida e explicada pelos estudiosos de espiritualidade. Dentre eles, destaca-se o carmelita Conrad de Meester, que em sua obra "*De mãos vazias: a espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus*", pôde elucidar este itinerário espiritual apresentando cinco pontos determinantes. Estes são: a) o desejo de santidade ou união com Deus. Mesmo nos momentos de provação da fé e de aridez profunda, ela continua a fixar o Sol divino com olhar de amor; b) o reconhecimento de sua incapacidade ou a ascese da via da infância, que tendo consciência da sua pequenez viverá o ordinário de forma extraordinária; c) a superação das imperfeições; d) a busca de uma solução nas Sagradas Escrituras; e) a resposta libertadora em Provérbios 9, 4 e em Isaías 66, 12-13²⁵².

Teresa de Lisieux quis que a Pequena Via fosse um itinerário que pudesse ser percorrido por todas as pessoas que desejassem responder ao amor de Deus, mas que, por sua pequenez, veem-se impotentes diante dos caminhos dos grandes místicos. Este é um caminho curto, porém, reto, que conduz com segurança rumo ao cume da santidade. A santa percebe a sua incapacidade e a sua descoberta é uma resposta existencial de fé, pois entende que é Deus que, como um pai, lhe toma nos braços e conduz ao topo da montanha. É um caminho libertador, pois liberta da pretensão de querer chegar a Deus com os próprios méritos, mas encarna o texto

²⁵⁰ TERESA DE LISIEUX. CT 226.

²⁵¹ TERESA DE LISIEUX. CT 258

²⁵² MEESTER, C., De mãos vazias, p. 73 - 80.

bíblico "deixai as crianças virem a mim. Não impeçais, porque delas é o Reino de Deus" (Mc 10,14).

3.1 Pontos determinantes da Pequena Via

A Pequena Via foi o itinerário humano-espiritual de filiação e amor que aproximou Santa Teresa de Lisieux do Pai do Céu. Contudo, ela quis que esta estrada se tornasse conhecida, igualmente, por outras pessoas que pudessem percorrê-la, como bem afirma Penna: "Teresa não ensinará de forma acadêmica e erudita. Na simplicidade partilhará as riquezas e luzes que recebeu, fruto de sua intensa relação com Deus e sempre transmitindo ao próximo em clima de caridade fraternal"²⁵³. Por isso, ela nos diz: "Que me importa que seja eu ou outra pessoa que dê esse caminho aos outros; contanto que ele seja apresentado, não importa o instrumento!"²⁵⁴. E ainda, manifestando este desejo:

Quero ensinar aos outros o caminho da confiança e do total abandono. Quero ensinar-lhes os pequenos meios que me serviram tão bem, dizer-lhes que só há uma coisa a fazer nesta terra: jogar para Jesus as flores dos pequenos sacrifícios, pegá-lo mediante carícias, foi assim que o peguei e é assim que serei tão bem recebida²⁵⁵.

Teresa de Lisieux trazia em seu coração um propósito decidido: tornar sua via conhecida, pois muitos poderiam ser alcançados, resgatados e santificados por meio deste itinerário. Segundo Péricot, "a consciência da Pequena Via é fruto de descobertas e reflexões progressivas, de experiências interiores particularmente ricas [...] mesmo se sua vida nos parece tão curta"²⁵⁶. Para esclarecermos a descoberta e as fontes deste caminho da santa carmelita, explicitamos e aprofudamos os chamados pontos determinantes da Pequena Via.

3.1.1 O desejo de santidade

Teresa de Lisieux trazia um desejo em seu coração: "Quero ser uma santa"²⁵⁷, e ainda em preces de amor dirigidas a Deus, ela implora, demonstrando este intento: "desejo cumprir perfeitamente vossa vontade e chegar ao grau de glória, que me

²⁵³ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 426.

²⁵⁴ TERESA DE LISIEUX. CA 21.7.5.

²⁵⁵ TERESA DE LISIEUX. PO 195.

²⁵⁶ PÉRICOT, Y., La petite voie de l'amour ou la vie mystique pour tous, p. 46 (tradução nossa).

²⁵⁷ TERESA DE LISIEUX. CT 45.

preparastes no vosso Reino, em uma palavra, desejo ser santa"²⁵⁸; "pedi a Jesus que me torne uma grande santa"²⁵⁹.

Para compreendermos o sentido e a busca de santidade em Teresa de Lisieux precisamos voltar à realidade da santidade cristã. O Concílio Vaticano II tratou de maneira bem profunda deste assunto, sobretudo, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* quando aborda em seu quinto capítulo sobre a vocação universal à santidade na Igreja.

Cremos que a Igreja é santa, afirma o Concílio²⁶⁰, porque Cristo, o "único santo", a amou como esposa e se entregou por ela a fim de santificá-la. Com isso, é expresso que a santidade da Igreja vem totalmente da santidade de Cristo e de seu amor por Ela. Amor que o levou ao sacrifício da cruz para que ela fosse sua esposa. Notemos que a Constituição sobre a Igreja recorre explicitamente à categoria do amor, o qual por sua natureza, procede do desejo de união mútua e a estabelece de fato. De uma maneira bem apropriada, portanto, a intensidade e a intimidade dessa união é explicada por meio da imagem bíblica esponsal: entre Deus e o seu povo. Cristo une a si a sua Igreja como seu próprio Corpo Místico, assim a santidade dos cristãos deriva desta união com Ele²⁶¹.

A finalidade da santidade é fazer com que os seres humanos correspondam e cooperem cada vez mais com a Graça de Deus, sendo no Espírito Santo unidos à Cristo e, assim, por Ele, com Ele e n'Ele o Pai seja glorificado. Tal como, também, expressa o Documento de Puebla: "O Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo. O mundo e a Igreja, por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai"²⁶². Do mesmo modo, Teresa de Lisieux deseja fazer de sua oferta de vida uma doxologia ao Pai: "procurarei dar-te glória tornando-me uma grande santa"²⁶³.

A presença de Deus, o desejo de ser santa, as incessantes buscas da perfeição na caridade, fazem com que a santa carmelita descubra a sua Pequena Via, mesmo diante de suas debilidades e na comparação diante dos grandes santos e santas. Isso fica bem claro, quando diz em sua autobiografia:

²⁵⁸ TERESA DE LISIEUX. OR 06.

²⁵⁹ TERESA DE LISIEUX. CT 80.

²⁶⁰ LG 39.

²⁶¹ LG 39.

²⁶² DP, 917.

²⁶³ TERESA DE LISIEUX. CT 52.

Vós o sabeis, Madre, sempre desejei ser santa, mas ai de mim! Sempre constatei quando me comparei aos santos que há entre eles e mim a mesma diferença que existe entre uma montanha cujo cume se perde nos céus e o grão de areia obscuro pisado debaixo dos pés dos passantes; em vez de desanimar, eu me disse: Deus não poderia inspirar desejos irrealizáveis, portanto posso apesar de minha pequenez aspirar à santidade; aumentar meu tamanho, é impossível, devo suportar-me tal como sou com todas as minhas imperfeições, mas quero buscar o meio de ir para o Céu por um pequeno caminho bem reto, bem curto, uma pequena via toda nova 264.

Nesta parte de seu escrito, que ilumina e destaca esta descoberta ou ao menos a intuição de sua Pequena Via, podemos colocar em evidência alguns elementos: um desejo profundo de santidade; e a comparação e o reconhecimento de suas imperfeições que abordaremos, a seguir. Teresa de Lisieux é uma mulher que deseja e isso faz com que ela se mova em uma direção: para os braços de Jesus. Por isso, diz: "o elevador que deve me elevar até o céu, são vossos braços, ó Jesus! Assim, não tenho necessidade de ficar grande, ao contrário é preciso que fique pequena, que eu me torne pequena cada vez mais" Esta vontade de algo que ainda lhe falta é o ponto de partida que move seu caminho místico.

A respeito do desejo de Teresa de Lisieux podemos dizer, primeiramente, que para ela, Deus não poderia nos suscitar desejos irrealizáveis e, por isso, Ele nos faz desejar justamente aquilo que quer nos dar livremente. Isso fica muito claro quando ela diz: "Ele não me inspiraria os desejos que sinto, se não quisesse satisfazê-los" e ainda, "teria Ele posto no coração de suas pobres esposinhas um desejo que não pudesse realizar? Não." 267.

A santa carmelita demonstra muitas vezes que o seu desejo está voltado para os desígnios de Deus e para aquilo que Ele mesmo poderia realizar em sua pobre alma. Portanto, destacamos algumas de suas aspirações: alcançar o Céu e lá continuar trabalhando²⁶⁸; não ouvir louvores à sua própria pessoa, senão a Deus; amar a Deus e fazê-lo amado²⁶⁹; oferecer-se a Deus como um cacho de uva²⁷⁰; estar em Deus e com Deus²⁷¹; ser fiel a Deus e nunca lhe ser ingrata²⁷²; realizar ações

²⁶⁴ TERESA DE LISIEUX. MG 2 v.

²⁶⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 3 r.

 $^{^{266}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 84 v.

²⁶⁷ TERESA DE LISIEUX. CT 129.

²⁶⁸ TERESA DE LISIEUX. RP 8, 6 r; CT 218; MA 67 r.

²⁶⁹ TERESA DE LISIEUX. MG 26 v.

 $^{^{270}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 25 v.

 $^{^{271}}$ TERESA DE LISIEUX. OR 17.

²⁷² TERESA DE LISIEUX. CT 41.

heroicas por Jesus²⁷³; unir-se profundamente a Jesus²⁷⁴; amar até morrer de amor²⁷⁵; ter a ciência do amor²⁷⁶. São, justamente, estes desejos, transformados em propósitos verdadeiros, que movem sua vida e espiritualidade.

A santidade para Santa Teresa de Lisieux não é algo teórico ou abstrato que se aprende somente nos livros, mas é a vivência que se tem bem orientada, iluminada e fortificada pelo amor.

Santidade para Santa Teresinha não é um programa de vida, não é uma sistematização do caminho que leva a Deus. Santidade para Santa Teresinha é a subida da Montanha do Amor ou a travessia pelo vale da esperança e da perfeição. A santidade, pois, para Santa Teresinha é uma vida, é uma existência, é uma história pessoal e profunda, como foi e é a revelação divina transmitida na Bíblia e no processo da redenção da humanidade²⁷⁷.

Teresa de Lisieux, tão humana e tão de Deus, nesta busca pela santidade e cheia de humildade consegue perceber as suas limitações ou incapacidades que lhe acompanham em sua trajetória de vida.

3.1.2 O reconhecimento de sua incapacidade

Diante deste grande desejo de santidade, Teresa de Lisieux se depara com uma constatação: sua incapacidade. Nela observamos o que ocorre muitas vezes no coração humano: a percepção das limitações, fraquezas, barreiras que precisam ser reconhecidas, mas que ao mesmo tempo atraem os olhos de Deus. Pois, o Deus da Revelação Cristã não veio para os sãos, mas para os pecadores (Mt 9, 13; Mc 2, 17; Lc 5, 32). Nesta mesma perspectiva, nos diz a santa do Carmelo: "porque eu era pequena e fraca ele se abaixava para mim, instruía-me nas coisas de seu amor" 278. Esta noção da condescedência divina diante daquele ou daquela que precisa é um marco não só para os cristãos. É o que destaca, Francisco, no Documento *Misericordiae Vultus*: "A misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja. Ela relaciona-nos com o Judaísmo e o Islamismo, que consideram um dos atributos marcantes de Deus" 279.

²⁷³ TERESA DE LISIEUX. MM 2 v e 3 r.

²⁷⁴ TERESA DE LISIEUX. CT 39.

²⁷⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 7 v.

²⁷⁶ TERESA DE LISIEUX. MM 1 r.

²⁷⁷ CAVALCANTE. P.T., Santidade, p. 483.

 $^{^{278}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 49 r.

²⁷⁹ MV, 23.

O reconhecimento das incapacidades, este constitui o segundo ponto determinante na descoberta da Pequena Via. É, justamente, a fragilidade humana que nos faz tantas vezes nos sentir pequenos diante de Deus; ao ponto de invocarmos a sua compaixão, pois como diz Santo Tomás de Aquino: "é próprio de Deus usar de misericórdia, e nisso se manifesta de modo especial a sua onipotência" Teresa de Lisieux entende bem isso, descobre que sua pequenez é capaz de atrair os olhos de Deus. Inspirada nas palavras do apóstolo Paulo, ela pôde dizer: "é da minha fragilidade que se manifesta toda a minha força" E ainda: "Eu não me apoio jamais sobre minhas próprias forças, sei que sou fraca" E em uma de suas cartas dirigidas a sua irmã Celina, ela nos esclarece a dinâmica de cair e de encontrar em Deus a fortaleza necessária:

E nós gostaríamos de nunca cair? Que me importa, diz ela, cair a todo instante? Eu sinto minha fraqueza, e dela tiro um grande proveito. Meu Deus! Vede o que posso fazer se vós não me levais em Vossos braços. [...] então, não vou me preocupar, mas estenderei para Vós braços suplicantes e cheios de amor! Não posso crer que me abandoneis!²⁸³.

3.1.3 A superação das imperfeições

Teresa de Lisieux vive, e não somente intui de modo abstrato, a trajetória de descoberta de seu caminho espiritual. Podemos caracterizá-lo como um modo de superação das imperfeições. Diante da constatação de suas limitações, a santa carmelita entende que permanecendo pequena diante da grandeza de Deus, pode ser guiada, ensinada e agraciada pelo Senhor. Por isso, ela nos instrui: "Minha alegria é permanecer pequena. Assim, quando caio no caminho posso levantar bem depressa e Jesus me toma pela mão"²⁸⁴. Sua Pequena Via é uma trajetória realista que passa pelas imperfeições, fraquezas e limitações próprias de cada ser humano.

Em Teresa de Lisieux, vemos que o percurso de maturidade cristã é um caminho de superação das próprias quedas. A chave de leitura para o entendimento do triunfo sobre as imperfeições é cristológica. A santa Carmelita pôde entender e reconhecer: "o elevador que me deve elevar até o Céu, são vossos braços, ó Jesus"²⁸⁵. Seria, justamente, por meio de sua entrega e comunhão com Deus que ela

²⁸⁰ ST, II-III, q. 30, a. 4.

²⁸¹ TERESA DE LISIEUX. CT 55.

²⁸² TERESA DE LISIEUX. CA 20.5.1.

²⁸³ TERESA DE LISIEUX. CT 89.

²⁸⁴ TERESA DE LISIEUX. PN 45, 6.

²⁸⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 3 r.

poderia chegar ao cume da montanha. Depender de Deus, confiar-se inteiramente a Ele, mesmo diante das fragilidades humanas é um conhecimento que se torna claro e presente na vida e na espiritualidade da santa de Lisieux. Pouco a pouco, ela percebe que assim como Nosso Senhor, os artistas às vezes gostam de se servir de instrumentos defeituosos, fracos e pequenos²⁸⁶ e que Deus realiza maravilhas e portentos por meio daqueles que se assemelham a frágeis instrumentos²⁸⁷.

Deste modo, podemos perceber que para ela a fraqueza humana não se torna um obstáculo da alma ou da vida humana em diração a Deus. É precisamente aí que Deus se revela, tornando-se a força dos humildes. Para isso, é necessário que haja comunhão entre o coração humano e o Coração de Deus, que em outras palavras podemos denominar como confiança filial. Por isso, com humildade profunda e verdadeira, a santa carmelita pôde escrever: "Eu era fraca, muito fraca, que considero uma grande graça ter podido suportar um provação, que parecia estar bem acima de minhas forças"²⁸⁸. E reconhece: "É Ele só que, contentando-se de meus esforços, elevar-me-á até Ele"²⁸⁹. E ainda: "Sou apenas um instrumento fraco escolhido por Deus, que me conduzirá pela sua potente mão, a fim de que eu cumpra sua obra"²⁹⁰.

Sobre a arte de aproveitar as imperfeições e fraquezas em Santa Teresa de Lisieux, esclarece-nos Pedro Teixeira Cavalcante, com alguns conselhos práticos da própria carmelita:

Santa Teresinha, por fim, dá-nos ainda alguns bons e práticos conselhos sobre essa questão. O primeiro é que devemos rezar a Nossa Senhora, para que ela nos ajude nas nossas fraquezas (RP.8, 6 r). O segundo é a advertência de que uma fraca fagulha pode causar um terrível e dantesco incêndio (PN. 24, 17). O terceiro é que é o meu amor, mesmo fraco, que prende Jesus a mim (PN. 28,3). O quarto e último é que não devemos jamais nos esquecer de que a fraqueza própria do homem é o amor próprio (RP.7, 3v)²⁹¹.

Teresa de Lisieux entende que as fraquezas humanas podem ser superadas e mais, podem nos aproximar de Deus. Na sua busca de superação e de intimidade com o Senhor, ela se volta para a Sagrada Escritura e nela encontra a resposta e a âncora de sua Pequena Via.

²⁸⁶ TERESA DE LISIEUX. MG 20 r.

²⁸⁷ TERESA DE LISIEUX. CT 201 e 220.

 $^{^{288}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 25 v.

 $^{^{289}}$ TERESA DE LISIEUX. MA 32 r.

²⁹⁰ TERESA DE LISIEUX. RP 1, 16 v.

²⁹¹ CAVALCANTE, P. T., Fraqueza, p. 248.

3.1.4 A busca de uma solução nas Sagradas Escrituras

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, de Bento XVI, fruto da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, dentre tantos aspectos teológicos, aprofunda o valor da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Neste documento o versículo: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo, 1, 14) é destacado como a síntese de toda a fé cristã. Esta também é a perícope que dá sentido à chamada mística encarnada vivenciada e propagada por muitos santos que em sua época também puderam encarnar a Palavra de Deus através da profissão, celebração e vivência da fé. Neste mesmo documento, Bento XVI nos leva a refletir que

A interpretação da Sagrada Escritura ficaria incompleta se não se ouvisse também quem viveu verdadeiramente a Palavra de Deus, ou seja, os Santos. [...]Realmente a interpretação mais profunda da Escritura provém precisamente daqueles que se deixaram plasmar pela Palavra de Deus, através da sua escuta, leitura e meditação assídua²⁹².

Os santos e santas tornam-se modelo para o Corpo Místico de Cristo, pois se deixaram plasmar por esta Palavra. Como exemplo concreto de alguém que se deixou conduzir pela Palavra identificamos Teresa de Lisieux, Doutora da Igreja e Padroeira das Missões. Sua experiência é ressaltada também na *Verbum Domini*:

Santa Teresa do Menino Jesus encontra o Amor como sua vocação pessoal, quando perscruta as Escrituras, em particular os capítulos 12 e 13 da Primeira Carta aos Coríntios; e a mesma Santa assim nos descreve o fascínio das Escrituras: "Apenas lanço o olhar sobre o Evangelho, imediatamente respiro os perfumes da vida de Jesus e sei para onde correr". Cada Santo constitui uma espécie de raio de luz que brota da Palavra de Deus [...]²⁹³.

Santa Teresa de Lisieux dizia: "O Evangelho me ensina e o meu coração me revela". Em seus escritos constam diversos textos da Sagrada Escritura. Precisamente 1.120 perícopes do Antigo Testamento e 658 perícopes do Novo Testamento²⁹⁴. Contudo, o fato torna-se ainda mais extraordinário quando sabemos que ela viveu apenas 24 anos e que não teve acesso à Sagrada Escritura tal como temos hoje como dom do Concílio Vaticano II. Então, poderíamos nos questionar: Como Santa Teresa de Lisieux teve a oportunidade de conhecer as Escrituras

²⁹² VD 48.

²⁹³ VD 48.

²⁹⁴ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 376.

Sagradas se em seu tempo ela não possuía a Bíblia, por completa, em mãos? O teólogo Hans Urs von Balthasar lembra que

Teresa levava sempre consigo um exemplar do Novo Testamento. Em sua cela ela extraiu longas passagens e estabeleceu concordâncias entre várias passagens. Em seus próprios escritos, ela exibe uma surpreendente liberdade e maestria no manuseio dos textos, não apenas do Novo Testamento, mas também do Antigo, notadamente os livros sapienciais, os Salmos e Isaías²⁹⁵.

Ainda sobre o contato, a leitura e a busca pelos textos da Sagrada Escritura realizados pela santa carmelita, esclarece-nos o pesquisador de Santa Teresa de Lisieux, Pedro Penna:

seu encontro com os textos Bíblicos ocorre por meio da leitura de livros religiosos, como por exemplo, a Imitação de Cristo, as obras de São João da Cruz, por meio da participação cotidiana da Santa Missa e da leitura do missal; pelos manuais de acompanhamento dos ofícios litúrgicos²⁹⁶.

Santa Teresa de Lisieux pôde haurir da Sagrada Liturgia e da Tradição da Igreja que se expressa também na Liturgia, os textos Sagrados Escriturísticos. Estas palavras permaneceram em seu coração tal como a semente que cai em terra boa e produz os seus frutos (Mc 4, 1-9).

A aproximação e contato com textos da Sagrada Escritura, igualmente, se tornam possíveis para Teresa de Lisieux através do chamado "Caderno de Celina". Trata-se de um caderno ou diário espiritual que a sua irmã Celina levou para o Carmelo de Lisieux com vários textos seletos da Sagrada Escritura. Conrad de Meester confirma esse dado quando destaca em sua obra:

De fato, quando Celina entra no Carmelo, leva consigo uma pequena antologia bíblica e a empresta para Teresa. Leiamos a nota que Celina escreverá nesse mesmo caderno [...]: "Ao entrar no Carmelo, em 14 de setembro de 1894, levei comigo este caderninho que eu havia copiado quando estava no mundo da tradução da Vulgata dos senhores Bourassé y Janvier [...] Santa Teresa do Menino Jesus se serviu com entusiasmo deste caderno e não podia separar-se dele, de maneira que a Ir. Maria da Eucaristia começou a fazer uma cópia dele. E é certo que dele tirou vários textos preciosos, entre outros: Ele quer que eu seja pequenino (Pr 9, 4). Creio que também tirou dali esta passagem: Como uma mãe acaricia a seu filho. [...] a Bíblia por completa, não estava naquele tempo ao alcance das monjas²⁹⁷.

Na Carta Apostólica *Divini Amoris Scientia* de proclamação do doutorado de Santa Teresinha, São João Paulo II destaca: "Teresa é mestra de vida espiritual, mediante uma doutrina, ao mesmo tempo simples e profunda, que ela bebeu nas fontes do Evangelho sob a guia do Mestre divino e, depois, comunicou aos irmãos

²⁹⁵ BALTHASAR, H. U., Teresa de Lisieux, p. 81 (tradução nossa).

²⁹⁶ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 376.

²⁹⁷ MEESTER, C., Dinámica de la confianza, p. 81 (tradução nossa).

e irmãs na Igreja com vastíssima eficácia"²⁹⁸. E ainda evidencia a Sagrada Escritura como a fonte de sua espiritualidade:

A principal fonte da sua experiência espiritual e do seu ensinamento é a Palavra de Deus, no Antigo e no Novo Testamento. Ela mesma o confessa de modo especial, pondo em relevo o seu apaixonado amor pelo Evangelho (cf. *Manuscrito A*, 83 v). Nos seus escritos contam-se mais de mil citações bíblicas: mais de quatrocentas do Antigo e mais de seiscentas do Novo Testamento. Apesar da preparação inadequada e da falta de instrumentos para o estudo e a interpretação dos livros sagrados, Teresa imergiu-se na meditação da Palavra de Deus com uma fé e uma vivacidade singulares. Sob o influxo do Espírito conseguiu, para si e para os outros, um profundo conhecimento da revelação²⁹⁹.

Nesta mesma Carta Apostólica, o São João Paulo II demonstra ainda o desejo que Teresa de Lisieux trazia em seu coração de estudar os Textos da Sagrada Escritura em suas línguas originárias e a contribuição bíblico-teológica da Santa Carmelita para a espiritualidade cristã católica:

Com a sua concentração amorosa na Escritura - teria querido conhecer até o hebraico e o grego para compreender melhor o espírito e a letra dos livros sagrados - fez ver a importância que as fontes bíblicas têm na vida espiritual, pôs em evidência a originalidade e o vigor do Evangelho, cultivou com sobriedade a exegese espiritual da Palavra de Deus, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Descobriu assim tesouros escondidos, apropriando-se de palavras e episódios, às vezes não sem audácia sobrenatural como quando, ao ler os textos de Paulo (cf. *1 Cor* 12, 13), intuiu a sua vocação ao amor (cf. *Manuscrito B*, 3 r - 3 v). Iluminada pela Palavra revelada, Teresa escreveu páginas geniais sobre a unidade entre o amor de Deus e o amor do próximo (cf. *Manuscrito C*, 11 v - 19 r) e identificou-se com a oração de Jesus na Última Ceia, como expressão da sua intercessão para a salvação de todos (cf. *Manuscrito C*, 34 r - 35 r)³⁰⁰.

Deste modo, podemos perceber a força e o dinamismo da Palavra de Deus. A Palavra de Deus forma os santos de diversas épocas e contextos. Aqui nos recordamos das palavras de São Paulo: "eu estou algemado, mas a Palavra é livre" (II Tm 2, 8). Essa mesma Palavra chega ao encontro da santa Carmelita inspirando sua espiritualidade. "Ela cultivou com sobriedade a exegese espiritual da Palavra de Deus, tanto do Antigo como do Novo Testamento"³⁰¹. A Sagrada Escritura tornase uma luz para a descoberta e o aprofundamento da Pequena Via, de modo particular, por meio de dois textos escriturísticos: Provérbios 9,4 e Isaías 66, 12-13.

²⁹⁸ DAS, 3.

²⁹⁹ DAS, 9.

³⁰⁰ DAS, 9.

³⁰¹ CARISSIMI, P., Amar e sofrer conforme Santa Teresinha do Menino Jesus, p. 84.

3.1.5 A resposta libertadora em Provérbios 9, 4 e em Isaías 66, 12-13.

Teresa de Lisieux é uma mulher da Palavra de Deus e se deixa interperlar e conduzir por ela. Busca na própria Sagrada Escritura a resposta para a inspiração de seu itinerário espiritual. Em sua autobiografia, este episódio está descrito quando ela diz:

Então procurei nos livros sagrados o indicador do elevador, objeto de meu desejo, e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria eterna: "Se alguém for pequenino que venha a mim" (Pr 9, 4) Então eu vim, adivinhando que tinha achado o que buscava e queria saber, ó meu Deus! o que faríeis ao "pequenino que respondesse ao vosso chamado", continuei minhas pesquisas e eis o que encontrei: - Como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei, vos levarei sobre meu seio e vos balançarei sobre os meus joelhos! (Is 66, 13.12) Ah! nunca palavras mais ternas, mais melodiosas, vieram alegrar a minha alma, o elevador que deve elevar-me até o Céu, são vossos braços, ó Jesus! Para isso eu não preciso crescer, ao contrário devo permanecer pequena, e que me torne cada vez mais 302.

Nestes textos, a santa carmelita encontra a resposta para aquilo que ela já trazia dentro de si. Ela já entendia do que se tratava ser "pequenino", entretanto, a partir da iluminação bíblica, tinha diante dos olhos como que uma confirmação de sua inspiração. "A Palavra lida na Sagrada Escritura projeta, então, uma luz intensíssima sobre a vida de Teresinha e revela-lhe a trajetória misteriosa, idealizada e realizada, com a sua total participação em plena liberdade"³⁰³. Neste sentido, vale a pena destacar uma análise crítica do comentador Conrad de Meester sobre esta descoberta de Teresa de Lisieux. Ele diz:

Citamos aqui os textos como Teresa os encontrou literalmente no caderninho. A Bíblia de Jerusalém traduz "Quem é simples? Que passe por aqui". A expressão "pequenino" não aparece aqui textualmente, nem a forma pessoal "a mim". Provavelmente Teresa, nessa versão, tenha lido o texto por cima. A graça de Deus muitas vezes nos vem por acaso! De repente nosso coração pode ser tocado e nossos olhos abertos quando o Senhor o quer³⁰⁴.

A santa carmelita recebe estas palavras como que para ela mesma. Nestas passagens, Teresa de Lisieux vê a essência do amor misericordioso de Deus. Estas "palavras traziam autoridade a tudo que já vinha pressentindo e tornam-se fundamento de sua confiança em Deus"³⁰⁵. Deste modo, ela percebe que a pequenez não é um impedimento para se chegar ao cume da montanha. Muito pelo contrário,

³⁰² TERESA DE LISIEUX. MG 3r.

³⁰³ BERARDINO, P. P. Ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha, p. 22.

³⁰⁴ MEESTER, C., De mãos vazias, p. 76.

³⁰⁵ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 436.

Deus mesmo lhe convida e lhe oferece o auxílio e a força para chegar aonde não consegue com suas próprias capacidades. Além disso, Deus manifesta o seu amor aos pequeninos, e por isso, ela em sua pobreza e pequenez se percebe destinatária de um amor que gera em sua vida superação de si mesma e um conhecimento mais aprofundado de Deus. E assim, poderíamos nos questionar: o que Teresa de Lisieux entendia por "ser pequena"? Segundo Penna, ela entende como "o reconhecimento de sua fragilidade, a atitude de verdadeira humildade que se contrapõe a toda a ilusão, a toda a forma de orgulho" 306.

Assim, a santa carmelita compreende diante destas passagens da Escritura que se faz necessário reconhecer o que nós somos, inclusive diante das fragilidades humanas, e a reconhecer o que Deus é (misericordioso). De modo geral, podemos dizer que seu itinerário forma, assim, um caminho humano-espiritual para o encontro e o crescimento do ser humano diante de Deus ou em comunhão com Deus.

3.2 Um caminho profundamente humano-espiritual

No estudo da antropologia teológica encontramos o homem e a mulher, criados a imagem e semelhança de Deus, como ápice da obra da criação³⁰⁷. Estes são destinatários do seu amor infinito e devem manifestar este amor através do zelo com a toda a realidade humana e criada.

Porque é à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de *pessoa:* ele não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. E é chamado, pela graça, a uma Aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar³⁰⁸.

A espiritualidade cristã, por sua vez, pode contribuir para que os homens e as mulheres, do tempo presente, estabeleçam esta aliança entre si e com Deus. Esta busca pela unidade, pela comunhão com Deus e que se traduz no amor ao próximo, é própria do ser humano que está sempre à procura do que lhe falta: da transcendência, do absoluto. Para isso, é preciso que tenhamos uma visão integrada da pessoa humana composta por corpo e alma. O Concílio Vaticano II destaca, justamente, isso quando diz:

³⁰⁶ PENNA, P., Santa Teresa de Lisieux, p. 436.

³⁰⁷ CEC 355.

³⁰⁸ CEC 357.

Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, na sua condição corporal, reúne em si mesmo os elementos do mundo material, que assim nele encontram a sua consumação e nele podem louvar livremente o seu Criador. Por isso, não é lícito ao homem menosprezar a vida do corpo. Pelo contrário, deve estimar e respeitar o seu corpo, que foi criado por Deus e que há de ressuscitar no último dia³⁰⁹.

Na experiência de fé todo nosso ser (corpo e alma) é tocado pelo mistério de Deus. Por isso, através de uma espiritualidade integrada, o ser humano, por inteiro, pode conhecer e estabelecer uma comunhão íntima com Deus. O Catecismo da Igreja Católica, nesta perspectiva, lembra-nos que o homem é capaz de Deus e, portanto, traz consigo uma vontade, um desejo profundo que só pode ser saciado a partir da comunhão com Deus:

o desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso³¹⁰.

A espiritualidade cristã tem a missão e o desafio, de muitas vezes, superar o chamado, dualismo antropológico. Este fere a visão integrada do ser humano, pois se valoriza mais uma dimensão (por exemplo, a alma) que a outra (o corpo) e viceversa. Para o teólogo contemporâneo, Alfonso Garcia Rúbio "a superação real do dualismo só é possível a partir da experiência unitária básica do ser humano como pessoa"³¹¹. Nesta mesma perspectiva integradora, nos exorta o Papa Bento XVI, quando fala sobre a experiência do ser humano com Deus:

O homem pode chegar até a experimentar Deus. De fato, a relação com ele não se consome unicamente na esfera da racionalidade, mas envolve de modo total a pessoa. Todos os sentidos externos e internos do homem estão interessados na experiência de Deus: De fato, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus para que aja mediante os cinco sentidos do seu corpo; graças a eles não se sente separado e é capaz de conhecer, entender e realizar o que deve fazer³¹².

Do mesmo modo, o Concílio Vaticano II, trata o ser humano como um ser religioso e integrado. E, de maneira especial, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* traz uma contribuição importante para a antropologia teológica, quando diz:

A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à comunhão com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado: nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador³¹³.

³⁰⁹ GS 14.

³¹⁰ CEC 27.

³¹¹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 350.

³¹² BENTO XVI. Carta Apostólica na qual Santa Hildelgarda é proclamada Doutora da Igreja, 6.

³¹³ **GS** 19.

Na busca por Deus, por esta felicidade e verdade, místicos e místicas fazem sua experiência com o absoluto, com o sagrado, com o divino, com Deus mesmo no decorrer da História da Salvação e dos séculos. Como dizia o salmista: "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando terei a alegria de ver a face Deus?" (S1 42, 3).

Os místicos não têm a intenção de revelar-se a si mesmos, porque seriam os primeiros a se esconder. Revelam imperativamente a história de Deus em suas vidas, que veem como história de salvação. Veem suas vidas como revelação de Deus, ou melhor, revelação de Deus feita vida³¹⁴.

Da mesma forma, a mística carmelita, Santa Teresa de Lisieux, por meio de sua vida, obra e espiritualidade, busca a face de Deus. Ela nos recorda que em plenitude no Céu, quando tudo nos for revelado, é que veremos o esplendor da face de Deus³¹⁵. No entanto, ela nos esclarece que vivendo a vida presente estamos neste mundo, nesta terra; e, por isso, enquanto vivemos este tempo podemos encontrar a face do Senhor através do nosso amor na face de Jesus³¹⁶, grande mistério de amor revelado à humanidade. E depois, por meio de sua mística, ela nos indica que esta face precisa ser não somente conhecida, mas imitada³¹⁷. É, precisamente, para isso que Deus se revela. E, desta maneira, ela clama: "Face Adorável, faze que eu me assemelhe a Ti"³¹⁸.

Deste modo, podemos compreender que a busca por Deus transforma a sua vida e a leva a imitá-lo em seu cotidiano. Sendo assim, a santa carmelita nos apresenta a face do Deus misericordioso, bom e compassivo, que caminha próximo a todos e se faz presente em nosso dia a dia, em nossa história, inclusive nas pequenas coisas. Ao revelar ou expressar sua experiência, ela demonstra um dos modos como Deus se relaciona com o gênero humano. Por meio de sua espiritualidade, evidenciada na Pequena Via, a santa de Lisieux nos revela que podemos nos aproximar de Deus conhecendo-o, mas ao mesmo tempo sem abandonar nossa humanidade. Neste contato íntimo e profundo, o ser humano também é chamado a se entregar a Deus por meio da confiança, do abandono e do amor. Não é por acaso que, segundo o teólogo contemporâneo carmelita Vital

³¹⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., Teresa D'Ávila testemunha do mistério de Deus, p. 156

³¹⁵ TERESA DE LISIEUX. CT 95 e 117.

³¹⁶ TERESA DE LISIEUX. PN 20, 1.

³¹⁷ TERESA DE LISIEUX. OR 12.

³¹⁸ TERESA DE LISIEUX. OR 11.

Wilderink, "os místicos são testemunhas da verdade de Deus e do homem"³¹⁹. No relato de suas experiências é impossível dissociar a humanidade da espiritualidade.

Portanto, podemos dizer que a Pequena Via de Teresa de Lisieux não é um itinerário impossível de ser percorrido. Muito pelo contrário, é um caminho que se faz acessível a todo aquele que em sua humanidade experimenta atitudes de confiança, abandono e amor. Estes são alguns aspectos relevantes da espiritualidade desta carmelita que toca profundamente as vicissitudes e desafios da vida humana.

E assim, podemos dizer que seu itinerário não consiste em realizar coisas extraordinárias, mas pode ser visto e vivido no ordinário da vida de cada pessoa. Não faz parte de sua vida e mística os grandes feitos. Contudo, ao estudarmos sua espiritualidade podemos perceber que é, justamente, a intensidade de amor que depositamos sobre as coisas que as fazem crescer. Deste modo, os mais fracos e os mais simples também podem percorrer essa estrada.

Na ótica desta espiritualidade integrada, poderíamos nos questionar: em que consiste a chamada pequena via? "Consiste em uma disposição do coração que nos torna humildes e pequenos nos braços de Deus, conscientes de nossa fraqueza e confiantes até à audácia em sua bondade de Pai"³²⁰. Por isso, destacaremos a seguir, a força do abondono, da confiança e do amor neste caminho humano-espiritual.

3.2.1 A força do abandono em Deus

Santa Teresa de Lisieux tem uma predileção pelo abandono nas mãos de Deus. São muitos os textos que tratam a respeito desta temática em suas obras completas³²¹. Alguns deles colocaremos em destaque para que possam iluminar nosso estudo e conhecimento a respeito desta Pequena Via de abandono em Deus.

O abandono em Santa Teresa de Lisieux se torna algo primordial, pois seguindo os passos da Pequena Via podemos dizer que quem ama se reconhece pequeno e fraco, com o desejo de amar sempre mais e é movido por uma entrega total e sem medo. Ela soube viver e indicar um caminho todo novo. Este caminho de abandono é como uma via espiritual mística que nos une e nos lança nos braços

³¹⁹ WILDERINK, V. J. G., Mística e místicos, p. 99.

³²⁰ TERESA DE LISIEUX. CA 3.8.2.

³²¹ TERESA DE LISIEUX. MA 68 r; CT 103; PN 52; CA 10.6

de Deus, mas que trás como impulso as marcas da vivência e existência humana, tais como: as alegrias e tristezas; as lutas e as vitórias; os fracassos e as provações.

Deste modo, podemos entender que as circunstâncias do cotidiano, mesmo as mais dificeis, podem nos projetar para Deus. E a partir daí surge um novo momento, uma nova visão, recebe-se a força necessária para continuar o caminho que precisa ser percorrido. Por isso, diz-nos a santa carmelita: "Eu não fui sempre fiel, mas jamais desanimo; eu me abandono nos braços de Jesus"³²².

Muitos foram os momentos em que Teresa de Lisieux precisou se abandonar nas mãos de Deus: diante da morte da sua mãe, na descoberta da enfermidade de seu pai, diante da espera para entrar no Carmelo, nos indícios de sua própria doença (tuberculose), até o momento de sua Páscoa. A atitude de abandono é constante e presente na vida da santa carmelita.

Na perspectiva de Teresinha, esse abandono não pode ser comparado à covardia. Muito pelo contrário, ele é consequência profunda de uma experiência de amor, de quem mergulha na onipotência do amor misericordioso de Deus. O abandono nas mãos do Pai, por Jesus no Espírito Santo, é o movimento trinitário que ocorre na vida daquele que se entrega e vive a espiritualidade da Pequena Via.

Este movimento de abandono que ocorre na vida de quem crê e espera em Deus tem um objetivo: a santificação da alma. Segundo o estudioso das obras da carmelita de Lisieux, Pedro Texeira Cavalcante:

o abandono, na doutrina teresiana, é fundamental [...] o abandono total teresiano é também um caminho de solução psicológica para nossas angústias e fracassos. Aceitar com alegria o que é, o que se tem, o que se espera e, se necessário for, crucificar-se com Jesus, eis a solução de muitos desesperos³²³.

O abandono em Teresa de Lisieux não deve ser confundido com o quietismo. Segundo a Carta Encíclica *Mystici Corporis* de Pio XII, o quietismo "atribui toda a vida espiritual dos féis e todo o progresso na virtude unicamente à ação do Espírito Santo, excluindo ou menosprezando a correspondência e colaboração que devemos prestar-lhe"³²⁴. A santa carmelita, esclarece isso quando afirma: "Ah! É que Jesus tem por nós um amor tão incompreensível que quer que tenhamos parte com Ele na salvação das almas. Não quer fazer nada sem nós"³²⁵. Quem vivencia o santo

³²² TERESA DE LISIEUX. CT 143.

³²³ CAVALCANTE, P. T., Abandono, p. 11.

³²⁴ MC 85.

³²⁵ TERESA DE LISIEUX. CT 135.

abandono deve também se esforçar com coragem e determinada decisão, sobretudo nos momentos desafiadores e de contradição. Este abandono deve ser vivido como uma graça que pode produzir efeitos na vida de quem crê. De acordo com Teresa de Lisieux, este abandono gera alguns desdobramentos, tais como: a alegria, a paz e a libertação dos medos. "Essa mesma palavra 'abandono' pode designar a totalidade confiada e serena de um amor total, e nesse sentido traduz a perfeição da experiência vivida e descrita por Teresa"³²⁶. Em Teresa de Lisieux, o abandono não deve ser entendido, somente, como uma atitude passiva daquele que espera algo de Deus; mas deve ser compreendido como uma decisão ativa daquele que, sabiamente, se coloca em suas mãos e se deixa guiar por Ele e com Ele.

Deste abandono em Deus surge as possibilidades de conversão e heroísmo, pois, a partir daí, o ser humano pode ser transformado pela graça de Deus. Na história de Santa Teresinha, percebemos que ela é sensível aos sinais e fatos do cotidiano, de muitas coisas ela serve para aprender e estar mais próxima de Deus. Por exemplo, no Natal de 1887, ao voltar da Santa Missa, ela recebe de sua irmã Celina um presente, um brinquedo que lhe chama a atenção. Ela relata em sua autobiografia:

Encontrei em meu quarto, dentro de um recipiente encantador um naviozinho que trazia um pequenino Jesus dormindo com uma pequena bolinha aos seus pés. Na branca vela, Celina escrevera estas palavras: "Durmo, mas meu coração vela", e sobre a barca, esta única palavra: "Abandono"! Ah! Se Jesus não falava ainda à sua noivinha, se seus olhos divinos estavam sempre fechados, pelo menos revelava-se a ela, por meio de almas que compreendiam todas as delicadezas e o amor de seu coração³²⁷.

Esse ato de abandono consiste, necessariamente, em crer que em meio às provações e desafios da vida humana, o Senhor não nos deixa sozinhos ou desamparados. Teresa de Lisieux percebe que o caminho da perfeição passa, tambem, pelo santo abandono confiante e filial. E descobre que a santidade está ligada à união de nossas vidas e de nossa vontade à Deus. Em sua vida e espiritualidade podemos perceber que ela buscou agradar a Deus conformando-se à sua vontade, por meio do abandono. Sobre isso, esclarece-nos o teólogo contemporâneo, Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, em um curso online sobre Santa Teresa de Lisieux:

_

³²⁶ SION, V., Abandono a la acción de Dios, p. 15 (tradução nossa).

³²⁷ TERESA DE LISIEUX. MA 68 r.

Aplicando à nossa vida, podemos dizer que esse conformar-se à vontade de Deus ocorre de três formas: primeiro, cumprindo os Mandamentos; segundo, realizando os próprios deveres de estado, fazendo prontamente aquilo que é obrigação do estado de vida assumido (sacerdócio, matrimônio, vida religiosa etc.); e, terceiro, aderindo à vontade manifesta de Deus em diferentes circunstâncias da vida, seja numa contrariedade, seja numa injustiça sofrida, seja em inspirações divinas acerca de como proceder³²⁸.

Com isso, podemos entender que este impulso voluntário e generoso de abandono nas mãos de Deus não se reduz a um procedimento puramente psicológico para apaziguar conflitos interiores. A entrega total de si mesmo a Deus não pode mascarar uma secreta forma de tratar a dureza da vida. O caminho do abandono, longe de ser uma fulga da realidade, implica em uma plena tomada de consciência dos obstáculos e decisões da vida. Itimamente unido ao santo abandono está a confiança filial como resposta de fé e de esperança.

3.2.2 A força da confiança

Teresa de Lisieux é uma mística da confiança profunda em Deus³²⁹. Em sua espiritualidade podemos entender a confiança como

a fé em seu aspecto dinâmico, ou seja, como reação do crente que descobriu o Deus Bom, o Deus amor. E a esperança é aplicada ao momento atual como segurança baseada na bondade de Deus com que se lança ao seu encontro. Supõe que alguém crê na bondade e misericórdia de Deus Todo Poderoso, e esta segurança e garantia o move a entregar-se a Ele, a esperar Dele todo bem, a deixar-se conduzir por Ele desde agora e em todos os acontecimentos da vida³³⁰.

Em sua busca pela perfeição cristã, Teresa de Lisieux descobre que a santidade consistia em viver a vida do próprio Deus³³¹; então, torna-se real sua confiança em Deus, pois não se baseava em segurar-se em sua pobre força.

Ao viver de maneira profunda e determinada a sua confiança em Deus, Teresinha estimula os seus destinatários (noviças, sacerdotes, irmãos) e toda a

³²⁸ AZEVEDO JÚNIOR, P. R. O abandono.

³²⁹ A questão da confiança é, sem dúvida alguma, um dos ensinamentos mais conhecidos e típicos da genial santa carmelita. Tal vez seja conveniente advertir, desde o princípio, que esta doutrina é mais manuseada em seu autêntico sentido teresiano. Estamos acostumados a denominá-la a Santa da confiança. E creio que com toda a razão. Com efeito, ela compreendeu, viveu e expôs de um modo admirável o que é a confiança cristã, a esperança teologal atualizada, aplicada a vida presente. Revalorizou a esperança, ao contemplá-la, não como simples espera do merecido prêmio, mas como a inserção do homem, desde agora, no mistério ou vida de Deus, pondo-se em contato ou comunicação com Ele, apoiando-se totalmente Nele e participando, como filhos, em sua vida, gozando de um ambiente familiar. In. Ibarmia, J. F., Confianza, p. 197 (tradução nossa).

³³⁰ IBARMIA, J. F., Confianza, p. 198 (tradução nossa).

³³¹ TERESA DE LISIEUX. OR 6.

Igreja a vivenciar esta experiência. Por isso, ela nos diz: "o que ofende a Jesus, o que O fere em seu coração é a falta de confiança" 332; "a confiança faz milagres" 333. E ainda, "é a confiança e nada mais a não ser a confiança, que deve nos conduzir ao amor" 334.

Uma das grandes graças do estudo da espiritualidade de Teresa de Lisieux é, precisamente, o aprofundamento das virtudes cristãs. Fruto da união com o próprio Deus, as virtudes demonstram as maravilhas do Senhor na vida do ser humano.

As virtudes são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Conferem facilidade, domínio e alegria para se levar uma vida moralmente boa. Homem virtuoso é aquele que livremente pratica o bem³³⁵.

Dentre essas virtudes, destaca-se a confiança em Deus. A confiança é como a virtude da esperança operante, na prática, no cotidiano, na entrega e na ação interior e exteriormente falando. Teresa de Lisieux viveu a dinâmica da confiança, como elucida Conrad de Meester em sua tese:

A confiança é a ponte entre a realidade e o ideal. Ou melhor: pela confiança de Teresa, Deus se sente convidado a intervir. Porém, essa ponte nunca é definitiva. Quando Deus preenche um pouco a distância, o drama se reaviva: quanto mais Teresa ama, mais quer amar. A meta parece se distanciar quanto mais se aproxima dela. E a confiança tem que construir uma nova ponte a cada vez. Teresa conhece bem essa dupla perfeição: a de Deus, na qual se pode participar cada vez mais sem esgotá-la; e a do ser humano, que, segundo sua magistral definição, consiste "em ser o que Deus quer que sejamos" (MA 2v). É como se Teresa cresse que, ao longo de sua vida, não conseguiu todavia alcançar essa perfeição³³⁶.

Portanto, podemos compreender que, de certa maneira, na perspectiva existencial de Teresinha, Deus sempre quer que sejamos mais do que fomos até o momento presente. "O que leva muitas almas a desconfiar da misericórdia de Deus para com elas, são os pecados da vida passada, e enormidade de suas faltas"³³⁷. A Pequena Via é a saída e o caminho que pecadores e pecadoras precisam percorrer confiando no amor misericordioso de Deus. Como diz São Paulo:

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos,

³³² TERESA DE LISIEUX. CT 92.

³³³ TERESA DE LISIEUX. CT 129.

³³⁴ TERESA DE LISIEUX. CT 197.

³³⁵ CEC 1804.

³³⁶ MEESTER, C., Dinámica de la confianza, p. 326 (tradução nossa).

³³⁷ BRANDÃO, A., Santa Teresinha do Menino Jesus, p. 254.

nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor! (Rm 8, 35-39).

Teresa de Lisieux vive e ensina esta dinâmica da confiança em Deus: "Viver de amor é banir todo temor, toda lembrança das faltas passadas"³³⁸. E ainda, em uma Carta dirigida a um seminarista ela diz: "Compreendi, mais do nunca, a que ponto sua alma é irmã da minha, pois ela é chamada a se elevar para Deus pelo ascensor do amor e, não pela escadaria do temor³³⁹. Também, em suas últimas palavras, ela reafirma sua total confiança em Deus: "O pecado mortal não retiraria de mim a confiança"³⁴⁰.

Deste modo, podemos dizer que Teresa de Lisieux contribui através de sua vida, obra e espiritualidade para a superação do jansenismo³⁴¹ que difundia uma perspectiva fortemente rigorista da fé e da moral, sobretudo no que envolve o forte sentimento de culpa diante dos pecados cometidos pelo ser humano. Sua importância e relevância na superação da espiritulidade e religiosidade rigorista é reconhecida pela Igreja através da Carta Apostólica *Divini Amoris Scientia* de São João Paulo II:

Ela fez resplandecer no nosso tempo o fascínio do Evangelho; teve a missão de fazer conhecer e amar a Igreja, Corpo místico de Cristo; ajudou a curar as almas dos rigores e dos temores da doutrina jansenista, inclinada a sublinhar mais a justiça de Deus do que a sua misericórdia divina. Contemplou e adorou na misericórdia de Deus todas as perfeições divinas, porque «até mesmo a justiça de Deus (e talvez mais do que qualquer outra perfeição) me parece revestida de amor» (*Manuscrito A*, 83 v). Deste modo, tornou-se um ícone vivo daquele Deus que, segundo a oração da Igreja, «mostra o Seu poder sobretudo no perdão e na misericórdia» (cf. *Missal Romano, Oração* do XXVI Domingo do Tempo Comum)³⁴².

A experiência de Teresinha do Menino Jesus é autêntica e ajuda a Igreja a superar o obscuretismo do jansenismo rigorista. Ao nos debruçarmos nos seus escritos, podemos encontrar alguns motivos especiais para desenvolvermos nossa

³³⁸ TERESA DE LISIEUX. PN 17, 6.

³³⁹ TERESA DE LISIEUX. CT 258.

³⁴⁰ TERESA DE LISIEUX. CA 20.7.3.

³⁴¹ Podemos caracterizar o Jansenismo como um movimento ou uma teoria – que implica também no modo de se viver e entender a fé – que exerceu grande influência na espiritualidade. No Jansenismo, apresenta-se a imagem de um Deus severo e punitivo. E, por isso, a prática religiosa deveria ser marcada e alimentada por penitências e mortificações, demasiadamente, exageradas. Outra marca decorrente deste movimento é o sentimento de culpa imputado na vida dos que erram ou pecam. Em uma perspectiva antropológica, o ser humano estaria corrompido pelo pecado original e, por isso, estaria fadado e condicionado ao erro por conta de sua concupiscência. E a graça divina, por sua vez, seria fruto da predestinação de Deus para um grupo seleto dos eleitos e, sem ela, o ser humano não conseguiria realizar o bem devido.

³⁴² DAS, 8.

confiança em Deus. É o que destaca e confirma, o teólogo contemporâneo, Pedro Teixeira Cavalcante:

Em primeiro lugar, porque somos fracos devemos confiar em Deus, no amor de Pai (CA. 6.8.4) [...] Em segundo lugar, os nossos próprios pecados, efeito e consequência da nossa fraqueza, devem eles também nos levar a uma confiança sem limities. O orgulho e autosuficiência são causas da queda e do fracasso, como aconteceu com São Pedro (CA. 7.8.4) . [...] Em terceiro lugar, Santa Teresinha propõe como motivo da nossa ilimitada confiança em Deus a sua teoria dos desejos. A santa sustenta que, os nossos bons desejos são inspirados pelo Espírito Santo e, portanto, não podem ser frustados (OR 6). Consequentemente, os próprios desejos são motivo de confiar, porque do contrário, Deus no-los estaria dando e, ao mesmo tempo, frustando nossas esperanças³⁴³.

A dinâmica da confiança, própria da espiritualidade de Teresa de Lisieux, a projeta para os braços misericordiosos do Pai, para o seu amor. Em sua Pequena Via, percebemos que as fraquezas e as limitações da vida não afastam o ser humano de Deus, mas antes de tudo, devem o aproximar ainda mais, d'Ele.

3.2.3 A força do amor misericordioso

Teresa de Lisieux faz a sua experiência, ao mesmo tempo, humana e espiritual com o amor misericordioso de Deus. Tal experiência marca a sua vida e a sua história ao ponto de se tornar comunicadora deste amor para as suas Irmãs do Carmelo e para todos os cristãos. Sua experiência com este amor culmina com a entrega total de sua vida a Deus e aos irmãos. De modo concreto, podemos destacar um fato que marca a sua história e merece nossa atenção neste estudo: o chamado "ato de oferecimento como vítima de holocausto a Jesus Misericordioso" de Santa Teresa de Lisieux.

De maneira profundamente humana e divina, em 09 de junho de 1895, Solenidade da Santíssima Trindade, a partir da Celebração Eucarística, Santa Teresinha realiza um Ato de oferta a Deus. Segundo "História de uma alma", o título original, dado por ela, que descreve esta entrega é "Oferecimento de mim mesma como vítima de holocausto ao Amor Misericordioso do Bom Deus". Tal ato é uma demonstração humano-espiritual e prática da síntese de sua mística, podendo ser analisado como um ponto de chegada, mas ao mesmo tempo como um ponto de partida. Consideramos como ponto de chegada, quando percebemos que é uma entrega de sua própria vida a Deus após meditar, orar e perceber as dimensões que

_

³⁴³ CAVALCANTE, P. T., Confiança, p. 124.

envolvem sua pequenez e a grandeza de Deus; suas misérias e as do mundo inteiro que toma para si, e a misericórdia divina; seu abandono e sua confiança no Senhor. E podemos falar como um ponto de partida quando entendemos ser um ato que lhe projeta para uma resposta madura e futura, desejando se consumir por amor a Deus e por todos. Por isso, o comentador teresiano, Conrad de Meester, destaca: "o ato de oferecimento de sua vida a Deus está perfeitamente dentro das perspectivas do pequeno caminho"³⁴⁴. E logo no início desta belíssima oração podemos perceber elementos nítidos da pequena via:

Ó meu Deus! Bem-aventurada Trindade, desejo amar-vos e fazer que vos amem, trabalhar pela glorificação da Santa Igreja, salvando as almas que estão na terra, e libertando as que sofrem no Purgatório. Desejo cumprir, perfeitamente, vossa vontade e alcançar o grau de glória que me preparastes em vosso reino. Numa palavra, desejo ser Santa, mas sinto minha impotência, e peço-vos, ó meu Deus, sede vós mesmo a minha Santidade!³⁴⁵

Aqui percebemos uma finalidade do oferecimento: amar a Deus e amar os irmãos, cooperando com a salvação das almas e servindo a Igreja militante e padecente. Um desejo: santificar-se por meio desta entrega total. Um reconhecimento de si mesma: sua impotência ou incapacidade. E uma saída ou solução: o auxílio da graça divina. Para Meester, "a tese do desejo de santidade e a antítese de sua impotência ficam reconciliadas na síntese do abandono que confia na obra do Deus três vezes santo"³⁴⁶. De acordo com Lafrance, Teresa de Lisieux "não se contentou com viver o amor misericordioso de modo oculto e subterrâneo, mas experimentou nela a força desse amor de que teve uma consciência vivíssima"³⁴⁷.

Segundo a sua autobiografia, Teresinha diz ter recebido "a graça de compreender o mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado. Pensava nas almas que se oferecem como vítima à Justiça de Deus a fim de desviar e atrair sobre elas os castigos reservados aos culpados"³⁴⁸. Neste tempo em que vive Santa de Lisieux, os cristãos sentiam sua religião impregnada e direcionada pelo temor, que não poucas vezes, misturava-se com o medo, com o castigo e com o juízo. A

³⁴⁴ MEESTER, C., De mãos vazias p. 89.

³⁴⁵ TERESA DE LISIEUX. História de uma alma, p. 328 (anexo).

³⁴⁶ MEESTER, C., Teresa de Lisieux., p. 158.

³⁴⁷ LAFRANCE, J., A minha vocação é o amor, p. 59.

 $^{^{348}}$ TERESA DE LISIEUX. MA $84~\mathrm{r}.$

concepção era de um Deus que tudo observava, e que recompensava ou punia de acordo com os méritos ou a ausência destes.

É neste contexto que se levantam almas consagradas, como verdadeiros arautos da fé e cooperadores da salvação que se ofereciam como vítima de holocausto à justiça divina, a fim de tomarem sobre si os castigos dos pecadores. Contudo, Santa Teresa de Lisieux consegue aproximar a dinâmica da misericórdia a este "ato de justiça". Deste modo, propõe algo novo: o oferecimento de si mesma não simplesmente à justiça de Deus, mas ao seu misericordioso amor que procura o pecador e se alegra em perdoar o miserável. Por isso, no dia em que faz o seu oferecimento ela reflete:

Ó meu Deus! Exclamei no fundo do meu coração, será só a vossa justiça que receberá almas que se imolam como vítimas?... Vosso Amor Misericordioso não tem necessidade disso também... Em todo lugar ele é desconhecido, rejeitado; os corações nos quais desejais prodigalizá-lo se voltam para as criaturas pedindo a elas felicidade com sua miserável afeição em vez de jogar-se em vossos braços e aceitar vosso Amor infinito... Ó meu Deus! Vosso amor desprezado vai ficar em vosso coração? Parece-me que se encontrásseis almas que se oferecem como Vítimas de holocaustos ao vosso amor, vós as consumiríeis rapidamente, parece-me que estaríeis feliz em não comprimir as ondas de infinitas ternuras que estão em vós... Se a vossa Justiça gosta de descarregar-se, ela que não se estende senão sobre a terra, quanto mais vosso Amor Misericordioso deseja abrasar as almas, visto que vossa Misericórdia eleva-se até os Céus... Ó meu Jesus! Que seja eu essa feliz vítima, consumi vosso holocausto pelo fogo do vosso Divino Amor...³⁴⁹

A Carta Apostólica *Divini Amoris Scientia* de São João Paulo II, na qual Santa Teresinha é proclamada doutora da Igreja, destaca retomando as palavras de São Paulo VI que

O que mais impressiona na Santa é a infusa, isto é, a lúcida, profunda e inebriante assimilação das verdades divinas e os mistérios da fé [...]: uma assimilação favorecida, sim, por dotes naturais singularíssimos, mas evidentemente prodigiosa, devido a um carisma de sabedoria do Espírito Santo³⁵⁰.

Santa Teresinha do Menino Jesus tem a oportunidade de chegar a este conhecimento do amor misericordioso de Deus com o auxílio da graça divina, mas os eventos singulares do cotidiano de sua vida, também, lhe servem como um modo de aprofundar os mistérios de Deus. Um exemplo nítido nos é dado quando lemos a sua história e percebemos que antes mesmo de entrar no Carmelo, Teresinha já se oferecia como vítima de holocausto pelos pecadores. Trata-se do caso do mau feitor *Henri Pranzini* que abalou toda a França. Quando Teresinha tinha apenas 14 anos,

_

³⁴⁹ TERESA DE LISIEUX. MA 84 r.

³⁵⁰ DAS, 7.

tomou conhecimento do caso deste prisioneiro que havia assassinado três mulheres, inclusive uma menina. Este presidiário seria executado por conta de seus crimes, mas não havia admitido suas culpas e, ainda, não tinha demonstrado arrependimento. Teresinha implora pela sua conversão, considerando-o como um irmão, oferecendo suas preces e seus sacrifícios; e pede a Deus um sinal de que ele poderia ter se convertido. Antes de ser morto, *Pranzini* beija o crucifixo e a Teresa vê aí uma evidência de que seu pedido havia sido atendido³⁵¹.

Duas expressões, que saem do coração, das palavras e da redação de Teresinha, merecem destaque de nossa reflexão: oferecimento e Amor Misericordioso. Sobre estes termos nos explica Pedro Teixeira Cavalcante:

Pela palavra oferecimento, a pessoa, reconhecendo-se pequena, fraca e pobre, doase a si mesma. Ela, não tendo nada a dar a Deus, dá-se a si mesma, porque é tudo que tem. Por outro lado, trata-se de um oferecimento ao 'amor'. Portanto, não é à justiça ou a qualquer outro atributo divino, mas à própria essência de Deus, ou seja, ao próprio Deus, que é amor, para que Deus tome o ofertante e o cumule com sua própria vida, ou seja, com amor. Mas, porque não tem nada, ou melhor, só tem fraqueza e miséria, a pessoa se oferece ao amor misericordioso, isto é, ao amor voltado para a própria miséria da criatura. No fundo, é uma troca que só tem vantagem para quem se oferece. Dá-se a Deus o nada, para que ele o transforme no tudo do amor³⁵²

Pequenez, abandono, amor misericordioso, pobreza, santidade, holocausto, nada e tudo são termos que aprofundam a mística presente no seu ato de oferecimento. Contudo, além dos elementos próprios da teologia espiritual, podemos dizer que "com o seu ato de oferta de si mesma ao amor misericordioso, Santa Teresinha atinge uma profundidade teológica rara na concepção de uma doação a Deus" 353.

Por isso, podemos destacar alguns aspectos teológicos deste ato de oferecimento. É ato trinitário em sua referência, origem e dedicação. É plenamente cristocêntrico, pois o Mistério da Encarnação e da morte vivificadora de Jesus constitui o fundamento primordial da confiança de Teresa. É um ato missiológico pois pretende cooperar com a salavação as almas que estão na terra. É um ato escatológico, pois visa aliviar as almas do purgatório e conduzir todos os homens para o encontro definitivo com Deus, nele também está presente a comunhão dos santos. É um ato mariológico, pois se reconhece a importância e os méritos da Mãe

³⁵¹ TERESA DE LISIEUX. MA 46 r.

³⁵² CAVALCANTE, P. T., Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso, p. 45 e 46

³⁵³ CAVALCANTE, P. T., Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso, p. 46.

de Deus. É um ato antropológico, pois envolve pecado e graça, nele fica claro que ainda que fosse uma oferenda de justificação pelos pecados, nossas obras de justiça são imperfeitas e somente a justiça misericordiosa de Deus salva e liberta. E, por isso, é profundamente sacramental, pois torna a vida de quem se oferece um sinal de Deus e o próprio ato em si nasce a partir da Celebração Sacramental da Eucaristia.

Percebemos sua inspiração e fundamentação bíblica quando: deseja fazer-se vítima de holocausto e por ter passado pelo crisol do sofrimento é totalmente plausível a aproximação com Sb 3, 6: "Examinou-os como o ouro no crisol e aceitou-os como perfeito holocausto"; quando demonstra a vontade de chegar ao grau de glória preparado no Reino de Deus, podemos nos recordar de Jo 14, 2: "Pois vou preparar um lugar para vós", quando se vê imensamente amada por ter recebido do Pai do Céu seu Filho Único, lembramo-nos de Jo 3, 16: "Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Teresinha cita Jo 16, 23: "Tudo o que pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vos dará"; quando reconhece que todas as obras de justiça podem ser imperfeitas ou impuras, vemos correspondência com Is 64, 5: "Todos nós éramos como pessoas impuras, e nossas boas ações como pano imundo". Quando afirma que o tempo não é nada, um só dia é como mil anos, podemos fazer referência ao Sl 89, 4: "Pois mil anos são aos teus olhos como o dia que passou"; quando diz que o amor de Deus transborda de seu interior como rio, fazemos memória de Jo 7, 38: "Aquele que crê em mim, conforme a palavra da Escritura, de seu interior jorrarão rios de água viva"; e, quando diz querer, no término do oferecimento, a cada batimento de seu coração renovar esta entrega um número infinito de vezes, até que as sombras se desfaçam e possa proclamar o amor face a face com Deus eternamente, podemos destacar Ct 4, 6: "antes que sopre a brisa e as sombras se debandem, vou ao monte da mirra, à colina do incenso" e I Cor 13, 12: "Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois veremos face a face".

Enfim, profundamente teológico, místico, encarnado este ato reflete a união de uma alma com Deus. É o reflexo de uma vida que se deixou envolver pela presença transformadora do Cristo. Este ato de oferecimento, segundo Meester, é belo e generoso:

Belo, porque não procurava senão a grandeza e a santidade de Deus, recordando tudo o que seu Filho tinha sofrido por nós. Generoso, porque se expunha a assumir e expiara as consequências do pecado [...] não se trata de atrair sobre ela castigos, mas de nos deixarmos atrair pela ternura divina. Jesus não queria descarregar a sua justiça, mas abrasar-nos com o fogo do seu Amor³⁵⁴.

O ato de oferecimento de Santa Teresinha serve de exemplo e inspiração para todos os fiéis que, de uma forma ou de outra, são chamados a dar a vida pelo Reino de Deus. A oferta da própria vida é um grande sinal de santidade e cooperação com a salvação das almas. Por isso, em 11 de julho de 2017, o Papa Francisco promulgou o Carta Apostólica Maiorem Hac Dilectionem, sobre a oferta da vida. Trata-se de um documento da Congregação da causa dos santos que destaca e reafirma a oferenda da própria vida como virtude heroica e elemento a ser levado em consideração nos processos de canonização. Neste texto, Francisco destaca que

"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15, 13). São dignos de especial consideração e honra aqueles cristãos que, seguindo mais de perto as pegadas e os ensinamentos do Senhor Jesus, ofereceram de forma voluntária e livremente a vida pelos outros, perseverando até à morte neste propósito. Certamente a oferta heroica da vida, sugerida e apoiada pela caridade, exprime uma verdadeira, plena e exemplar imitação de Cristo³⁵⁵.

Deste modo, podemos dizer que o ato de oferecimento, como vítima de holocausto ao amor misericordioso de Jesus, feito por Santa Teresinha é atual e pode ser encarnado na espiritualidade contemporânea para a oferta de vida dos homens e mulheres deste tempo. Nele está contida a misericórdia divina tão necessária para a oração, à evangelização e às obras. E dele se pode emanar a inspiração para a oferta de vida dos místicos e místicas de hoje.

3.3 Traços característicos da espiritualidade da Pequena Via

No decorrer dos séculos, a experiência mística sempre foi refletida, pensada, aprofundada, tanto por aqueles que a vivenciam como por aqueles que a observam. Por meio, da teologia espiritual podemos falar que o itinerário espiritual, os escritos, o testemunho dos místicos e místicas tornam-se objeto de um estudo teórico e prático. Deste modo, afirma Royo Marín: "A teologia é, a um só tempo, ciência especulativa e prática"356. E por assim dizer, podemos entender que

³⁵⁴ MEESTER, C., Teresa de Lisieux, p. 158.

³⁵⁵ MHD, Introdução.

³⁵⁶ ROYO MARÍN, A., Teologia da perfeição cristã, p. 43.

A mística é aquela parte da sagrada teologia que, buscando-se nos princípios da divina revelação e nas experiências dos santos, estuda o organismo da vida sobrenatural, explica as leis do seu progresso e desenvolvimento, e descreve o processo que seguem as almas desde o início da vida cristã até o ápice da perfeição³⁵⁷.

Portanto, nesta matéria "não é suficiente falar de Deus. A teologia deve deixar que Deus fale. A teologia deve mover o ser humano a falar com Deus... A teologia mística deve ser uma mistagogia, uma introdução à realidade de Deus como Deus é"³⁵⁸. Assim, o caminho da infância espiritual ou a Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux, que não é senão a via evangélica da santidade para todos, vivida e apresentada pela santa carmelita, igualmente, se torna objeto de estudo e aprofundamento de muitos pesquisadores³⁵⁹. De maneira sistemática, alguns deles fazem uma análise crítica da espiritualidade de Santa Teresinha. Estes estudiosos demonstram os traços característicos de sua espiritualidade³⁶⁰ e identificam traços negativos e positivos em sua espiritualidade.

Por mais que os termos utilizados sejam estes: negativos e positivos; os dois tipos de traços devem ser entendidos como bons, apropriados e úteis para demonstrar o que está ausente e presente na mística da santa carmelita de Lisieux. Deste modo, nominalmente falando, podemos entender traços ou aspectos negativos como fenômenos da espiritualidade ausentes; e, consequentemente, os traços ou aspectos positivos como fenômenos da espiritualidade presentes na sua Pequena Via.

Para fixar os traços distintivos de uma espiritualidade, impõe-se dupla ação: primeiro isolar os caracteres que a diferenciam das outras: depois assinalar com precisão os caracteres positivos que constituem a sua natureza própria. Procedendo por eliminações sucessivas, precisa-se cada vez mais a essência da realidade a definir. Tratando-se de naturezas superiores de ordem espiritual, de Deus em particular, método algum se revela tão eficaz para estabelecer a sua radical diferença em relação aos outros seres, e ressaltar a sua transcendente grandeza³⁶¹.

É o que sucede à espiritualidade de Teresa de Lisieux. Em seus traços negativos ou aspectos ausentes, podemos destacar a ausência de mortificações

³⁵⁷ ROYO MARÍN, A., Teologia da perfeição cristã, p. 42.

³⁵⁸ SOBRINO, J. Spirituality of libertation, p. 48 (tradução nossa).

³⁵⁹ DAS 2.

³⁶⁰ Entre a bibliografia sobre os traços fundamentais da espiritualidade da Santa de Lisieux, destacamos especialmente as seguintes obras e autores: O Espírito de Santa Teresinha do Menino Jesus (anônimo, vinculado a sua Ir. Celina e ao próprio Carmelo de Lisieux); Santa Teresinha de Lisieux: um caminho todo novo (M.M. Philipon); Santa Teresa de Lisieux: um renascimento espiritual (L.H. Petitot); Grandes mestres da vida espiritual: história da espiritualidade cristã (A. Royo Marín).

³⁶¹ PHILIPON, M. M., Santa Teresinha de Lisieux, p. 294.

extraordinárias, de carismas sobrenaturais, de métodos rigorosos de oração e obras múltiplas. Em seus traços ou aspectos positivos, podemos evidenciar a primazia do amor, a confiança e o abandono filial, a humildade e a simplicidade e a fidelidade nas pequenas coisas³⁶².

3.3.1 Traços Negativos ou aspectos ausentes

Os traços negativos ou aspectos ausentes na Pequena Via de Teresa de Lisieux demonstram a novidade trazida por sua espiritualidade, sobretudo para a sua época. "Teresinha, na Igreja, é como uma pedra milenar que divide duas épocas: a tridentina e a moderna, que encontra no Concílio Vaticano II o seu vértice"³⁶³. Estes aspectos ausentes em sua espiritualidade são de grande importância. "Indicam-nos, com efeito, por que é que uma alma santa deixou de parte certas práticas ou métodos em uso, que não se adaptam bem à época em que viveu. Revelam-nos como esta alma inspirada reagiu sobre o seu tempo e renovou a vida espiritual"³⁶⁴.

3.3.1.1 Ausência de mortificações violentas

O primeiro traço negativo que podemos encontrar na espiritualidade de Santa Teresa de Lisieux é, justamente, a ausência de mortificações violentas. Por mortificação entendemos ser, no sentido espiritual, uma espécie de sacrifício ou penitência que se realiza com o intuito de se controlar, corrigir-se ou para se aperfeiçoar na caminhada para Deus.

Aprofundando a análise sobre as mortificações, de acordo com o teólogo Royo Marín:

ainda hoje – depois da mensagem da grande santa de Lisieux – está arraigada entre o povo simples, e mesmo entre muitas pessoas consagradas à santificação pessoal, a ideia, inteiramente equivocada, de que para chegar ao auge da santificação é necessário se entregar às grandes penitências e macerações que lemos nas vidas de muitos santos³⁶⁵

³⁶² Em nossa pesquisa, apresentamos estes traços positivos e negativos da espiritualidade de Santa Teresa de Lisieux seguindo a abordagem e a sistematização nominal descrita por A. Royo Marín na obra Grandes Mestres da vida espiritual, p.472-482.

³⁶³ BERARDINO, P. P., Ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha, p. 11.

³⁶⁴ PETITOT, L. H., Santa Teresa de Lisieux, p. 16-17.

³⁶⁵ ROYO MARÍN, A., Grandes mestres da vida espiritual, p. 473.

Santa Teresa de Lisieux, entrando para a vida contemplativa no Carmelo, dentre tantos sinais, sente-se chamada a entregar-se a Deus por meio das penitências diversas, muitas vezes pesadas, exigentes e violentas. Contudo, em muitas de suas tentativas não pôde suportá-las. Assim, ela entende que estas práticas não seriam, propriamente, para ela e nem para as pessoas como ela. Abre-se o seu horizonte para uma outra perspectiva em torno das chamadas mortificações. Neste sentido, podemos dizer que a santa carmelita se serve da experiência e da sua impotência para alcançar a santidade de um outro modo. A seu respeito e sobre esta temática diz, a irmã carmelita, Madre Inês em seu Processo Apostólico de canonização:

Vi que se aplicava à mortificação com simplicidade e moderação cada vez maiores, à medida que se aproximava o fim de seu exílio. Não admitia uma mortificação preocupante, que possa impedir o espírito de aplicar-se em Deus. Dizia-me que o demônio, frequentemente, engana almas generosas, mas imprudentes, levando-as a excessos que prejudicam a saúde e as impedem de cumprir seu dever. Nisso via também o desejo de se comprazer em si mesmo. Confessou-me que, no início de sua vida religiosa, julgara bom imitar os santos, procurando tornar insípidos os alimentos; mas, acrescentou, há muito que abandonei tal proceder. Quando o alimento é de meu gosto, bendigo a Deus; quando mau, aceito então a mortificação. A mortificação não procurada, parece-me a mais segura e a mais santificadora³⁶⁶.

Deste modo, podemos perceber que a santa carmelita afasta de seu itinerário espiritual o ascetismo violento, pois este ao invés de ajudar poderia corroborar para o amor a si próprio. Com a finalidade de estabelecer o domínio sobre si mesmo, a mortificação é um dos meios pelo qual o cristão pode encontrar uma via de saída para afastar-se de tudo que é mal e nocivo para a alma, purificando-se cada vez mais ao ponto de estar mais próximo de Deus.

Na vida carmelita, as mortificações podem ser encontradas constantemente nas penitências ordinárias, tais como: o jejum, o silêncio, a disciplina, o trabalho, a vida escondida. Tais práticas já estão associadas à vida e à regra da Ordem do Carmo, e Teresa de Lisieux as seguiam com muito zelo, amor e seriedade. O que podemos colocar em destaque na espiritualidade de Teresa de Lisieux é, precisamente, a escolha da matéria da mortificação e a maneira de vivê-la. Ela descobre que a mortificação mais importante é a interior, e não a do corpo. Ela mesma sintetiza esta descoberta quando afirma:

Na vida do Beato Henrique Suso, uma passagem me chamou a atenção relativamente às penitências corporais. Ele tinha feito penitências terríveis, que tinha arruinado sua saúde, quando um anjo lhe apareceu e lhe disse para parar, acrescentando: 'Você só

³⁶⁶ Procès de Beatification et Canonization de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face I, n. 698 (tradução nossa)

combateu até agora como um simples soldado, no momento vou armá-lo como cavalheiro'. E fez compreender ao santo a superioridade do combate espiritual sobre as mortificações da carne. Pois bem, minha Madrezinha, o Bom Deus não me quis como simples soldado, fui imediatamente armada como cavalheira e parti para a guerra contra mim mesma no domínio espiritual, pela abnegação, os pequenos sacrifícios escondidos; encontrei a paz e a humildade nesse combate obscuro, em que a natureza não toma nenhuma parte³⁶⁷.

Através deste relato, podemos constatar que Teresa de Lisieux descobre que não deveria lutar simplesmente contra o seu próprio corpo, mas contra si mesma. Certamente pôde entender, na prática, aquilo que Jesus diz no Evangelho: "Porque do coração é que procedem os maus intentos, homicídios, adultérios, imoralidades, roubos, falsos testemunhos, calúnias, blasfêmias" (Mt 15, 9). Seu testemunho e entendimento ilumina a ação penitencial de homens e mulheres de nosso tempo e de toda a Igreja. Em sua autobiografia, ela elucida ainda, mais claramente, como entendia e assumia as práticas penitenciais:

Minhas mortificações consistiam em dobrar minha vontade, sempre pronta a se impor, a reter uma palavra de réplica, a prestar pequenos serviços sem lhes dar valor, a não apoiar de jeito nenhum o dorso quando estava sentada etc. Foi pela prática desses nadas que me preparei a me tornar a noiva de Jesus..."³⁶⁸.

Nesta perspectiva, a teóloga contemporânea Maria Clara Bingemer, ao tratar de Mística e profecia no feminino, diz-nos que

Quando os místicos são mulheres, há algumas características mais originais que se impõem à vista em uma leitura de seu testemunho: uma maior integração da corporeidade. A mulher é um ser que integra necessária e automaticamente corpo e espírito, experiência e razão. Não se trata de dizer que o homem não faz, mas este culturalmente, sobretudo, no ocidente, foi acostumado e ensinado a separar mais as coisas umas das outras³⁶⁹.

3.3.1.2 Ausência de carismas sobrenaturais

O segundo traço negativo que podemos encontrar na espiritualidade de Teresa de Lisieux é a ausência de carismas sobrenaturais³⁷⁰. Diferente à maioria das vidas de santos tiveram muitos fenômenos como: êxtases, visões, revelações, estigmas, aparições, poder de milagres. "Na Pequena Via da infância espiritual, tal como

³⁶⁷ TERESA DE LISIEUX. NV 3.8.2b.

³⁶⁸ TERESA DE LISIEUX. MA 68v.

³⁶⁹ BINGEMER, M. C. L., Mística e profecia no feminino, p. 153.

³⁷⁰ Destacamos, contudo, alguns fenômenos que não foram tão constantes, mas que marcam sua vida profundamente: a experiência do sorriso de Nossa Senhora que a cura da depressão; a visão profética da enfermidade de Louis de Martin (MA 20 r-20 v), seu pai; a transverberação espiritual no coro do Carmelo; e gozo espiritual antes de sua morte.

viveu a santa de Lisieux, quase não houve manifestação alguma destes fenômenos extraordinários"³⁷¹. Ela vive seu Pequeno Caminho no ordinário de sua vida, no cotidiano, na fidelidade à sua regra de vida carmelita, nas pequenas coisas. Isso nos mostra que, também, os fiéis de modo geral, que não têm experiências extraordinárias podem percorrer um caminho de perfeição e de busca constante da santidade. Diferente de São Francisco de Assis, São Vicente Ferrer, São Felipe Néri, Santa Teresa D'Ávila, a reformadora do Carmelo, em Teresinha não há muitos acontecimentos extraordinários. O teólogo M. M. Philipon, acerca desta ausência de fenômenos extraordinários, destaca:

Ora, em Santa Teresinha do Menino Jesus, o movimento de espiritualidade exclui todo êxtase, todo estigma, toda visão, toda intervenção diabólica, todo milagre. Aquela que haveria de tornar-se a maior taumaturga dos tempos modernos, não operou durante a vida nenhum milagre, prodígio algum³⁷².

Na época de Teresa de Lisieux, mas também em nosso tempo, há pessoas que quando escutam falar em experiência mística, podem cair no erro de reduzi-la à fenômenos ou carismas extraordinários. Hans Balthasar destaca que Teresinha "se coloca necessariamente em uma atitude de defesa contra tudo aquilo que no caminho da perfeição faz pensar em coisas extraordinárias"³⁷³. De fato, os fenômenos extraordinários existem e têm sua importância na teologia espiritual, mas não correspondem à experiência que a maioria das pessoas fazem ou podem fazer. O grande perigo reside no fato de se buscar sempre algo extraordinário, distanciando-se da espiritualidade do cotidiano que visa a perfeição na caridade tanto de quem faz a experiência, como de todo o Corpo Místico de Cristo. Sobre isso, o teólogo Royo Marín faz uma observação de suma importância:

Estes fenômenos se reduzem ao gênero das graças *grátis dadas*, que não se ordenam em si mesmas à própria santificação de quem as recebe ao menos santificante, e, necessariamente, senão melhor ao proveito dos demais. Não requerem em absoluto nem sequer o estado de graça, por isso mesmo, poderiam recebê-las uma alma em pecado mortal. Outras vezes, no entanto, prestam à alma que as recebe um grande serviço para sua própria santificação. Tudo depende do livre beneplácito do Espírito Santo, que reparte suas graças a quem quer e como quer (cf. I Cor 12, 11)³⁷⁴.

3.3.1.3 Ausência de um método rigoroso de oração

³⁷¹ ROYO MARÍN, A., Grandes mestres da vida espiritual, p. 474.

³⁷² PHILIPON, M. M., Santa Teresinha de Lisieux, p. 304.

³⁷³ BALTHASAR. H. U. V., Two sisters in Spirit, p. 255 (tradução nossa).

³⁷⁴ ROYO MARÍN, A., Grandes mestres da vida espiritual, p. 474.

O terceiro traço negativo em sua Pequena Via é a ausência de um método rigoroso de oração. A Pequena Via de Santa Teresinha pode ser marcada por pontos determinantes e características específicas, tais como: o reconhecimento de nós mesmos e da grandeza de Deus, o abandono, a confiança e o conhecimento do amor misericordioso de Deus. Contudo, comparada a outros métodos de oração e espiritualidade, é extremamente simples. É, justamente, assim que a santa carmelita queria que fosse. Um caminho acessível e que pudesse ser percorrido por todos. A santa de Lisieux, confessa como fazia sua oração, seu momento de intimidade com Deus:

Fora do Ofício Divino, que sou muito indigna de recitar, não tenho coragem de me dedicar a procurar nos livros belas orações, isto me dá dor de cabeça, há tantas!... e, ademais, elas são todas umas mais belas do que outras... Não poderia recitá-las todas e não sabendo qual escolher, faço como as crianças que não sabem ler, digo simplesmente ao Bom Deus o que quero lhe dizer, sem fazer belas frases e Ele me compreende sempre³⁷⁵.

Desta maneira, ela define a oração não como uma obrigação, como um método ou como uma regra de vida, mas como uma atitude simples, filial e confiante daquele que ama e que deseja estar unido ao amado em todo o tempo. "Eis minha oração: peço a Jesus que me jogue nas chamas de seu amor, que me una tão intimamente a Ele, que viva e aja em mim"³⁷⁶. E, ainda:

Para mim, a oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado em direção ao céu, é um grito de reconhecimento e de amor no meio da provação como também em meio à alegria, é, enfim, algo de grande, de sobrenatural, que me dilata a alma e me une a Jesus³⁷⁷.

3.3.1.4 Ausência de obras múltiplas

O quarto traço negativo é a ausência de obras múltiplas. Muitos santos e santas; místicos e místicas passaram pelos homens e em suas terras e realizaram obras portentosas. Contudo, Teresa de Lisieux não realiza nenhuma grande obra e torna-se ao mesmo tempo uma das maiores místicas e doutora da Igreja. E o segredo disto está, precisamente, em entender que a verdadeira grandeza não consiste no brilho exterior, no tamanho da obra; mas, justamente, na fidelidade e na intensidade de amor que colocamos nas coisas que empreendemos. Com muita propriedade ela entende isso e diz:

³⁷⁵ TERESA DE LISIEUX. MG 25 r.

 $^{^{376}}$ TERESA DE LISIEUX. MG 36 r.

³⁷⁷ TERESA DE LISIEUX. MG 25r e 25v.

Não julguem que, para chegar à perfeição, seja necessário fazer grandes coisas. Nosso Bem-Amado não precisa de nossos belos pensamentos, nem de nossas obras brilhantes. Querendo pensamentos sublimes, não possui os seus anjos cuja ciência ultrapassa infinitamente a dos maiores gênios de nossa triste terra? Portanto, não é o espírito e os talentos que Jesus veio procurar neste mundo... Ele estremece com a simplicidade³⁷⁸.

Na mesma perspectiva, diz-nos São João da Cruz, de quem Teresinha também pôde haurir a espiritualidade e o seguimento de Jesus Cristo:

Considerem aqui os que são muito ativos e pensam abarcar o mundo com suas pregações e obras exteriores: bem maior proveito fariam à Igreja, e maior satisfação dariam a Deus - além do bom exemplo que proporcionariam de si mesmos - se gastassem ao menos a metade do tempo empregado nessas boas obras em permanecer com Deus na oração, embora não houvessem atingido grau tão elevado como esta alma de que falamos. Muito mais havia de fazer, não há dúvida, e com menor trabalho, numa só obra, então, do que em mil, pelo merecimento de sua oração na qual teriam adquirido forças espirituais. Do contrário, tudo é martelar, fazendo pouco mais que nada, e às vezes nada, e até prejuízo³⁷⁹.

3.3.2 Traços Positivos ou aspectos presentes

Na espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus, a intuição que dá direção à percepção das virtudes presentes em sua vida é, precisamente, a chamada infância espiritual demonstrada em sua Pequena Via. A consideração sobre Deus como Pai bondoso, a mística da filiação divina e o amor que decorre desta relação nos revela o itinerário da santa de Lisieux. Diante do Pai do Céu ela pôde experimentar, viver e testemunhar a primazia do amor; a confiança filial e o abandono filial; a humildade e a simplicidade; e a fidelidade nas pequenas coisas.

3.3.2.1 A primazia do amor

O primeiro traço positivo que podemos encontrar no itinerário místico de Teresa de Lisieux, sem dúvidas, é a primazia do amor. "O amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade" (I Cor 13, 7. 13). Por isso, nos diz Royo Marín: "A caridade é a rainha de todas as virtudes, a mais excelente, a forma de todas elas [...], inclusive a fé e a esperança estão a serviço

³⁷⁸ TERESA DE LISIEUX. CT 141.

³⁷⁹ SÃO JOÃO DA CRUZ. Cântico espiritual, 29.

dela e tem por missão robustecê-la e defendê-la"³⁸⁰. Quando tratamos de primazia, não quer dizer exclusivismo, mas o amor deve permear todas as virtudes e ações humanas. Assim, podemos dizer que

Quanto mais luminosa a nossa fé, mais cresce o nosso amor. A esperança ampara o amor. Uma prudência vigilante e sobrenatural, atenta às exigências do amor, realiza a melhor organização da vida. A virtude da religião, que nos prostra em adoração diante da infinita grandeza de Deus, dispõe-nos a colocá-lo acima de tudo, nas preferências do nosso coração. A fortaleza de alma conduz à fidelidade do amor até o martírio. Enfim: quanto mais puro um ser, mais vive perto de Deus³⁸¹.

Teresa de Lisieux entende que o amor é a maior alavanca da vida espiritual. Sente-se chamada a propagar este amor ao ponto dizer: "somente amar é o meu viver" ³⁸². E ainda: "a minha vocação é o amor" ³⁸³. O seu percurso contemplativo de amor, vivido e dinamizado cotidianamente em sua consagração religiosa, foi a maneira como percebeu a ação de Deus em sua própria vida e que não ficaria restrito a ela, mas se expandiria aos demais. O teólogo M. M. Philipon, ao comentar este aspecto positivo da espiritualidade da santa carmelita, esclarece:

Segundo estas perspectivas, o amor se converte no centro de uma alma. Nada, em sua vida interior ou em sua atividade exterior, escapa a este impulso motor e universal do amor. A vida espiritual não é uma busca da própria perfeição, mas o desejo de uma total transformação em Deus, em louvor de sua glória (Ef 1, 14). A alma, magnificamente fiel e excedendo-se a si mesma, atende menos à prática minuciosa de cada virtude que a deixar-se "consumar na unidade" com Deus pelo amor³⁸⁴.

Portanto, podemos compreender que este amor, do qual Teresa de Lisieux é perita na contemplação e na prática, é a fonte de transformação do próprio ser humano. Por meio dele, estabelece-se a união perfeita com Deus mesmo. Neste sentido, entendemos que a santidade ou a perfeição na caridade não é simplesmente uma conquista humana, mas é fruto de um coração conquistado e plasmado pelo próprio Deus.

Na teologia espiritual, em geral e em Teresa de Lisieux, dentre os temas que podem ser abordados, o estudo também se volta para a ascética e a mística. Na ótica do teólogo Philipon, podemos falar em duas tendências, que não devem estar opostas, mas intimamente unidas: "a tendência ascética procura a perfeição do amor pela prática minuciosa de todas as virtudes [...]; a tendência mística, visa antes

³⁸⁰ ROYO MARÍN, A., Grandes mestres da vida espiritual, p. 476.

³⁸¹ PHILIPON, M. M., Santa Teresinha de Lisieux, p. 92.

³⁸² TERESA DE LISIEUX. MA 83 r.

³⁸³ TERESA DE LISIEUX. MM 3 v.

³⁸⁴ PHILIPON, M. M., Santa Teresinha de Lisieux, p. 93 e 94.

transformar as menores ações em um contínuo exercício de amor"³⁸⁵. Distinto de outros itinerários espirituais, que se exercitam na perfeição para atingir o amor, o caminho de Teresa de Lisieux tomava por via da perfeição o próprio amor. O amor surge em sua mística como o caminho mais rápido para a santidade. Assim, ela mesma declara: "quanto a mim, não conheço outro meio para chegar à perfeição que não seja o amor"³⁸⁶.

Em nosso tempo, tão marcado pelos conflitos sociais, guerras, polarizações e dificuldades no convívio fraterno, não seria a primazia do amor tão vivido e comunicado por Teresa de Lisieux a resposta de que precisamos? É, justamente, a partir da primazia do amor que São João Paulo II, grande místico contemporâneo, mostra-nos o caminho da unidade e da superação dos males de nosso tempo, na Carta Encíclica *Ut Unum Sint*:

Avança-se pelo caminho que conduz à conversão dos corações ao ritmo do amor que se dedica a Deus e, ao mesmo tempo, aos irmãos: a todos os irmãos, inclusive àqueles que não estão em plena comunhão conosco. Do amor nasce o desejo de unidade, mesmo naqueles que sempre ignoraram tal exigência. O amor é artífice de comunhão entre as pessoas e entre as Comunidades. Se nos amamos, tendemos a aprofundar a nossa comunhão, a orientá-la para a perfeição. *O amor é dedicado a Deus* como fonte perfeita de comunhão — a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo —, para dela haurir a força de suscitar a comunhão entre as pessoas e as Comunidades, ou de a restabelecer entre os cristãos ainda divididos. O amor é a corrente mais profunda que dá vida e infunde vigor ao processo que leva à unidade³⁸⁷.

3.3.2.2 Confiança e abandono filial

A confiança total no amor bondoso e misericordioso do Pai e o abandono filial como de uma criança que se lança nos braços de seus pais constituem o segundo aspecto ou traço positivo na espiritualidade de Teresa de Lisieux. Como já foi exposto anteriormente, o abandono e a confiança em Deus têm sua raiz em uma fé inabalável na Paternidade Divina, cuja providência, toda de amor e de misericórdia, tudo conduz para o maior bem de seus filhos. De acordo com o Beato Maria-Eugênio, místico e estudioso da santa de Lisieux, na Pequena Via "a confiança é a esperança teologal toda impregnada de amor, o abandono é a

³⁸⁵ PHILIPON, M. M., Santa Teresinha de Lisieux, p. 90.

³⁸⁶ TERESA DE LISIEUX. CT 109.

³⁸⁷ UUS, 21.

confiança que não se exprime mais por atos distintos, mas que criou uma atitude de alma"³⁸⁸.

Do mesmo modo, este abandono e esta confiança são, formalmente, sinais de esperança e de fé. Segundo o teólogo contemporâneo e carmelita, Dom Vital Wilderink, "para Teresa de Lisieux a fé é uma entrega, uma aposta total" Por isso, também, destaca Royo Marín: "um dos traços característicos deste espírito de confiança e abandono é a santificação do momento presente, sem pensar por um só instante no passado nem no porvir" Podemos dizer que na Pequena Via há um enlace entre a vontade de conquistar a perfeição cristã e a receptividade sem reservas da graça de Deus para que, de fato, isso aconteça. Trata-se da unidade entre confiar e abandonar-se em Deus, como sinal de esperança e entrega profunda. Confiança e abandono lançam a santa carmelita para a santidade de vida, como ela mesma expõe:

Sinto ainda sempre em mim essa confiança audaz de me tornar uma grande santa, mas eu não confio nos meus próprios merecimentos, pois não tenho nenhum. Porém coloco minha esperança n'Ele, que é minha própria virtude e santidade. Somente Ele se contentará com minhas fracas tentativas e elevar-me-á até Ele e me fará santa, cobrindo-me com seus méritos infinitos³⁹¹.

3.3.2.3 A humildade e a simplicidade

A humildade e a simplicidade, por sua vez, constituem o terceiro aspecto ou traço positivo no itinerário místico de Santa Teresa de Lisieux. "O que distingue Santa Teresinha de muitos santos e lhe dá vida, espírito e doutrina, um cunho todo especial, é a simplicidade"³⁹². A simplicidade é um caminho a ser trilhado, mas antes precisa ser um alvo, como algo que precisa ser descoberto e alcançado. Em um mundo tão complexo que é reflexo de um desordenamento interno no homem, surge uma luz. Trata-se, justamente, dos místicos e místicas, dos santos e santas de Deus, homens e mulheres que viveram mergulhados em um contexto específico, mas que souberam iluminar o seu tempo e podem também irradiar o nosso. E é tal a beleza e proveito da simplicidade, que Santa Teresinha exclama: "Como as simples religiosas são felizes"³⁹³. "Essa humildade tão verdadeira colocou-a nas

³⁸⁸ MARIA-EUGÊNIO. Quero ver a Deus, p. 1082.

³⁸⁹ WILDERINK, V. J. G., Mística e místicos, p. 133.

³⁹⁰ ROYO MARÍN, A., Grandes mestres da vida espiritual, p. 480 e 481.

³⁹¹ TERESA DE LISIEUX. MA 32 r.

³⁹² PETITOT, L. H., Santa Teresa de Lisieux, p. 263.

³⁹³ TERESA DE LISIEUX. MG 11r.

mais serenas alturas, onde os sentimentos de vaidade não poderiam atingi-la" ³⁹⁴. E comentando sobre a infância espiritual, nos diz São Josemaria Escrivá: "A simplicidade é indispensável para sermos crianças diante de Deus" ³⁹⁵. Na "Caderneta Amarela", Santa Teresinha explica o que ela entende por ser e permanecer pequeno:

É reconhecer seu nada, esperar tudo do Bom Deus, como uma criancinha espera tudo de seu pai; é não se inquietar com nada, não guardar nada de riqueza. Mesmo entre os pobres, dá-se à criança o que lhe é necessário, mas logo que ela cresce, seu pai não quer mais alimentá-la e lhe diz: trabalhe agora, você pode bastar-se a si mesma. É para não ouvir isto que não quis crescer, sentindo-me incapaz de ganhar minha vida, a vida eterna do céu. Fiquei, pois, sempre pequena, não tendo outra preocupação senão a de colher flores, as flores do amor e do sacrifício e de oferecê-las ao Bom Deus para seu prazer. Ser pequeno é não atribuir a si mesmo, de modo nenhum, as virtudes, que se pratica, julgando-se incapaz de qualquer coisa, mas reconhecer que, o Bom Deus pôs este tesouro na mão de seu filhinho, para que ele se sirva, se quando tiver necessidade, mas que é sempre o tesouro do Bom Deus. Enfim, é não se desencorajar, de modo nenhum, com suas faltas, pois as crianças caem muitas vezes, mas são muito pequenas para se fazerem muito mal³⁹⁶.

A santidade de vida, a perfeição cristã, é um caminho de humildade. Parte muitas vezes do reconhecimento de nós mesmos, em nossa pequenez, e da grandeza infinita de Deus. Jesus diz: "Felizes os pobres em espírito (humildes), porque deles é o Reino dos Céus" (Mt 5, 3). Entendendo bem isso, declara a santa carmelita:

Oh! Não é isso! A santidade não consiste nesta ou naquela prática, é uma disposição do coração que nos faz humildes e pequenos nos braços de Deus, conscientes da nossa fragilidade, e confiantes, até a ousadia, na sua bondade de Pai³⁹⁷.

A humildade em Teresa de Lisieux surge como fruto da confiança e do abandono em Deus. Por meio dela, o ser humano pode reconhecer suas fragilidades e pecados que atrai, por sua vez, o amor misericordioso de Deus com toda a graça transformadora que decorre desta experiência. Neste sentido, para ela, "repousar em suas misérias é repousar em Deus"³⁹⁸. Quão necessária é a humildade. Segundo Lúcia Pedrosa de Pádua, "por ela a pessoa conhece sua própria verdade e aprende que não há melhor guia do que o próprio Deus, nem pior guia do que as ilusões do 'eu' egoísta"³⁹⁹.

³⁹⁴ O Espírito de Santa Teresinha do Menino Jesus, p. 114.

³⁹⁵ ESCRIVÁ, J. Caminho, 868.

³⁹⁶ TERESA DE LISIEUX. CA 6.8.8.

³⁹⁷ TERESA DE LISIEUX. UC 3.

³⁹⁸ LIAGRE., Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus, p. 28.

³⁹⁹ PEDROSA-PÁDUA, L. Santa Teresa de Jesus, p. 367.

Um coração pobre e humilde se torna o terreno ideal para que o Senhor manifeste sua presença salvadora e misericordiosa. O espírito de humildade faz com que homem e mulher vençam a tentação do antropocentrismo que provoca, na vida e na sociedade, atitudes egoístas e centralizadoras. Assim, por meio da humildade, Deus mesmo se torna o centro da vida e das decisões humanas. "Se o amor é o sol da Pequena Via, a alma que n'Ele caminha personifica a humildade".

Em Teresa de Lisieux podemos encontrar a simplicidade de vida como fruto da sua experiência com Deus. Nela, a simplicidade não é, meramente, um objetivo a ser alcançado, mas é, justamente, o ponto de partida de onde decorrem suas ações. Por isso, observamos nela a valorização da simplicidade tanto na vida como na proposta de um itinerário espiritual simples e que fosse acessível a todos e todas. Neste sentido, o Cardeal Tempesta explica o caminho de simplicidade de Teresinha:

Deixar de lado os sonhos de onipotência, reconhecer a impotência da salvação pelos meios humanos, ficar ciente de nossa miséria e fragilidade e entregar-se confiada e de modo incondicional nas mãos poderosas e ternas de nosso querido e amado Pai. Este é o caminho da simplicidade, a chamada pequena via de salvação⁴⁰¹.

3.3.2.4 Fidelidade nas pequenas coisas

Fidelidade às coisas pequenas é o quarto traço ou aspecto da Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux. Diz o Evangelho: "Quem é fiel nas pequenas coisas será fiel também nas grandes" (Lc 16, 10). Teresinha sempre procurou ser fiel em tudo: no comprometimento exemplar na vivência da regra carmelita, na perseverança contínua da vocação como esposa de Cristo, no cotidiano de sua vida. Assim, as "pequenas e dolorosas obrigações provenientes dos preceitos da regra serão sempre para a jovem carmelita preciosas ocasiões das quais se aproveita com esmero" Bem sabia que não poderia fazer grandes coisas como muitos santos e santas que a precederam. Então se propõe a viver uma fidelidade muito grande nas coisas pequenas.

Desde muito nova foi instruída na fidelidade às pequenas coisas como meio de se buscar a santidade. Isso fica bem claro quando ela relata em sua autobiografia: "Ela (sua irmã Maria) me indicava o meio de ser santa pela fidelidade às menores

⁴⁰⁰ O Espírito de Santa Teresa do Menino Jesus, p. 106.

⁴⁰¹ TEMPESTA, O. J. O caminho da simplicidade.

⁴⁰² SOUZA JÚNIOR, V. T., Teresinha, a santa revolucionária, p. 76.

coisas"⁴⁰³. E ainda, por meio de sua espiritualidade entendemos que o que torna grande as obras é a intensidade de amor depositado sobre elas, por menores que sejam. Por isso, nos indica a santa carmelita em uma de suas Cartas: "Um alfinete recolhido do chão por amor, pode converter uma alma"⁴⁰⁴. Também, em História de Uma Alma, ela relata: "aplicava-me sobretudo a praticar as pequenas virtudes, não tenho facilidade para praticar as grandes. Assim, gostava de dobrar as capas esquecidas pelas irmãs, e de lhes prestar todos os pequenos serviços que pudesse"⁴⁰⁵. Por isso, podemos afirmar que "a espiritualidade teresiana é também, fortemente, marcada por uma espécie de ascese da pequenez, onde todo o seu amor é investido nas ações miúdas da vida cotidiana"⁴⁰⁶.

Vivendo, sentindo e anunciando a presença do amor de Deus, Santa Teresa de Lisieux percorre a sua Pequena Via. Profundamente humana e espiritual, ela desenvolve o seu itinerário místico sem se esquecer de sua humanidade e tudo aquilo que ela traz consigo: as limitações, as imperfeições, incapacidades, alegrias e tristezas. Assim, podemos dizer que o percurso por ela vivido e desenvolvido é encarnado na humanidade e na realidade que a envolve. Sua contribuição teológica se propaga e inspira outras pessoas a viverem uma mística encarnada no presente, no cotidiano, na fraternidade, nas coisas simples. Partindo do que foi apresentado até aqui, no próximo capítulo, abordaremos o tema da mística encarnada destacando as contribuições de Teresa de Lisieux nesta matéria.

⁴⁰³ TERESA DE LISIEUX. MA 33 r.

⁴⁰⁴ TERESA DE LISIEUX.CT 164.

⁴⁰⁵ TERESA DE LISIEUX. MA 74 v.

⁴⁰⁶ GAUCHER, G., Santa Teresinha do Menino Jesus, p. 133.

4 Mística encarnada: uma resposta para o nosso tempo

"Ó Verbo Divino Encarnado, és tu a Águia adorada que eu amo e que me atrai! És tu que, lançando-te à terra do exílio, quisestes sofrer e morrer, a fim de atrair as almas até ao seio da Fornalha eterna da Trindade Bem-Aventurada" 407

A etimologia da palavra mística está, intimamente, ligada ao caráter da revelação peculiar desta experiência. A expressão grega "mystikós" tem em sua raiz no verbo "myo", que significa "fechar" e, em particular, "fechar os olhos", "calarse", "balbuciar". Deste mesmo verbo grego, deriva o substantivo "Misterión", que designa no sentido antigo e helenístico: o ritual religioso secreto de iniciação que coloca o ser humano em contato com a Divindade. Já no cristianismo, de modo particular, a partir da literatura neotestamentária, o termo grego "Misterión" é utilizado para designar a compreensão relativa ao Mistério do Reino de Deus, à sabedoria oculta do Pai, à presença do Filho na Encarnação, ao destino final da caminhada cristã, à relação entre Cristo e a sua Igreja. Na Vulgata (versão latina da Escritura Sagrada), o termo é traduzido como "Misterium" ou "Sacramentum", que em outras palavras designa um sinal de Deus. Nos primeiros séculos do Cristianismo, a palavra não será usada, simplesmente, como uma identificação lexical, mas passa a ser uma realidade teológica que indica a presença sagrada de Deus em seus sinais. Posteriormente, com o escritor e pensador Pseudo-Dionísio Areopagita, a expressão "mística" que aponta para o "Mistério de Deus" terá um significado ainda mais peculiar: "Até àquele tempo, para os cristãos esta palavra era equivalente à palayra "sacramental", ou seja, quanto pertence ao "mysterion", ao sacramento. Com Dionísio, a palavra "mística" torna-se mais pessoal, mais íntima: exprime o caminho da alma para Deus"408. A partir de então, a expressão "mística" estará ligada, também, a um percurso humano-espiritual ou um caminho imanente-transcendente de aproximação e contato com Deus, de experiência com Deus⁴⁰⁹.

 $^{^{407}}$ TERESA DE LISIEUX. MM 5 v.

⁴⁰⁸ BENTO XVI. Dionísio Areopagita (Audiência Geral em 14/08/2008) Em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf ben-xvi_aud_20080514.html

⁴⁰⁹ A mística pode ser entendida com experiência com Deus. Neste sentido, surgem algumas definições ao longo do tempo por teólogos e estudiosos. Por isso, apresentamos alguns deles: "Cognitio Dei experimentalis" (Tomas de Aquino); "Uma experiência da presença de Deus no espírito pelo gozo interior que dela nos procura um sentimento íntimo" (J. Tauler); uma "advertência

Abordando o tema sobre a chamada, experiência mística - forma tão eminente da experiência de Deus -, o filósofo e teólogo jesuíta, padre Henrique de Lima Vaz, escreve uma obra intitulada "Experiência mística e filosofia na tradição ocidental". Neste escrito, ele designa a mística como

uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica (Plotino), que se desenrola normalmente num plano trans-racional - não aquém, mas além da razão –, mas, por outro lado, mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo⁴¹⁰.

Da experiência mística decorre um conhecimento do objeto (Deus) a partir da íntima união com Ele. E assim, Vaz, usa a expressão "experiência fruitiva do absoluto" para aprofundar o que ocorre na relação intercambial entre o ser humano e Deus. Esta dimensão torna-se possível, pois a pessoa humana é um ser de relação e um fenômeno religioso.

Como experiência fruitiva, ela se exerce através de um tipo de conhecimento do seu objeto e de adesão afetivo-volitiva que transcendem o modo usual de operar das nossas faculdades superiores de conhecer e querer, e visa, em sua intencionalidade objetiva, ao Absoluto, ultrapassando a contingência e relatividade dos objetos que se oferecem à nossa experiência ordinária⁴¹¹

Assim, podemos perceber que a experiência mística se dá no ser da pessoa humana, e por isso pode ser vista e estudada sob o olhar antropológico. Esta "não pode ser separada do dado antropológico, já que ambos estão em profunda unidade para desembocar na diversidade de relações que envolve todo o ser humano de acordo com o meio em que vive" Além disso, segundo a perspectiva e o estudo de Henrique de Lima Vaz, há três formas de experiência mística na tradição ocidental, são elas: a mística especulativa, a mística mistérica e a mística profética. A chamada mística especulativa, "pode ser considerada um prolongamento da experiência metafísica em termos de intensidade experiencial. Ela se apresenta, pois, como a face do pensamento filosófico voltado para o mistério do Ser" para o Bem ou o Uno. Deste modo, pode ser caracterizada como uma mística natural ou do conhecimento (saber e contemplar). A mística mistérica, por sua vez, "atribuise convencionalmente a uma forma de experiência do divino (theîon) ou do deus

amorosa de Deus" (S. João da Cruz). Hoje estudiosos falam de uma experiência fruitiva do Absoluto'; entende por mística 'a tomada de consciência de uma união ou unidade com ou em algo imensamente maior que o eu empírico' (R. C. Zaehner).

⁴¹⁰ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 10.

⁴¹¹ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 16.

⁴¹² BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 26.

⁴¹³ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 30.

(*theós*) que floresceu nos antigos cultos mistéricos ou iniciáticos da tradição grega", é uma mística da vida de assimilação e divinização. Já a denominada mística profética é aquela que se

constituiu em torno da Palavra da Revelação, tal como é comunicada, recebida e vivida ao longo da tradição bíblico-cristã [...] é uma mística da audição da Palavra – fé e caridade, ou seja, uma mística que floresce no terreno da Palavra de Deus, ouvida e obedecida (Rm 10, 17-18), que cresce até alcançar o caminho mais perfeito (hyperbolén hodón, I Cor 12, 37), que dá realidade e consistência a todos os outros caminhos: o caminho do ágape (I Cor 13, 2-3)⁴¹⁵

De certa maneira, a mística pressupõe o mistério e a possibilidade da revelação divina: por trás do mundo das aparências resta um conhecimento e uma verdade não passível de apreensão sensível, realidades possíveis de se enxergar quando se "fecha os olhos" da razão e se salta para essa alteridade absoluta do completamente Outro. Primeiramente, pode-se dizer que "a experiência mística tem lugar no terreno desse encontro com o Outro absoluto, cujo perfil misterioso desenha-se sobretudo nas situações-limite da existência, e diante do qual acontece a experiência do Sagrado" Segundo o teólogo Martin Velasco,

com a palavra mística nos referimos, em termos muito gerais e imprecisos, a experiências interiores, imediatas, fruitivas que ocorrem em um nível de consciência que supera aquele que rege a experiência ordinária e objetiva, da união – seja qual for a forma como se a vive – substancialmente do sujeito com o todo, o universo, o absoluto, o divino, Deus ou o Espírito⁴¹⁷.

A experiência mística faz perceber, sentir diretamente a presença de Deus. No entanto, esta presença divina se dá no tempo, na vida humana, no cotidiano, na história. "Tal experiência acontece dentro da história de vida do próprio ser humano, e dela brota o seu encontro com o outro Absoluto" Por isso, se pode dizer: "Tu dizes que verás a Deus e a sua luz; estulto, nunca o verás, se não vês já agora" Iluminados e interpelados por esta expressão de Angelus Silesius, podese intuir e entender que a mística se refere à experiência da visão (percepção, contato, escuta) de Deus (Absoluto, Sagrado) que se dá no decorrer da história humana. Um dos pontos de surgimento e descoberta da experiência mística é, precisamente, a sede que o ser humano sente do que lhe falta, como dizia Santo

⁴¹⁴ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 47.

⁴¹⁵ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 57.

⁴¹⁶ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 15.

⁴¹⁷ VELASCO, M., El fenómeno místico, p. 23.

⁴¹⁸ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 23.

⁴¹⁹ SILESIUS, A., Il pellegrino cherubico, VI, 115 (tradução nossa).

Agostinho: "Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti"⁴²⁰. Ou ainda, como nos diz o salmista: "A minha alma tem sede de Deus" (Sl 42, 2). Contudo, ao mesmo tempo, Deus tem sede de nossa vida (Jo 19, 28), de nos amar. Ou ainda, como escreve São João da Cruz: "se a alma busca a Deus, muito mais a busca seu amado a ela"⁴²¹. Desta maneira, podemos dizer que a experiência mística ocorre, a partir do próprio Deus que se deixa alcançar e quer se comunicar ou se revelar, e assim estabelece unidade com o ser humano que, também, o busca. Em outras palavras, a experiência mística decorre da Revelação Divina e da fé que brota no coração humano. Neste sentido, de acordo com Francisco Catão em cada ser humano há uma busca, um desejo pelo transcendente que "é a expressão concreta da capacidade que o ser humano tem de conhecer e amar a Deus, mesmo naqueles que não o conhecem explicitamente. Como tal, esse desejo está na raiz de toda a espiritualidade humana"⁴²².

Na perspectiva cristã – na qual nos debruçamos – neste trabalho, pode-se dizer que "o Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém para os convidar à comunhão consigo e nela os receber" Portanto, o ser humano, "criado à imagem e semelhança de Deus, pode experimentar, em circunstâncias específicas, o encontro com o seu Criador, mediante formas e intensidades variáveis" Karl Rahner, em sua obra "Curso Fundamental da fé" coloca em destaque aquele a quem é dirigida a autocomunicação de Deus: o ser humano. Para Rahner, este é "em primeiro, pessoa e sujeito enquanto ser transcendental, dotado de responsabilidade e liberdade, possuidor da referência ao mistério incompreensível, de historicidade e necessária inserção no mundo e sociabilidade" Assim, todas as pessoas trazem consigo este potencial, esta força, este ímpeto de transcender. "Sendo que esta relação não é feita somente por uma parte do ser humano, mas feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio de servicio de servicio enquanto uma unidade" de servicio enquanto de servicio enquanto uma unidade" de servicio enquanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio enquanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio en quanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio en quanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio en quanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio en quanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade" de servicio en quanto esta feita pelo ser humano inteiro enquanto uma unidade esta feita pelo servicio en esta feita pelo servicio en quanto esta feita pelo servicio en quanto esta feita pelo servicio en esta feita pe

Nesta experiência mística, este Outro Absoluto, que é Deus mesmo, "aparece e se esconde". Por sua vez, "a teologia mística consiste, portanto, no discernimento

⁴²⁰ AGOSTINHO., Confissões I, 1, 1.

⁴²¹ SÃO JOÃO DA CRUZ. Chama viva B, 3, 28.

⁴²² CATÃO, F. Espiritualidade Cristã, 19.

⁴²³ CEC 148.

⁴²⁴ NUNES JÚNIOR, A. B., Fenômeno místico, p. 49.

⁴²⁵ RAHNER, K., Curso fundamental da fé, p. 39.

⁴²⁶ RAHNER, K., Curso fundamental da fé, p. 43.

desta presença escondida"⁴²⁷. Deus, ao mesmo tempo em que se manifesta, interpela o ser humano que pode conhecê-lo e se aproximar deste grande mistério. A mística, assim, é esta experiência, fortemente, marcada pelo Mistério de Deus.

A expressão "mistério de Deus" (e suas variantes) passa a ser, como no corpus paulino e na época patrística, novamente entendida como plano divino da salvação que Deus manifesta ao ser humano, ao longo das diversas etapas da sua história até a conclusão dessa mesma história 428.

Deste modo, entendemos que "Deus trava relações pessoais com o homem no seio da história humana" E o ser humano, por sua vez, se orienta para o Mistério de Deus, ao ponto de ser identificado como *homo mysticus*. Este mesmo "ser humano místico" é interpelado pelo próprio Deus que o convida a comunhão. Nesta direção, de modo profundo e inspirador, diz o Concílio Vaticano II: "o mistério do homem só se esclarece à luz do Verbo Encarnado" Portanto, o transcendente, por excelência, une-se ao imanente. E assim, na teologia cristã, "a Revelação é a Palavra de Deus que rompe o seu silêncio eterno e irrompe no tempo e no espaço humano" da modo mais sublime esse silêncio é rompido pela Encarnação do Verbo. Marcando a história em um antes e um depois, "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1, 14). Ao ponto de podermos dizer que "A história do cristianismo é a história de uma intervenção divina na história" O Mistério da Encarnação, este evento histórico-salvífico, dá origem, sentido e direção para a Mística Encarnada. Deste modo, pode-se contemplar a sublime unidade entre Deus e toda a humanidade, o itinerário que ele quis percorrer conosco.

O Verbo se encarnou para que sua Encarnação fosse a causa instrumental física da distribuição da graça e de sua vida pela sua humanidade. Ele quis ter um corpo, para nos falar, para agir, para que a sua humanidade transmitisse a vida divina. [...] Ele assumiu um corpo. Ele não teve medo deste desenvolvimento físico. Tudo é recapitulado no Cristo, Verbo Encarnado⁴³³.

Deus está presente no mundo, em toda a realidade criada, de modo especial, na vida e na história de cada ser humano. Tudo o que existe participa do próprio ser e/ou existir de Deus. Por isso, "nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17, 28). No período patrístico, Justino já fazia uso da expressão grega "logos

⁴²⁷ COSTA, A. S., Teologia e espiritualidade, p. 340.

⁴²⁸ MORAES, A. O., Entre mistério divino e humano, p. 149.

⁴²⁹ SCHILLEBEECKX, E., Revelação e teologia, p. 337.

⁴³⁰ GS 22.

⁴³¹ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 95.

⁴³² DAWSON, C., A formação da cristandade, p. 101.

⁴³³ MARIA-EUGÊNIO. Para a alegria de Deus, p. 201-202.

spermatikós" para demonstrar a presença de Deus na realidade da vida humana. Sobre isso, comenta Paul Tillich:

Justino se valeu das doutrinas estoicas acerca da imanência e transcendência do Logos. O Logos divino *é endiathetos*, 'que habita' em Deus. Esse mesmo *Logos* eterno, pelo qual Deus expressa a si mesmo, torna-se, na criação, o *Logos prophorikós*, 'procedente' de Deus, na direção do mundo⁴³⁴.

Neste sentido, é importante destacar que o Concílio Vaticano II valoriza essa teologia desenvolvida pelos padres da Igreja. O Concílio lembra e destaca que é necessário ater-se às sementes do Verbo presentes nas diversas realidades da vida⁴³⁵.

Do mesmo modo, desenvolvendo um estudo sobre a Encarnação e Teresa de Lisieux, o teólogo e pesquisador da santa carmelita, François Marie Léthel, afirma que "a antropologia cristológica de Teresa certamente permitiria retomar e aprofundar a grande questão do 'motivo da Encarnação' [...] a partir do seu próprio coração, do seu desejo de amar e de ser amada"⁴³⁶. A santa carmelita, no poema "Ao Sagrado Coração de Jesus" expressa sua reflexão e intuição:

Preciso de um coração ardendo de ternura,

Que o meu apoio permaneça sem qualquer reciprocidade,

Que você ama tudo em mim, até mesmo a minha fraqueza...

Que Ele nunca me deixe, nem de dia nem de noite.

Eu não consegui encontrar nenhuma criatura,

Que ele sempre me amou, nunca morreu.

Preciso de um Deus, que assuma a minha natureza,

Oue Ele se torne meu irmão capaz de sofrer!

Você me ouviu, o único amigo que eu amo,

Para roubar o meu coração, tornando-te mortal,

Você derramou seu sangue, que mistério supremo!...

E vivei para mim de novo no altar⁴³⁷.

Aqui a teologia de Teresa de Lisieux parece apontar para o ato da satisfação, onde nenhuma criatura poderia preencher a vida humana nem satisfazer todas as exigências do coração do ser humano. E o homem sozinho, por sua vez, não se satisfaz. Deste modo, de acordo com o estudo teresiano de Léthel:

Um Deus-Homem é, portanto, necessário para "satisfazer" todas as exigências da salvação do homem. Fazendo-se homem, derramando o seu Sangue na Cruz e dandonos o seu Corpo e o seu Sangue na Eucaristia, o Filho de Deus "satisfaz" plenamente a justiça misericordiosa do Pai e, ao mesmo tempo, "satisfaz" plenamente o coração do homem que Ele salva, enchendo-o com o seu amor⁴³⁸.

⁴³⁴ TILLICH, P., História do pensamento cristão, p. 51.

⁴³⁵ LG 17; AG 11.

⁴³⁶ LÉTHEL, F. M., L'amore de Gesù, p. 67 (tradução nossa).

⁴³⁷ TERESA DE LISIEUX. PN 23.

⁴³⁸ LÉTHEL, F. M., L'amore di Gesù, p. 68 (tradução nossa).

Portanto, compreende-se que "o Deus que Teresinha ama de todo o coração, não é um Ser abstrato, o Deus dos filósofos e dos sábios: é o Deus feito homem, o Verbo encarnado. Teresa ama um Deus que é seu irmão humano: Jesus"⁴³⁹.

É, justamente, assim que Deus revela-se à humanidade, de modo progressivo e real. E, por isso, "chegando à plenitude dos tempos, Deus enviou o seu próprio Filho" (Gl 4, 4). A Encarnação do Verbo e o Nascimento de Jesus Cristo marcam a história da humanidade em um antes e um depois. E hoje, bem como no decorrer dos séculos, com o anúncio do Evangelho, Cristo entra na história de cada homem e de cada mulher, e suas vidas são marcadas por sua presença transformadora. Assim se encarna na história concreta de cada pessoa: a misericórdia divina, a força, a bondade e a ternura de Deus, "pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 1, 16). São Leão Magno, imbuído desta verdade afirma que o Verbo "assumiu a forma de servo sem a mancha do pecado, elevando o que é humano sem diminuir o que é divino, pois aquele esvaziamento no qual o invisível se ofereceu visível ..., foi um inclinar-se da misericórdia, não uma falta de poder" Por isso, nesta mesma direção, nos diz a Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Heb 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado "como homem para os homens", "fala, portanto, as palavras de Deus" (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cfr. Jo 5,36; 17,4). Por isso, Ele, vê-lo a Ele é ver o Pai (cfr. Jo 14,9), com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna 441.

A união de Deus - por meio de seu Filho na força do Espírito - com cada criatura humana e com tudo o que existe é caracterizado como *kenosis*, é um verdadeiro esvaziamento de si. Por isso, nos diz o Apóstolo: "Ele estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido

⁴³⁹ COMBES, A., Uma santa na era atômica, p. 14.

⁴⁴⁰ LEÃO MAGNO., Tomus ad Flavianum; DH 290-295.

⁴⁴¹ DV 4.

em seu aspecto como um homem abaixou-se" (Fl 2, 6-8). Profundamente ligado com esta dimensão de esvaziamento de si mesmo, um dos aspectos mais desenvolvidos e originais da teologia teresiana é o da pequenez evangélica: "É próprio do Amor humilhar-se" Segundo Léthel, "Teresa contempla o Amor de Jesus em todo o seu movimento de *kenosis*, desde a Encarnação, em todos os mistérios da vida terrena até à Paixão. A *kenosis* do Filho de Deus é a aniquilação misteriosamente imposta pelo Amor" Assim, manifesta a santa carmelita "para que o Amor seja plenamente satisfeito, ele deve ser rebaixado, rebaixado ao nada e transformar este nada em fogo..." A santa carmelita - como verdadeira discipula do Senhor - deseja viver, intensamente, este modo de amar, à semelhança de Jesus. "Pois, por sua *kenosis*, sua humilhação e abaixamento, é que o Verbo se encarnou e salvou o mundo. Não pode ser outro o caminho do cristão que quer ser discípulo desse mesmo Jesus Cristo e anunciar aos outros a sua Boa Nova" 445.

Neste sentido e falando para o homem contemporâneo, o teólogo francês Joseph Moingt aproximará a Encarnação do Verbo do *Ser-at*⁴⁴⁶ presente na filosofia de Martin Heidegger, expressando que a humanidade de Deus é como o *Ser-aí* de Deus no tempo, propulsado pela vida de seu Verbo para a carne:

Vamos nos deter por um instante na singularidade desta revelação para deixar desvelar-se a novidade da figura que Deus toma nela: [...] está aí, como nós estamos em uma semelhante pertença ao mundo e ao tempo, só que ela é para nós dependência e vínculo de necessidade, mas para ele é doação gratuita de si, de tal sorte que a sua vinda para nós é para nós libertação absoluta, no sentido em que se fala de um condenado que foi "agraciado", como canta a liturgia de Natal: "A graça de Deus apareceu, salutar a todos os homens" (Tt 2,11). O acontecimento da Encarnação não é um acontecimento que concerne somente a Jesus, reduzindo-o à relação com sua mãe e seu pai terrestre "segundo a carne". É um acontecimento que

⁴⁴² TERESA DE LISIEUX. MA 2 v.

⁴⁴³ LÉTHEL, F. M., L'amore di Gesù, p. 124 (tradução nossa).

⁴⁴⁴ TERESA DE LISIEUX. MB 3 v.

⁴⁴⁵ BINGEMER, M. C. L., Santidade, p. 121.

⁴⁴⁶ Martin Heidegger (1889-1976) não se limita a constatar que o homem está no mundo. Afirma que ele é um *ser-aí* (Dasein), isto é, um ser-no-mundo. Essa afirmação não deve ser entendida como uma simples localização num espaço, e, sim, como uma característica fundamental da existência humana, como algo que a constitui. O ser-no-mundo envolve o ser-com-outros, ou seja, com quem também está no mundo. Não se está falando de mera coexistência exterior, de compartilhar acidentalmente o mesmo cenário, mas de algo fundamental: faz parte da natureza da existência humana o fato de ser uma existência compartilhada. Para Heidegger, não é possível pensar separadamente no homem e no mundo porque a mundanidade é um traço da existência. O mundo, entendido dessa maneira, não é o conjunto de objetos - entre os quais se encontraria o homem -, e, sim, o traço fundamental do ser humano. Cada homem encontra-se sempre e necessariamente inserido no mundo das coisas e das outras pessoas. "Inserido" significa estar vinculado por meio de uma complexa rede de preocupações, tarefas, interesses e cuidados, rede que proporciona a configuração inicial do real. O que existe, em primeiro lugar, é o meu mundo, e não o suposto mundo objetivo proposto pela ciência. (ENCICLOPÈDIA DO ESTUDANTE, p. 220)

sobrevém a Deus mesmo, que o afeta: é uma "paixão" de que Deus - e sucede-lhe estar af 447 .

A compreensão deste grande amor humano-divino e a mística que decorre deste evento histórico-salvífico provocam e formam cada pessoa humana para que à luz do Verbo Encarnado, também, possa se esvaziar de si mesma para a doação total e amorosa de si aos irmãos e às realidades do mundo que mais precisam. Em outras palavras, o ser humano em Cristo ou em comunhão com Deus, por ser criado à imagem e semelhança dele, pode realmente torna-se divino ou alcançar a santidade. Neste sentido, o Papa Francisco manifesta uma necessidade para o tempo presente ao escrever a Carta Apostólica *Gaudete et exsultate*, recordando a vocação à santidade de toda a Igreja:

O meu objetivo é humilde: fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós "para ser santo e irrepreensível na sua presença, no amor" (cf. Ef1, 4)⁴⁴⁸.

Por isso, nos diz a Escritura: "foram-nos dadas as preciosas e grandíssimas promessas, a fim de que assim vos tornásseis participantes da natureza divina" (2Pd 1, 4). A mística que decorre desta revelação ou desta autocomunicação de Deus inspira o ser humano para que, encarnado na sua realidade e cotidiano, possa manifestar o amor de Deus. Neste sentido, "uma espiritualidade autêntica se encarna de modos diferentes como o Espírito, que é amor, vida e dinamismo se converte em espírito que mobiliza de dentro uma atividade" Assim, a mística encarnada surge como reposta diante da experiência concreta com o próprio Verbo Encarnado. Fruto desta experiência é o desejo de imitá-lo, testemunhá-lo no mundo, ter a mesma opção e olhar dele.

Na patrística, temos o exemplo de Santo Atanásio que ressalta a admirável filantropia de Deus e o seu desejo de santificar a vida de cada pessoa humana.

Admira a filantropia do Verbo, que aceita ultrajes por nossa causa, a fim se sermos honrados. [...] Ele se fez homem para que fôssemos deificados; tornou-se corporalmente visível, a fim de adquirirmos uma noção do Pai invisível. Suportou ultrajes da parte dos homens, para que participemos da imortalidade. Com isso nenhum dano suportou, sendo impassível e incorruptível, o próprio Verbo e Deus. Mas, em sua própria impassibilidade guardou e preservou os homens sofredores, em prol dos quais tudo isso suportara⁴⁵⁰.

⁴⁴⁷ MOINGT, J. Deus que vem ao homem, p. 316.

⁴⁴⁸ GE 2.

⁴⁴⁹ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia Espiritual Encarnada, p. 6.

⁴⁵⁰ ATANÁSIO., A Encarnação do Verbo, p. 170.

Esta filantropia do Verbo, demonstra ao mundo o grandioso amor de Deus por todos os que são destinatários da salvação. Mas, ao mesmo tempo, a *Kenosis*, esse esvaziar-se do Filho Unigênito torna-se modelo para a vida dos cristãos de todos os tempos e lugares. O cristão, ou ainda aquele que se deixa alcançar por esta mística, na sua experiência com Deus, deve ser reconhecido pelo seu despojamento e pela sua doação de vida.

Em Jesus Deus mesmo e não outro é quem se aproxima do ser humano. A humanidade de Jesus é lugar de encontro de Deus com o ser humano. Trata-se de um Deus humano, um Deus feito carne, encarnado, que vem a nosso encontro, que não pretende isolar-se em uma morada inacessível, desde a qual atuaria através de intermediários⁴⁵¹.

O Papa Francisco, por sua vez, na Encíclica *Laudato Si*, contempla o Mistério da Encarnação e lembra que o Verbo se fez carne assumindo não apenas a nossa humanidade, mas, ao mesmo tempo, toda a realidade criada, nossa casa comum. Sendo assim, o cuidado responsável com os bens da criação é, igualmente, um modo de se viver uma espiritualidade encarnada.

Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia⁴⁵².

Não resta dúvidas que, diante do Mistério da Encarnação, contempla-se o Cristo que se esvazia de si mesmo, para de forma humilde servir aos irmãos, vivendo e revelando uma mística encarnada que se presencializa em toda a sua vida, e, em cada um de seus feitos. Esta mística pode ser caracterizada por um amor eficaz e universal, dirigido a todos; por um cuidado e uma valorização dos bens da natureza; pela ação no mundo; e pelo convite à santidade (à comunhão com Ele), revelada no testemunho de vida.

A Encarnação está no centro da fé e da espiritualidade cristã. O próprio termo "mistério" está fortemente ligado às celebrações litúrgicas dos sacramentos, onde a força redentora de Deus se presencializa, "encarnando-se" em nosso tempo e em nossa vida. A imersão, neste tão grande mistério, se dá na história de cada pessoa, a partir da Palavra de Deus, dos sacramentos, da oração, da comunhão e do testemunho fraterno. Assim, diz o Papa Francisco na Carta Apostólica *Deriderio Desideravit*: "A Encarnação para além de ser o único acontecimento novo que a

⁴⁵¹ BINGEMER, M. C. L., Jesus Cristo, p. 143.

⁴⁵² LS 99.

história conhece, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir a via da comunhão. A fé cristã ou é encontro com Ele vivo, ou não é^{3,453}. E ainda:

O Senhor Jesus, que "foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre", continua a perdoar-nos, a curar-nos, a salvar-nos com a potência dos seus sacramentos. É o modo concreto, pela via da encarnação, com que nos ama; é o modo com que sacia aquela sede de nós que declarou na Cruz⁴⁵⁴.

O conhecimento e a experiência decorrentes deste grande mistério de amor devem, por sua vez, ser reconhecidos no mundo a partir dos frutos produzidos na vida de quem crê. Por isso, nos diz Karl Rahner:

Para que em cada caso o cristianismo se faça realidade no sentido pleno, necessário e autêntico da palavra devem ocorrer ainda muitas coisas: o encontro deste acontecimento primordial cristão com sua própria aparição histórica em Jesus Cristo, em quem este Deus inefável "está realmente presente" para nós na história, na palavra, no sacramento e na comunidade que confessa, que chamamos de Igreja. Mas este cristianismo expresso, refletido e institucional, necessário e santo, só alcança seu sentido, só deixa de ser a mais sublimada das idolatrias, quando realmente indica e inicia aos homens na entrega confiada e amorosa ao mistério santo e sem nome; entrega que realiza a liberdade, assim que se deixa dar por esse mesmo mistério silencioso e, desse modo, nossa resposta procede da palavra de Deus⁴⁵⁵.

Neste sentido, é importante destacar que, ainda hoje, um olhar, de modo reducionista, acerca da mística pode atrelá-la, simplesmente, a uma experiência pessoal interiorizada e distante do mundo ou daquilo que está ao seu redor. No entanto, uma perspectiva mais integrada e encarnada da experiência mística no ser humano – que vive com os seus desafios e é chamado a lidar com tudo o que o envolve – nos leva a refletir como, a teóloga contemporânea, Francilaide Ronsi:

Se outrora se colocava o acento no caráter ahistórico, desencarnado, puramente celeste e angelical da mística, hoje se sublinha sua dimensão histórica. O místico, na compreensão cristã, é aquele que realiza sua experiência de profunda intimidade com Deus e a vive em sua realidade procurando transformá-la⁴⁵⁶.

A fé cristã não deve ser abstrata, mas concreta. Ela deve ser vivida e entendida como um evento existencial, fruto do encontro com o Deus vivo e verdadeiro. Este encontro pessoal com o Senhor que vem ao encontro da humanidade, pode e deve redimensionar a espiritualidade da vida cristã, de modo que esta seja exercida e visível, ao mesmo tempo, no mundo, na realidade em que se vive e com a superação

⁴⁵⁴ DDe 11.

⁴⁵³ DDe 10.

⁴⁵⁵ RAHNER, K., La gracia como libertad, p. 29 (tradução nossa).

⁴⁵⁶ RONSI, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar, p. 61.

dos desafios e problemas que lá se impõem. O místico encarnado não pode ser alheio às mazelas que o cercam (tais como: os problemas sociais, morais e espirituais), pois, o Verbo Encarnado, também, não o foi. O místico encarnado contemporâneo vive no presente sua "cristificação no seguimento de Jesus Cristo, numa vida caracterizada pela abertura a Deus e pelo amor-serviço, no coração do tempo, do mundo e da história atuais" E assim podemos dizer que a mística encarnada é um maneira de vislumbrar e "assumir nossa conformação a Cristo, Verbo Encarnado, que assume até as últimas consequências seu vir ao mundo e nos convida a nos unirmos a Ele nesse caminho de esvaziamento de si e serviço gratuito" Esta mística encarnada, presente no cotidiano da vida e da sociedade humana, nos leva a refletir que

a riqueza e a profundidade interior devem desembocar sempre, naturalmente, na ação. Esta pode assumir diferentes aspectos, dependendo das circunstâncias: pode ter um caráter marcadamente religioso, caritativo, mas pode também se concretizar no social e no político, de qualquer modo sendo totalmente o contrário da fuga da realidade⁴⁵⁹.

Neste sentido, o Papa Francisco chama atenção para o risco de uma espiritualidade vivida de maneira desencarnada, longe da concretude da realidade. Exortando os chamados novos gnósticos, ele afirma: "concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, [...] preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo"460. Por outro lado, uma espiritualidade encarnada parte da experiência com o mistério de amor manifestado, de maneira especial, através do Verbo Encarnado. Em outras palavras, pode-se dizer que "a experiência mística no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Fora desse dado central e absolutamente necessário, não há cristianismo"⁴⁶¹. Desta experiência decorre um desdobramento do dom da fé, da esperança e da caridade transformados em ações concretas no cotidiano. Desta maneira, pode-se ver - a seguir - a presença desta mística encarnada no amor eficaz e universal; no amor pelos bens da criação; nas ações práticas; e no testemunho de

⁴⁵⁷ RÚBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 175.

⁴⁵⁸ COSTA, A. S., Encarnados no mundo com os olhos fixos em Jesus, p. 23.

⁴⁵⁹ VANNINI, M., Introdução à Mística, p. 19-20.

⁴⁶⁰ GE 37.

⁴⁶¹ BINGEMER, M. C. L., Ser cristão hoje, p. 148.

vida e, de modo particular, no intercâmbio que se pode estabelecer com as contribuições trazidas por Teresa de Lisieux para esta espiritualidade.

4.1 Na fraternidade universal

De muitas maneiras, no decorrer do tempo, místicos e místicas fazem experiência com Deus e traduzem este contato íntimo e pessoal através da própria vida, dos escritos e dos itinerários espirituais propostos. Não poderia ser diferente no que envolve o caminho percorrido e desenvolvido por Teresa de Lisieux. Seu pequeno caminho ou pequena via aponta para o enlace entre o divino e o humano e pode ser caracterizado como um percurso para uma mística encarnada. Entre tantos teólogos que se debruçam sobre a espiritualidade, podemos destacar o espanhol, Juan Martin Velasco, na obra *El fenómeno místico*, quando identifica três elementos da experiência mística: "a união íntima com Deus, como conteúdo e meta da experiência; sua condição de experiência imediata, na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus; e o amor como caminho e meio da união ⁴⁶².

Na experiência de Teresa de Lisieux podemos perceber estes elementos traduzidos em uma mística do cotidiano. Em sua vida e obra não percebemos tantas características extraordinárias, êxtases e arroubos, como já descrito anteriormente Muito pelo contrário, na santa carmelita podemos encontrar um caminho que aponta e conduz para a chamada mística encarnada ou "de olhos abertos", como diria Johann Baptist Metz. Ele destaca que "a experiência de Deus inspirada biblicamente não é uma mística de olhos fechados, mas sim uma mística de olhos abertos; não é uma percepção relacionada apenas conosco mesmos, sem uma percepção intensificada do sofrimento alheio" 463. Como sinais bem concretos de sua espiritualidade encarnada destacamos o amor, não como um mero sentimento, mas como algo que precisa ser traduzido de maneira eficaz e universal - tal como nos aponta, também, - a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco.

O amor é uma realidade substancial em Santa Teresa de Lisieux. Pode ser encontrado e estudado tanto em sua vida como em seus escritos. Nela, o amor não se manifesta, simplesmente, como algo abstrato ou idealizado. Em Teresinha podemos perceber um amor concreto e que deve ser testemunhado, provado e

⁴⁶² VELASCO. J. M., El fenómeno místico. p. 31 (tradução nossa).

⁴⁶³ METZ, J. B., El clamor de la tierra, p. 26 (tradução nossa).

dirigido tanto a Deus com aos irmãos, inclusive: aos assassinos, aos incrédulos, ou ainda, às pessoas em que o ato de amar possa se tornar mais desafiador. "Já que a essência da perfeição cristã consiste no aumento da caridade. Que cresce proporcionalmente à graça santificante, essa mesma caridade é o mais importante e decisivo fator" Por isso, ao nos debruçarmos em sua espiritualidade notamos que este amor pode ser caracterizado como eficaz (capaz de produzir um resultado) e universal (por ser dirigido a todos).

Nos dias atuais, a visão de sociedade como uma verdadeira comunidade humana tem sido abandonada, por causa das injustiças sociais ou pelo individualismo de muitos, fruto de um verdadeiro narcisismo. Portanto, esta deve ser questionada e repensada. Muitos são os problemas e dificuldades que precisam ser superados e sanados na vida cotidiana. Por isso, seguindo o pensamento de Teresa de Lisieux e a reflexão trazida pelo Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, o ser humano deve buscar o amor a Deus e ao próximo como a si mesmo, como princípio de suas ações morais e, consequentemente, como modo de socialização, pois a partir desta conduta moral, estilo de vida ou espiritualidade se pode chegar à ordem social, que visa o bem comum, a justiça e a paz. "Neste sentido, a síntese obrigatória da mística contemporânea está em seu consciente e explícito enlace com a ética" 465.

Santa Teresa de Lisieux é reconhecida e venerada pelas suas virtudes, pelo exemplo de sua vida, pela simplicidade no modo de transmitir sua espiritualidade. Contudo, o que mais se destaca em sua vida e obra é o amor. Ela dizia: "Quem ama de verdade, não deseja mais nada, pois a razão de sua vida é o seu amor".

Para a santa carmelita, o amor não se reduz a um sentimento, mas deve ser algo muito maior como um dom que deve ser acolhido e propagado⁴⁶⁷, deve ser desinteressado, gratuito, sem receber recompensas⁴⁶⁸, é uma loucura de paixão, pois ele deve ser total⁴⁶⁹. Para Teresinha não é bastante amar, mas é necessário provar este amor, que deve ser acompanhado de obras⁴⁷⁰. Assim como para muitos outros místicos e místicas:

o amor que os faz arder é o amor de Deus, que é vida e pode ser encontrado e experenciado ali onde homens e mulheres hoje estão sofrendo qualquer tipo de

⁴⁶⁴ BINGEMER, M. C. L., Mística e testemunho em koinonia, p. 23.

⁴⁶⁵ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 313.

⁴⁶⁶ TERESA DE LISIEUX, MA 83 r.

⁴⁶⁷ TERESA DE LISIEUX, CT 89, 94, 114.

⁴⁶⁸ TERESA DE LISIEUX, CT. 115; CA 9.5.3.

⁴⁶⁹ TERESA DE LISIEUX MA 82 v, 83v; MM 4 v, 5 v; CT 93, 96, 225.

 $^{^{470}}$ TERESA DE LISIEUX MG 11 v.

constrangimento ou necessidade, ou esmagados pela depressão e ansiando por uma luz de esperança que lhes afirme que a vida tem sentido⁴⁷¹.

Toda esta ciência do amor trazida por esta mística nos interpela em relação ao nosso tempo. Hoje podemos cair na tentação de viver um amor meramente de palavras, virtual, ideal. E isso tudo poderia nos levar a refletir: Como podemos demonstrar em nosso cotidiano esse amor? Teresa realiza uma contemplação pragmática, concreta e encarnada que pode inspirar uma espiritualidade integrada capaz de realizar um intercâmbio entre oração e ação, tão próprio do carisma carmelita. Para Teresinha, o amor precisa ser transformado em algo eficaz que será expresso na compreensão, na dedicação, no perdão, no louvor, nas obras de misericórdia. Não seriam, justamente, estas as atitudes resgatadoras para o ser humano e a sociedade contemporânea? Por isso, como uma resposta para o tempo presente, "a espiritualidade encarnada implica desenvolver o hábito de estar atento às pessoas como são e em seu contexto concreto, dando-lhes uma atenção amável, concentrada e amante, porque são verdadeiramente importantes para o próprio coração" 472.

Neste sentido, com ousadia e com um novo sopro do Espírito, capaz de animar homens e mulheres de diversos estados de vida, Santa Teresinha nos recorda que o que importa não são as grandiosidades das obras que podemos realizar, mas a intensidade de amor colocada em cada uma delas e, de fato, isso as tornam grandes⁴⁷³. E ainda, esse mesmo amor deve ser missionário, apostólico, deve ir ao encontro do outro⁴⁷⁴ e ser o sustento e o impulso hoje para a "Igreja em saída".

Em sua autobiografía, "História de Uma Alma", ela relata que, após uma experiência mística, olhando uma fotografía de Jesus na Cruz, fica impressionada com o sangue que caia de suas mãos. E ouve o grito de Jesus, dizendo: "Tenho sede". A partir deste instante, brota em seu coração a mesma sede de salvar outras pessoas, sede de corações. Nasce em seu coração um amor universal e cheio de misericórdia ao ponto de se compadecer e interceder por Pranzini, terrível assassino que havia sido condenado à morte⁴⁷⁵. Teresa entende que o amor de Deus é universal e misericordioso, e adota este amor como estilo de vida, dirigindo-o às

⁴⁷¹ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 313.

⁴⁷² FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 121.

⁴⁷³ TERESA DE LISIEUX, MM 4 r e 4 v.

⁴⁷⁴ TERESA DE LISIEUX MA 46 v; MG 6 r, 35 r, 36 r; CT 135, 213.

 $^{^{475}}$ TERESA DE LISIEUX, MA 45 v e 46 r.

suas irmãs do Carmelo, mas também aos ateus, assassinos e desconhecidos. Por isso, ela reconhece como destinatários deste amor seus parentes⁴⁷⁶, os pecadores⁴⁷⁷, os santos ⁴⁷⁸, as criaturas e a natureza⁴⁷⁹. A mística desenvolvida por ela não fica alheia ao mundo. O coração de Teresa dialoga, sai de si, sacrifica-se, tudo suporta e intercede porque ama. Ao seu respeito, diz São João Paulo II:

o seu ensinamento não é só conforme à Escritura e à fé católica, mas sobressai pela profundidade e síntese sapiencial alcançada. A sua doutrina é ao mesmo tempo uma confissão de fé da Igreja, uma experiência do mistério cristão e uma via de santidade. Teresa oferece uma síntese amadurecida da espiritualidade cristã: une a teologia e a vida espiritual, exprime-se com vigor e autoridade, com grande capacidade de persuasão e comunicação, como demonstram o acolhimento e a difusão da sua mensagem no Povo de Deus⁴⁸⁰

Em Teresa de Lisieux há uma consolidação entre vida, experiência mística e ensinamento. Além de trazer a comprovação de algo genuíno e autêntico, ela nos inspira a trilhar este mesmo caminho integrador. No que envolve a espiritualidade contemporânea, na obra "Deus-Amor: a graça que habita em nós", algo muito próximo a respeito disso é reafirmado:

existe uma dialética entre estes três polos; experiência, práxis e conhecimento de Deus. Nem a evangelização, nem a catequese, nem a teologia podem se fazer separadamente, sem relação umas com as outras. Nenhum cristão, nem nenhuma área de sua vida de fé, pode prescindir de revelação, de ascese, de oração, de espiritualidade, de processo evangelizador⁴⁸¹

Teresa decide trilhar uma Pequena Via. Este é o caminho espiritual que ela deseja ensinar a todos. Este itinerário é caracterizado pelo amor que se manifesta na humildade, na pobreza, no abandono, no reconhecimento de nós mesmos, na simplicidade, na infância espiritual⁴⁸². Este dinamismo de amar a conduz a uma tríplice compreensão: primeiro, "que o amor de Nosso Senhor se manifesta tanto na alma mais simples que não resiste em nada a sua graça, quanto na mais sublime"⁴⁸³; segundo, "que sem amor todas as obras são nada, mesmo as mais brilhantes, como ressuscitar os mortos ou converter os povos" ⁴⁸⁴; e, terceiro, "que o amor englobava

⁴⁷⁶ TERESA DE LISIEUX, CT 133.

⁴⁷⁷ TERESA DE LISIEUX, MG 6 r.

⁴⁷⁸ TERESA DE LISIEUX, CA 11.9.7.

⁴⁷⁹ TERESA DE LISIEUX, MA 14 v; CT 190.

⁴⁸⁰ DAS, n. 7.

⁴⁸¹ BINGEMER; FELLER., Deus Trindade, p. 133.

⁴⁸² TERESA DE LISIEUX, MM 5 v; MG 2v; MA 84 v; CT 176.

⁴⁸³ TERESA DE LISIEUX, MA 2 v.

⁴⁸⁴ TERESA DE LISIEUX, MA 81v.

todas as vocações, que o amor era tudo, que ele abraçava todos os tempos e todos os lugares; numa palavra que ele é eterno" ⁴⁸⁵.

Ao observarmos o mundo contemporâneo, podemos perceber uma forte banalização do amor e uma forte influência dos vícios na sociedade – oriundos do amor-próprio e da falsa concepção de amor. Ao analisarmos, também, o tempo presente, notamos uma separação entre o modo de pensar atual e os princípios cristãos, que podem auxiliar sumamente na vida social. Esta reintegração é um caminho que pode nos levar a superação dos males do século, tais como os extremismos, o relativismo, a falta de sensibilidade com o outro. É este mundo atual que precisa conhecer o Mistério de Deus por meio do anúncio da Boa Nova, assim "a encarnação do Evangelho é também encarnação da espiritualidade, que supõe um estilo determinado de exprimir o amor de Deus e ao próximo em uma determinada cultura" 486. O Papa Francisco é ousado e nos recorda, mais uma vez, algo que pode cair na indiferença ou no esquecimento: somos todos irmãos.

Ao lermos e aprofundarmos a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* de Francisco, não podemos negar que o ser humano é um ser social, ou seja, que precisa dos outros, tanto para a sua subsistência como para o seu crescimento moral e espiritual. Perante este fator, poderíamos nos questionar acerca daquilo que deve pautar a vida social humana e do que gera a harmonia entre os homens de uma determinada comunidade. Neste documento, que aborda o tema da fraternidade e amizade social, fica claro e não há dúvida que é o amor, o princípio da ordem moral e, consequentemente, o fundamento para a ordem social. Assim, destacamos o valor do amor social como amor eficaz para a boa organização da vida em comunidade:

a partir do amor social é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nós podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos. O amor social é uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e renovar profundamente, desde o interior, as estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos⁴⁸⁷.

Na perspectiva cristã e na doutrina social da Igreja, a caridade dentro da sociedade humana tem um valor singular, pois gera a ordem do amor nos cidadãos e, consequentemente, as virtudes, a concórdia e a busca pelo bem comum, ao passo

⁴⁸⁵ TERESA DE LISIEUX, MM 4 r.

⁴⁸⁶ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 120.

⁴⁸⁷ FT 183.

que o amor de si ou o amor narcisista origina a injustiça, os maus costumes. Francisco reitera este modo de pensar quando diz:

a caridade está no centro de toda a vida social sadia e aberta. Todavia, hoje, não é difícil ouvir declarar a sua irrelevância para interpretar e orientar as responsabilidades morais. É muito mais do que um sentimentalismo subjetivo, naturalmente se aparece unida ao compromisso com a verdade, para que não acabe prisioneira das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos. É precisamente a relação da caridade com a verdade que favorece o seu universalismo, evitando assim que ela acabe confinada num âmbito restrito e carente de relações. Caso contrário, será excluída dos projetos e processos de construção dum desenvolvimento humano de alcance universal, no diálogo entre o saber e a realização prática. Privada da verdade, a emotividade fica sem conteúdos relacionais e sociais. Por isso, a abertura à verdade protege a caridade duma fé falsa, que a priva de amplitude humana e universal⁴⁸⁸.

Francisco vê na dignidade da pessoa humana o fundamento para a amizade social e o amor universal. Tal dignidade vai além da nacionalidade, da etnia, condição social, sexo etc. Francisco chama a atenção para a superação do "amor parcial" que cria obstáculos para a concretização do bem comum e do diálogo entre os homens, que promova todas as pessoas. Por isso, nos diz o Papa na *Fratelli Tutti*:

o amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos amizade social em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, esta amizade social dentro duma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal. Não se trata daquele falso universalismo de quem precisa de viajar constantemente, porque não suporta nem ama o próprio povo. Quem olha para a sua gente com desprezo, estabelece na própria sociedade categorias de primeira e segunda classe, de pessoas com mais ou menos dignidade e direitos. Deste modo, nega que haja espaço para todos [...] Todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental. Todos o possuem, mesmo quem é pouco eficiente porque nasceu ou cresceu com limitações. De facto, isto não diminui a sua dignidade imensa de pessoa humana, que se baseia, não nas circunstâncias, mas no valor do seu ser. Quando não se salvaguarda este princípio elementar, não há futuro para a fraternidade nem para a sobrevivência da humanidade⁴⁸⁹

Francisco nos impele a vivermos segundo a necessidade de nosso tempo. O que temos para oferecer? Do que o mundo precisa? Qual o rosto da Igreja de nosso tempo? São perguntas que nos provocam e nos desinstalam de nós mesmo para um algo a mais. Somos irmãos! "Sim, acredito que este é o tempo da misericórdia. A Igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam a porta, vai a procura deles"⁴⁹⁰.

-

⁴⁸⁸ FT 184

⁴⁸⁹ FT 99 e 107.

⁴⁹⁰ FRANCISCO, O Nome de Deus é misericórdia, p. 34.

4.2 No cuidado com a casa comum

Degradação, desequilíbrio, exploração desmedida do meio ambiente são expressões que representam parte dos males de nosso tempo. O que mais nos intriga é perceber o ser humano como promotor destes males que atentam não só contra a biodiversidade, mas contra ele mesmo. O modo utilitarista de lidar com a natureza demonstra uma deficiência no cuidado com a nossa casa comum.

O prefixo "Eco" vem do grego: oikos, significa casa, o lugar onde se vive. Então, de certo modo, podemos dizer que a ecologia é a ciência das inter-relações do homem com a casa comum. Ou ainda, de maneira biológica, é a ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual vivem.

Todavia, a natureza parece ser vista em segundo ou terceiro plano, como um bem inferior, sobretudo, quando colocada ao lado da tecnocracia e acúmulo de bens. Por isso, é urgente o desenvolvimento, no âmbito teológico, de estudos e ações que possam aprofundar e solucionar este comportamento utilitarista do ser humano frente aos bens da criação. Sobre a presença do próprio Deus na realidade criada, afirma Moltmann: "o Criador mesmo está presente em sua criação mediante as energias e possibilidades do Espírito. Não se limita a adotar uma posição transcendente frente a criação, mas entra nela e é, ao mesmo tempo, imanente a ela"⁴⁹¹. Seguindo esta perspectiva, muitos estudos são realizados na área da teologia moral, doutrina social da Igreja, ética cristã. No entanto, a teologia espiritual pode contribuir, de modo muito eficaz, nesta temática por meio de uma espiritualidade integradora que una o ser humano e o meio ambiente, o transcendente e o imanente, a ecologia e a espiritualidade, fé e razão. Esta unidade pode render bons frutos na superação dos problemas hodiernos, pois a desordem externa, que se projeta nas relações com os outros seres, pode estar associada às desordens internas que os homens e as mulheres de nosso tempo precisam superar. A esse respeito, nos adverte bem o Papa Francisco na Encíclica Laudato Si:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso

_

⁴⁹¹ MOLTMANN, J. Dios en la creación, p. 23 (tradução nossa).

contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada 492 .

Francisco nos fala de um estilo de vida e de uma espiritualidade que façam resistência à lógica globalizada, capaz de transformar o comportamento humano e, consequentemente, a sociedade. Essa transformação passa pela valorização destes bens naturais e está presente na vida e nas obras de muitas mulheres místicas que podem contribuir, dentre elas, destacamos Santa Teresa de Lisieux.

Dois esclarecimentos especiais são necessários. Primeiramente, aqui desenvolvemos uma espiritualidade encarnada, não alheia aos apelos de nosso tempo e capaz de trazer respostas para o nosso contexto. E o segundo aspecto que devemos colocar em destaque é que no tempo em que viveu Teresa de Lisieux (1873-1897) talvez o discurso e a preocupação ecológica não estivessem tão em pauta como em nosso tempo. Contudo, em seus escritos podemos observar que sua mística está cercada de reflexões que envolvem elementos naturais. Eles estão presentes em sua vida, em sua contemplação e em seu modo de relacionar-se com Deus e com todas as coisas. Em outras palavras, podemos dizer que os dons da criação não escapam de sua atenção e observância.

A Encíclica *Mater et Magistra* de São João XXIII que trata da evolução da questão social à luz da doutrina cristã já recordava

Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: ver, julgar e agir⁴⁹³.

Este método tão conhecido e valioso não se dá somente de modo intelectual e abstrato. O ver, julgar e agir podem ser fruto da contemplação, ou seja, de uma interiorização de algo que é observado, sentido, valorizado e visto com uma nova perspectiva. A contemplação traz, ao mesmo tempo, como fruto a transformação daquele se dedica a esse ato. Por isso, a própria criação, a partir da contemplação, pode ser vista e entendida como dom de Deus e capaz de modificar o próprio ser humano. A contemplação é um exercício próprio da vida monástica e, especialmente, do Carmelo do qual fazia parte Teresa de Lisieux e é posta em

⁴⁹² LS 111.

⁴⁹³ MM 235.

evidente importância e relevância pelo Papa Francisco, quando ele nos diz na Encíclica Laudato Si:

Sentir cada criatura que canta o hino da sua existência é viver jubilosamente no amor de Deus e na esperança. Esta contemplação da criação permite-nos descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa, porque, para o crente, contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa. Podemos afirmar que, ao lado da revelação propriamente dita, contida nas Sagradas Escrituras, há uma manifestação divina no despontar do sol e no cair da noite. Prestando atenção a esta manifestação, o ser humano aprende a reconhecer-se a si mesmo na relação com as outras criaturas: Eu expresso-me exprimindo o mundo; exploro a minha sacralidade decifrando a do mundo⁴⁹⁴.

Desta maneira, podemos perceber a contemplação como um caminho acessível tanto para os simples e os eruditos, para os que se encontram dentro e fora dos claustros, para os mais maduros e para os jovens que trazem tantos ideais consigo, um deles certamente é a esperança de um mundo melhor. Esta contemplação nos permite perceber a beleza e a grandeza nas coisas simples da vida, tais como nos elementos naturais.

A ecoespiritualidade é a capacidade de integrar a mística à natureza. Não que isto seja desintegrado em si (essencialmente), mas no ser humano e, consequentemente, na sociedade podemos perceber esta ruptura. Ao mesmo tempo, resgatando e cultivando uma espiritualidade integradora e por meio de ações concretas temos a esperança de que esta ruptura seja superada.

Um modo de superação é a contribuição dos místicos e místicas que surgem no decorrer da história. Aqui destacamos Santa Teresa de Lisieux. Aos olhos desta santa mística, os bens naturais não passam desapercebidos. Estão presentes nas alegorias teológico-espirituais que ela desenvolve, em suas orações, em suas poesias. Em conformidade com esta perspectiva, alguns pesquisadores da santa carmelita irão identificar este intercâmbio entre natureza e espiritualidade em sua vida e em suas obras. Segundo, o teólogo brasileiro, Pedro Teixeira Cavalcante, "toda a natureza, com a sua beleza, sempre elevou a alma de Teresinha para Deus ou para as coisas espirituais" ⁴⁹⁵. Já o teólogo francês, Louis Marie Sylvain destaca que: "a vida e a doutrina de Teresa (de Lisieux) devem muito à contemplação da natureza, até ao ponto, que desde o começo de sua autobiografia, a jovem carmelita escolhe identificar-se como uma florzinha cortada por Jesus (MA 3v)"496. E de

⁴⁹⁵ CAVALCANTE, P. T., Natureza, p. 383.

⁴⁹⁴ LS 85.

⁴⁹⁶ SYLVAIN, L. M., Natureza, p. 667 (tradução nossa).

acordo com Marcos Antônio Araújo: "a Pequena Via da Infância Espiritual une criação e salvação, pois retoma o mistério da encarnação do Filho de Deus e apresenta a sua obra de misericórdia para a redenção"⁴⁹⁷. De fato, lendo os seus escritos, podemos dizer que "Santa Teresinha era uma amante da natureza"⁴⁹⁸. E ao mesmo tempo, na perspectiva da mística encarnada, percebemos que "o corpo e a natureza se integram de várias maneiras na vida espiritual. Integram-se quando, na oração, incorporamos os gestos, as imagens, a música, os perfumes, as cores, os espaços"⁴⁹⁹. Destacando e valorizando este intercâmbio entre espiritualidade e natureza, colocaremos em evidência alguns exemplos bem concretos desta ecoespiritualidade e deste amor à natureza em Teresa de Lisieux.

Quando ela trata da Pequena Via e o reconhecimento de sua pequenez diante da grandeza de tantos santos, ela usa a imagem da montanha e do grão de areia, dizendo: "sempre constatei quando me comparei aos santos que há entre eles e eu a mesma diferença que há entre uma montanha cujo cume se perde nos céus e o grão de areia obscuro pisado debaixo dos pés dos passantes" E quando ela viu o mar pela primeira vez, ficou extasiada: "Jamais me esquecerei da impressão que me causou o mar, não podia deixar de olhá-lo sem parar; sua majestade, o barulho de suas ondas, tudo falava à minha alma da grandeza e da potência do Bom Deus" Já através pôr-do-sol, ela vê uma imagem ou um sinal que se equipara à graça de Deus em sua vida: "À tardinha, na hora em que o sol [...] contemplei longamente esse rastro luminoso, imagem da graça iluminando o caminho que deve percorrer o barquinho de graciosa vela branca..." A sensibilidade humana e espiritual que a santa carmelita trazia consigo lhe permite ver a ação de Deus através de cada sinal da obra da criação. Na mesma direção, como um caminho integrado e integrador com a natureza, como exemplo de uma experiência encarnada podemos

sentir que cada coisa da natureza é sagrada, porque é presente de Deus. Gozar da luz do sol, das diferentes cores. Perceber o calor, a carícia tíbia do ar. Deter-se em perceber a brisa fresca, o céu, o azul infinito. [...] A leitura de uma poesia, deixando-se levar pelas imagens que ela descreve. [...]. Escrever, exprimir o interior. As flores, seus perfumes e cores⁵⁰³.

⁴⁹⁷ ARAÚJO, Igreja-Comunhão, p. 96.

⁴⁹⁸ CAVALCANTE, P. T., Natureza, p. 382.

⁴⁹⁹ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 96.

⁵⁰⁰ TERESA DE LISIEUX, MG 2 v.

⁵⁰¹ TERESA DE LISIEUX. MA 21 v.

⁵⁰² TERESA DE LISIEUX. MA 22 r.

⁵⁰³ FERNÁNDEZ, V. M., Teologia espiritual encarnada, p. 101.

Em Teresinha encontramos também o destaque dos elementos da natureza em sua oração e assim, podemos falar que ela rezava com as obras da criação a partir de suas preces. Um exemplo claro é a oração chamada "Flores Místicas", aqui cada tipo de flor parece inspirar cada pedido da santa:

Rosas Brancas. Ó Jesus! Purificai minha alma para que ela se torne digna de ser vossa esposa. Margaridas. Ó Jesus, dai-me a graça de fazer todas as minhas ações para agradar somente a Vós. Violetas brancas. Jesus, doce e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso! Junquilho. Santa Teresa, minha Mãe, ensina-me a salvar as almas para que me torne uma verdadeira carmelita. Rosas silvestres. Ó Jesus! A vós somente é que sirvo, servindo a minha madre e a minhas irmãs. [...] Jasmim. Ó Jesus, não quero sentir alegria senão em Vós somente. [...] Lírios. Meu Jesus Bem-Amado, sois agora, todo meu e eu sou para sempre vossa pequena Esposa⁵⁰⁴.

As obras completas de Santa Teresinha trazem consigo também suas poesias que estão cercadas de elementos naturais. Destacamos a poesia "Jogar flores" como um exemplo do amor que ela tinha pelos bens da criação:

Jesus, único Amor, ao pé de Teu Calvário,

Que prazer para mim, à noite, jogar flores!...

Rosas primaveris por Ti despetalando,

Quisera enxugar Teu pranto.

Atirar flores é ofertar as primícias

De pequenos gemidos e de grandes dores.

Alegrias e penas, leves sacrifícios,

Estas são minhas flores!...

Com a alma enamorada de Tua beleza,

Quero dar-Te, Senhor, meus perfumes e flores.

E, atirando-as por Ti, sobre as asas da brisa,

Quero abrasar os corações!...

Jogar flores, Jesus, eis aí minhas armas.

Quando quero lutar para salvar pecadores;

Nesta batalha venço... e sempre

Te desarmo

Com minhas flores!...

As pétalas da flor, acariciando Tua Face,

Vão dizendo que é Teu este meu coração.

Compreendes o que diz minha rosa esfolhada. Sorrindo ao meu amor!

Jogar Flores, repetindo Teus louvores,

Só tenho este prazer neste vale de dores...

Daqui a pouco, no céu, estarei com os Teus anjos.

Jogando flores!...⁵⁰⁵

Ao tratar das virtudes, pondo em destaque o amor, Teresa serve-se da imagem de aves, quando diz: "como os passarinhos aprendem a cantar ouvindo os seus pais, assim também as crianças aprendem a ciência das virtudes o canto sublime do Amor Divino, junto das almas encarregas de formá-las para a vida" 506.

⁵⁰⁴ TERESA DE LISIEUX, OR 5.

⁵⁰⁵ TERESA DE LISIEUX. PN 54.

 $^{^{506}}$ TERESA DE LISIEUX, MA 53 r.

Muitos são os exemplos que demonstram o amor à natureza e o uso de seus elementos por Santa Teresa de Lisieux. Não nos resta dúvidas que sua capacidade de escrever, orar e sistematizar um pensamento teológico é enriquecido por meio dos dons da criação. Esta mesma perspectiva e atenção é apontada hoje como fundamental na *Laudato Si* e no estudo ecoteológico. A valorização dos bens da natureza deve conduzir a sociedade contemporânea a uma autocrítica, assim destaca Alfonso Garcia Rúbio:

Na medida em que as comunidades seguem o caminho percorrido por Jesus Cristo, elas se constituem em crítica radical das distorções dos humanismos desenvolvidos pela Civilização Industrial, tais como: [...] a crítica da utilização depredatória da natureza, vista numa ótica meramente instrumental⁵⁰⁷.

Sem dúvidas, ao tratarmos hoje da mística encarnada não podemos desconsiderar a importância de perceber e valorizar a presença e o contato com Deus por meio dos bens da criação, e é, justamente, isso que encontramos na vida e nos escritos da doutora do amor.

4.3 Na vivência do cotidiano

A mística – vivida, desenvolvida e posta por escrito – de Santa Teresa de Lisieux foi sendo, paulatinamente, descoberta na casa de seus pais, em sua família, desde sua infância, mas sobretudo no tempo em que viveu no Carmelo, como já se destacou anteriormente. Contudo, além de ter feito a experiência com Deus a partir de sua tradição cristã (na qual estava inserida), ela vivencia, experimenta e propõe um caminho todo novo dentro da própria perspectiva cristã, tal como uma nova maneira de interiorizar e externalizar a fé cristã. Neste sentido, podemos dizer que a pessoa mística ou "o místico religioso é alguém que nasce em uma tradição e não se contenta em receber o conhecimento do Mistério, mas decide fazer seu próprio caminho em um processo originário"508. Mesmo tendo aprofundado e vivido sua mística em um claustro, sua espiritualidade trouxe e continua trazendo uma forte contribuição para os homens e as mulheres de nosso tempo. Seu itinerário espiritual – onde se reconhece a grandeza de Deus e suas fragilidades – estimula os fiéis de diversas classes e categorias a experimentarem o dom da confiança, do abandono e do amor. Aproximando a Pequena Via dos trabalhos, atividades, obras de

⁵⁰⁷ RÚBIO, G. A., Unidade na pluralidade, p. 171.

⁵⁰⁸ RONSI, F. Q., Mística, lugar de encontro e diálogo inter-religioso, 76.

apostolado, podemos intuir e perceber que seu caminho espiritual pode ser encarnado e desenvolvido em outras realidades.

Na perspectiva de Leonardo Boff, a mística possui duas manifestações distintas. A primeira é denominada "Mística do desnudamento do mundo". Esta é caracterizada por uma "busca de Deus que exclui qualquer outra realidade, sua linguagem é a do silêncio, pois a experiência deve ser vivida e não expressa"⁵⁰⁹. E a segunda, por sua vez, é chamada de "Mística da inserção no mundo" onde "Deus é vivenciado como a profundidade para além de todas as coisas, pois tudo encontra nele a sua existência e é seu sacramento, é caminho para ele, [...] se articula com a especulação e com o discurso altamente simbólico e evocativo da louvação"510. Neste sentido, pode-se perceber que a experiência mística tem a capacidade de lançar o ser humano no mundo, e não, simplesmente, retirá-lo de sua realidade (na qual está inserido). Isto significa que frente ao mundo – com os seus inúmeros desafios - os místicos são postos em diálogo e em missão para comunicar a sua experiência com Deus. E, ao mesmo tempo, ser um místico cristão ou "uma testemunha cristã em um mundo pluralístico inclui o envolvimento em um diálogo com pessoas de diferentes religiões e culturas"511. Assim, "os místicos nos ensinam que experimentar o Mistério de Deus no meio do mundo, conduz a uma paixão ardente por este mesmo mundo e a trabalhar sem cessar por sua redenção e transformação". Na família, na Igreja e na sociedade, como um todo, deve estar presente esta força transformadora que brota da intimidade com Deus. Segundo o Papa Francisco, é próprio do Espírito Santo socorrer o ser humano nas mais diversas situações. E mesmo nessas situações mais desafiadoras há experiência com Deus:

Quando perscrutamos na presença de Deus, nos caminhos da vida, não há espaços que fiquem excluídos. Em todos os aspectos da existência podemos continuar a crescer e dar algo mais a Deus, mesmo naqueles que enfrentamos as dificuldades mais fortes. Mas é necessário pedir ao Espírito Santo que nos liberte e expulse aquele medo que nos leva a negar-Lhe a entrada nalguns aspectos da nossa vida⁵¹³.

Os místicos e místicas, por meio do testemunho e das obras, deixam um rastro de esperança, fé e caridade, irradiando a própria presença de Deus no mundo. Estes são imbuídos a dizer: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl

⁵⁰⁹ BOFF, L., A mística da disponibilidade e da libertação, p. 16.

⁵¹⁰ BOFF, L., A mística da disponibilidade e da libertação, p. 17.

⁵¹¹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. O testemunho cristão em um mundo multi-religioso, 4.

⁵¹² BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 436.

⁵¹³ GE 175.

2, 20). "Sua experiência, não a entendem como algo puramente subjetivo, mas sim como um dinamismo que os impulsiona a influir e criar impacto de novidade e criatividade sobre a realidade e a vida humana"⁵¹⁴. Do mesmo modo, a eminente mística e santa carmelita, Teresa de Lisieux, impulsionada pela graça de Deus, torna-se propagadora desta verdade por meio de sua vida e seus escritos. Como já dito, anteriormente, sua espiritualidade vai para além dos muros do Carmelo. Como um grande sinal da presença de Deus no mundo, observa-se alguns pontos da sua espiritualidade: a vivência do amor no cotidiano e nas pequenas ações; a confiança em Deus como um ato de fé; e abandono nas mãos de Deus como um gesto de esperança. O mundo anseia por uma transformação interior e exterior, por sentido e direção. Os místicos, tal como Teresa de Lisieux podem ser um sinal, uma bússola que indica o caminho que pode ser trilhado.

Neste sentido, pode-se dizer que a espiritualidade tem um papel fundamental e profundo na transformação social. Por isso, nos lembra o Concílio Vaticano II:

A boa-nova de Cristo restaura constantemente a vida e a cultura do homem decaído, combate e remove os erros e os males decorrentes da sempre ameaçadora sedução do pecado. Purifica e eleva incessantemente os costumes dos povos. Com as riquezas do alto ele fecunda, como que por dentro, as qualidades do espírito e os dotes de cada povo e de cada idade, fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo⁵¹⁵.

Uma maneira de ajudar e resgatar o ser humano decaído é, justamente, o caminho da Infância Espiritual. Como já foi exposto, antes, a Pequena Via de Teresa de Lisieux é um modo de se apresentar e vivenciar a chamada "Infância espiritual". Este "termo Infância Espiritual atinge toda a sua legitimidade e a sua razão de ser na nossa filiação adotiva; aí está suas raízes profundas e fecundas. Nós somos *filli in Filio*, filhos e filhas no Filho Jesus. Deus é nosso *Abba*, Pai (Rm 8,15, Gl 4, 6)"⁵¹⁶. A pureza de coração, a vontade de aprender sempre algo novo, a facilidade de esquecer as mágoas, o deixar-se conduzir pelas mãos de outro, são atitudes próprias e naturais de criança, daqueles que são pequenos. Na Infância Espiritual é assim que o místico se encontra diante do mistério de Deus. Deus se apresenta como o sábio instrutor e cuidador que instrui e ajuda os seus pequeninos. Contudo, por conta da marca do pecado, o ser humano, muitas vezes, se percebe e

⁵¹⁴ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 313.

⁵¹⁵ GS 58

⁵¹⁶ MEESTER, C. Infância Espiritual, p. 545.

quer estar acima de tudo e de todos, tal como um adulto soberbo que não aceita ser conduzido, e acaba se deixando levar pela sua natureza corrompida. Para a superação deste mal, a espiritualidade tem um papel singular. Neste sentido, reflete Stefano di Fiores:

Se, de um lado, a presença desagregadora do pecado incide no homem como artífice da cultura, de outro, o cristianismo é força libertadora e purificadora; se, nos ciclos históricos da humanidade, se revela o Espírito de Deus, inspirador dos valores morais, o cristianismo leva à perfeição as bases do progresso ético⁵¹⁷.

Ao mesmo tempo, "isso não significa reduzir o cristianismo a um projeto ético, pois a ética de Cristo não pode ser praticada se não é vivida a partir de uma profunda experiência mística"⁵¹⁸. Assim sendo, uma das maneiras de se viver o cristianismo e ser conduzido por este Espírito é a Infância Espiritual. Por isso, diante do grandioso amor de Deus e da espiritualidade cristã, todos e todas são chamados a ser como crianças que se permitem conduzir por Ele. Além de Teresa de Lisieux, alguns pensadores puderam aprofundar e expressar a sua visão acerca da Infância Espiritual, tal como: Clemente de Alexandria, Juliana Norwich e Gustavo Gutierrez.

Na perspectiva de Clemente de Alexandria (150-215), Deus se apresenta como um "Pedagogo" que deseja conduzir, instruir e zelar pela vida de seus pequeninos. Em sua época, Clemente enfrentou a heresia dos gnósticos. Para estes, ser como criança seria algo pejorativo ou negativo. "Em contrapartida, Clemente contra-ataca invertendo, dizendo que somos, sim, crianças pequenas educadas por Cristo, o nosso Pedagogo, para a plenitude da santidade e por isso devemos ser crianças" ⁵¹⁹.

Nós mesmos honramos a pedagogia com o que há de mais belo e precioso entre os bens deste mundo quando lhe atribuímos um nome cuja etimologia deriva da palavra criança. Chamamos de pedagogia a condução da infância, essa arte que tem por objetivo o estudo da virtude e nos ensina a praticá-la⁵²⁰.

Por sua vez, Juliana Norwich (1342-1416) expõe e aprofunda a ação da graça de Deus usando a imagem de maternidade. Tal como uma mãe cuida de seus filhos, assim Deus cuida de seus pequeninos. Em sua perspectiva, o ser humano é carente do amor cuidador de Deus.

⁵¹⁷ FIORES, S., Espiritualidade contemporânea, p. 345.

⁵¹⁸ CASTILLO, J. M., Espiritualidade para insatisfeitos, p. 10.

⁵¹⁹ ANDRADE, A. L. B., Pequena Via de Santa Teresinha, p. 23.

⁵²⁰ CLEMENTE. Paedagogus, p. 267 (tradução nossa).

Não identifico uma situação nesta vida que seja maior enquanto a debilidade e enquanto a falta de poder e inteligência de nossa infância, até o momento em que nossa Mãe cheia de graça nos leva à felicidade de nosso Pai. E então verdadeiramente saberemos o que Ele desejava dizer com estas doces palavras, com que Cristo diz: 'tudo estará bem, e tu verás por ti mesma que todo tipo de coisas estará bem⁵²¹.

Já o teólogo contemporâneo, Gustavo Gutiérrez (1928-...), entende a infância espiritual como uma "postura de quem aceita o dom da filiação divina e responde a ela forjando a fraternidade"522. E ainda, Gutiérrez, realiza uma aproximação desta temática da Infância Espiritual com a espiritualidade da libertação, identificando os mais pobres como esses pequeninos ou infantes que precisam do amor cuidador do Pai. De acordo com este teólogo latino-americano, quando o ser humano faz a sua experiência com Deus a partir do encontro com o pobre, plenifica-se o sentido do amor. Quando ocorre este encontro, vive-se a Infância Espiritual: "atitude de abertura a Deus, disponibilidade de quem tudo espera no Senhor"523. Desta ação decorre uma profunda experiência de humildade diante de Deus. Gutiérrez aproxima a Infância Espiritual da chamada pobreza espiritual. Na Conferência de Medellín⁵²⁴, a pobreza espiritual é identificada como atitude ou modo de viver daqueles que se abrem a Deus e se reconhecem dependentes ou necessitados de Deus. Os que vivem a pobreza espiritual são os pobres do Senhor que tudo esperam dele. Mesmo possuindo algum bem temporal, reconhecem o valor dos bens eternos dos quais são destinatários e, ao mesmo tempo, dos quais carecem. Neste sentido, afirma Gutiérrez: "o pobre seria, então, não tanto o que não possui bens materiais, e sim aquele que – possuindo-os embora – não está a eles apegado"⁵²⁵. Contudo, além deste desapego do que é temporal ou passageiro, a infância espiritual como um caminho transformador, pode tornar o ser humano comprometido com a solidariedade, com o cuidado com os que mais precisam. Nesta perspectiva, "só repelindo a pobreza e fazendo-se pobre para protestar contra ela, poderá a Igreja

⁵²¹ NORWICH, J. Revelations of Divine Love, p. 63 (tradução nossa)

⁵²² GUTIEÉRREZ, G. Beber no próprio poço, p. 141.

⁵²³ GUTIEÉRREZ, G. Beber no próprio poço, p. 140.

⁵²⁴ Medellín distingue 3 tipos de pobreza: 1ª) A pobreza como carência dos bens deste mundo, necessários para uma vida humana digna é um mal em si. 2ª). A pobreza espiritual, que é o tema dos pobres do Senhor, corresponde à atitude de abertura para Deus, a disponibilidade de quem tudo espera do Senhor. Embora valorize os bens deste mundo, não se apega a eles e reconhece o valor superior dos bens do Reino. 3ª). A pobreza como compromisso, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual frente aos bens do Reino. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que fez suas todas as consequências da condição pecadora dos homens e que sendo rico se fez pobre para nos salvar. (Medellín, 2005, n. 14.4, p. 201).

⁵²⁵ GUTIÉRREZ, G. A verdade vos libertará, p. 236.

pregar algo que lhe é próprio: a 'pobreza espiritual', ou seja, a abertura do homem e da história ao futuro prometido por Deus"526. Deste modo, viver a infância espiritual ou a pobreza espiritual torna-se uma missão exigente, mas ao mesmo tempo comprometida com a mudança das realidades humanas e sociais. Fazer-se pobre, com os pobres para a superação da própria pobreza torna-se um chamado possível aos olhos da mística encarnada. Viver, profundamente, a humildade é um passo fundamental para se repetir as atitudes cuidadoras de Jesus, percebendo sua presença em tantas realidades, tal como ele mesmo descreve no próprio Evangelho: "tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes, nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. [...] cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25, 35-36, 40). Neste sentido, interpelado por este texto, já dizia São João Crisóstomo: "Queres honrar o corpo de Cristo? Não o desprezes quando nu; não o honres aqui com vestes de seda e abandones no frio e na nudez o aflito"527. Viver em Cristo significa repetir ou tornar presente seus gestos e palavras, por meio do testemunho de vida. Deste modo, o mundo com suas múltiplas realidades e desafios (fome, violação de direitos fundamentais, guerras, ideologias, hedonismo etc.), continua a ser destinatário do amor e do Mistério de Deus, pois é esta mesma realidade que precisa ser transformada. "Em alguns contextos, é difícil viver e proclamar o evangelho, há muitos impedimentos ou pode até mesmo ser proibido, mas ainda assim os Cristãos são enviados por Cristo para continuarem fiéis na solidariedade uns com os outros"⁵²⁸. Nesta direção, os Bispos da América Latina e do Caribe destacam no Documento de Aparecida:

Dos que vivem em Cristo se espera um testemunho muito crível de santidade e compromisso. Desejando e procurando essa santidade não vivemos menos, e sim melhor, porque quando Deus pede mais, é porque está oferecendo muito mais⁵²⁹.

O místico encarnado vive e comunica a experiência com Deus em seu tempo, no contexto em que está inserido, tornando-se um sinal de Deus para os homens e as mulheres de sua época. Por meio de atitudes concretas procura comunicar a sua experiência de vida estabelecida com Deus, não somente por palavras, mas com

⁵²⁹ DAp 352.

⁵²⁶ GUTIÉRREZ, G. A verdade vos libertará, p. 248.

⁵²⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Das homilias de São Mateus 50, 3-4.

⁵²⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. O testemunho cristão em um mundo multi-religioso, 5.

gestos de solidariedade, misericórdia e partilha. A preocupação com o bem comum, com a sociedade, com a política, com o progresso dos povos tornam-se presentes diante de seu olhar místico. Nesta dinâmica, vive-se uma mística do cotidiano demonstrada através da compaixão com a realidade na qual se está inserido.

Essa mística da compaixão não tem objetivo exclusivo, uma experiência sem olhos, direcionada ao interior, mas aquela experiência da "interrupção", introduzida pela situação "face a face", na relação com o outro. Ela é, ao mesmo tempo, mística e política. Ela é "mística" na medida em que pode ser o início de uma experiência de Deus, no mínimo uma espécie de "atmosfera de Deus". Ela é e continua sendo ao mesmo tempo "política", porque nessas "interrupções" interpessoais, os outros, feridos e vulneráveis, poderão ser percebidos (tornando-se visíveis) numa última invulnerabilidade, impressa por toda a nossa ação política. Portanto, essa mística política não é uma mística da política ou dos políticos, assim como Jesus não foi um político, mas essa mística é, sim, política, assim como Jesus não é de modo algum, apolítico em sua mensagem⁵³⁰.

A pessoa que vive uma experiência mística encarnada, em sua realidade, tem o desejo de levar o amor de Deus, os valores do Reino e a esperança a tudo e a todos. O próprio sacramento do amor ou da Eucaristia nos conduz nessa direção, como nos lembra Bento XVI: "a 'mística' do Sacramento tem um carácter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes"⁵³¹. Neste sentido, convocando os fiéis à uma fé concreta, o apóstolo João exorta em sua Carta: "Filhinhos não amemos com palavras, nem com a língua, mas com ações e em verdade" (I Jo 3, 18). E ainda, "se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha as entranhas, como permanece nele o amor de Deus?" (I Jo 3, 17). As ações de amor, desde os menores gestos aos mais visíveis, comunicam a autêntica conversão humana. Uma espiritualidade verdadeira e eficaz é aquela que conduz o sujeito a uma transformação. Essa mudança, vivida de maneira substancial, pode ser um sinal de transformação, também, para a sociedade. "A partir de sua experiência do Mistério amoroso de Deus, místicos e místicas enfrentarão os grandes desafios éticos de seu tempo e lugar"532. Por isso, na ótica da espiritualidade da libertação, essa transformação ou conversão não se restringe à pessoa, mas deve reluzir e estar presente na sociedade.

Converter-se é comprometer-se com o processo de libertação dos pobres e explorados, comprometer-se lúcida, realística e concretamente. Não só com generosidade, mas também com análise de situação e com estratégia de ação.

⁵³⁰ METZ, J. B., Mística de olhos abertos, p. 21-22.

⁵³¹ DCE 14

⁵³² BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 313.

Converter-se é saber e experimentar que, contrariamente às leis do mundo da física, só se está de pé, segundo o Evangelho, quando nosso eixo de gravidade passa fora de nós⁵³³.

Dentro da vivência da mística no cotidiano, pode-se observar, também, a chamada "Piedade popular". Longe de ser repreendida ou suprimida, nela pode-se encontrar traços fortes da fé, da devoção, do amor muitas vezes ligados a elementos que envolvem determinada região ou cultura. Neste sentido nos indica o Diretório da Piedade Popular e Liturgia: "A religiosidade popular, que se expressa de formas diversas e diferenciadas, tem como fonte a fé, quando genuína, devendo, portanto, ser apreciada e favorecida" De modo simples, muitas pessoas podem se aproximar de Deus e ter uma experiência com Ele por meio da Piedade popular.

O termo "piedade popular" designa aqui as diversas manifestações cúlticas, de natureza privada ou comunitária, que no âmbito da fé cristã se expressam principalmente, não com os modos da sagrada Liturgia, mas com as formas peculiares derivadas de um povo ou etnia e sua cultura. A piedade popular, justamente considerada um "verdadeiro tesouro do Povo de Deus", manifesta uma sede de Deus que só os simples e os pobres podem conhecer; torna-os capazes de generosidade e de sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestando a fé; envolve um sentimento vivo dos atributos profundos de Deus: paternidade, providência, presença amorosa e constante; gera atitudes interiores, raramente observadas em outros lugares, no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, proximidade com os outros, devoção 535.

A piedade popular é caracterizada pelos gestos devocionais oriundos do próprio povo de determinada região. Estas práticas podem permanecer ligadas a um local específico ou até mesmo se multiplicar por outras regiões. Trata-se de uma experiência de fé vivida de modo mais informal e espontâneo que "integra muito o corpóreo, o sensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas. É uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira"⁵³⁶. Dirigida a Jesus, à Virgem Maria e aos santos, a piedade popular torna-se um modo de levar as pessoas ao sagrado, e viceversa. Olhando Teresa de Lisieux sob o prisma da piedade popular é muito forte a prática de dar ou receber, por exemplo, uma rosa. A origem se dá e fundamenta-se, certamente, a partir da frase da santa carmelita: "uma chuva de rosas lançarei sobre a terra"⁵³⁷, como um sinal de seu amor intercessor e de que sua missão continuaria

⁵³³ GUTIÉRREZ, G. Teologia da libertação, p. 260-261.

⁵³⁴ DPPL 4.

⁵³⁵ DPPL 8-9.

⁵³⁶ DAp 263.

⁵³⁷ TERESA DE LISIEUX. CA 9.6.3

mesmo após a sua morte. Muitas pessoas, de diversas classes, realizam a chamada novena das rosas. Trata-se de nove dias de oração antes do seu dia litúrgico: 1º de outubro. Nela se meditam fragmentos de seus escritos e de sua espiritualidade.

Muitas são as maneiras de perceber a mística no cotidiano, na sociedade, na fé simples do povo de Deus, nos pequenos e grandes gestos do dia a dia, na liturgia. Contudo, o convite a ser testemunha da experiência com Deus deve ressoar com força para o nosso tempo. Por meio do testemunho a experiência de Deus é lida na vida de quem o revela.

4.4 Na formação de testemunhas do Mistério de Deus

Aprofundando e estudando a dinâmica da experiência mística, percebe-se que esta possui uma realidade interna (ad intra) que se refere à experiência pessoal realizada com o Mistério de Deus. E, intimamente, ligada a esta experiência há uma realidade externa (ad extra) que alude ao modo de demonstrar, comunicar e propagar o contato estabelecido com Deus. Nesta dinâmica externa, o testemunho de vida reflete o modo mais sublime de retratar a experiência com Deus. "O testemunho é, pois, o depoimento dessa pessoa que viu, ouviu, experimentou e memorizou o acontecido, o qual é recolhido em juízo para assegurar a veracidade"538. A mística encarnada presente na vida, na história, nas alegrias e tristezas do mundo coloca o ser humano em sintonia com a ação de Deus e o faz testemunhar, de acordo com o Espírito Santo, a sua comunhão com Deus. Em outras palavras, a experiência torna-se ação, vitalidade, decisão, postura, testemunho visível e palpável. Nesta perspectiva, afirma Joel Portella Amado: "o maior, portanto, de todos os sinais do Espírito Santo é a prática do amor, prática marcada pelo serviço, pelo testemunho, pelo acolhimento e pelo anúncio da pessoa e da mensagem de Jesus"539. A vivência coerente e o testemunho sólido desta espiritualidade leva os homens e as mulheres do tempo presente a se lembrar que "o Verbo encarnado quis participar da vida social humana" ⁵⁴⁰. Neste sentido, podemos dizer que "o Espírito Santo torna possível que o Pai e o Filho se comuniquem e se abram, não só dentro da comunidade divina, mas frente ao

⁵³⁸ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 307.

⁵³⁹ AMADO, J. P. Amar como Jesus amou, p. 130.

⁵⁴⁰ GS 32.

homem, ao mundo e ao tempo"⁵⁴¹. Ao corrigir a prática do gnosticismo atual, o Papa Francisco critica uma vivência da fé ou uma espiritualidade que desencarne o Mistério, dissociando-o da vida e da realidade, e por isso afirma o Pontífice:

Graças a Deus, ao longo da história da Igreja, ficou bem claro que aquilo que mede a perfeição das pessoas é o seu grau de caridade, e não a quantidade de dados e conhecimentos que possam acumular. Os "gnósticos", baralhados neste ponto, julgam os outros segundo conseguem, ou não, compreender a profundidade de certas doutrinas. Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo⁵⁴².

Se o ser humano parece tantas vezes alheio ou indiferente à presença de Deus (devido a tantas crises antropológicas, sociais, morais, eclesiais), o testemunho surge como um modo dinâmico, tão antigo e tão novo, para falar de Deus de forma atual e humana. Deste modo, pode-se perceber o Mistério de Deus na vida daquele que o conheceu e já não pode viver de outra maneira, senão de acordo com o amor de Deus que o envolve. Por isso, pode-se dizer que místicos e místicas "são, simplesmente, todos aqueles e aquelas que, entrando no Mistério, vão sendo transformados por Ele"⁵⁴³. Este chamamento se dirige a todas as pessoas, sobretudo aos cristãos, pois como já dizia Karl Rahner: "o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão"⁵⁴⁴.

Siegfried Wiedenhofer destaca que são, basicamente, três as atitudes fundamentais da Igreja que decorrem da experiência com o Mistério de Cristo: "o anúncio da vida nova através da pregação e testemunho (*Martyria*); a celebração dessa vida através do culto divino, sacramentos e oração (*Leitourgia*); o serviço do amor em comunhão fraterna (*Diakonia*)"⁵⁴⁵. O testemunho como atitude fundamental da Igreja é um caminho de credibilidade que confirma a veracidade da experiência realizada com Deus. A palavra testemunho vem da expressão grega *martyria*. Deste modo, a testemunha pode ser entendida como aquela que tendo feito uma experiência concreta com Deus ou em nome de uma causa maior é capaz de entregar a sua própria vida, se preciso for. Perscrutando a própria Sagrada Escritura podemos entender que

⁵⁴¹ MOLTMANN, J., La Iglesia, fuerza del Espírito, p. 79 (tradução nossa).

⁵⁴² GE 37.

⁵⁴³ OLIVEIRA, B., Sol en la Noche, p. 80 (tradução nossa).

⁵⁴⁴ RAHNER, K., O cristão do futuro, p. 78.

⁵⁴⁵ WIEDENHOFER, S. Eclesiologia, p. 97.

Nos Evangelhos, a palavra [mártir] tem o significado original de "testemunha" (Mt 10,18; 10,32ss; Mc 13,9; Lc 12,8ss; Jo 15,13), por isso que, durante a Era das perseguições, vinha a ser um nome concreto daqueles que testificavam sua fé em Cristo até o ponto de dar sua vida por ela⁵⁴⁶.

Assim, "todos estamos chamados a ser testemunhas, mas há muitas formas existenciais de testemunho"547, sobretudo por meio de ações de misericórdia. "A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos"548. São elas corporais e espirituais. Nesta caracterização percebe-se que a misericórdia pode ser um ponto de superação para o dualismo antropológico, pois o ser humano carece tanto no corpo como na alma. Como sinal do amor cuidador de Deus que se dá nas ações temporais, as obras de misericórdia podem ser corporais: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E como sinal da presença de Deus que sonda, ao mesmo tempo a alma humana, o testemunho cristão se dá por obras de misericórdia, também, espirituais: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos. Em Jesus Cristo "a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor. A contemplação destes mistérios, como propunha Santo Inácio de Loyola, leva-nos a encarná-los nas nossas opções e atitudes" 549. Essas são atitudes que tornam presentes as ações de Cristo no mundo hodierno, mesmo que ainda hoje ele seja rejeitado. "Jesus Cristo é a testemunha suprema (cf. Jo 18, 37). O testemunho Cristão é sempre uma partilha que toma a forma de proclamação do reino, de serviço ao próximo e de uma doação total de si mesmo, mesmo que essa doação leve à cruz". Assim pode-se dizer, na ótica da espiritualidade, que

Os místicos – ainda que nem sempre sejam mártires strictu sensu – são aqueles que, dentro da história, consentem em que com e em seus corpos, suas palavras, suas vidas, o divino possa dizer-se e o sentido radical da vida possa ser atestado. São os que, ao risco de um doloroso dilaceramento interior, permanecem entre a verdade

⁵⁴⁶ MANZANARES, C. V., Mártir, p. 296.

⁵⁴⁷ GE 11.

⁵⁴⁸ MV 1.

⁵⁴⁹ GE 20.

⁵⁵⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. O testemunho cristão em um mundo multi-religioso, 2.

que carregam e o mundo que a rejeita; entre a grandeza do que lhe foi dado experimentar e sua própria fragilidade e fraqueza⁵⁵¹.

De maneira providencial, a "História de uma alma" de Teresa de Lisieux, seus demais escritos e seu testemunho continuaram no decorrer da história alcançando outras vidas, que decididamente passam a testemunhar a presença de Deus. "A fonte primordial para o conteúdo da experiência mística é o testemunho dos próprios místicos [...] A biografia do crente é a condição de possibilidade de uma leitura teológica da experiência mística e sua mensagem no mundo de hoje" ⁵⁵². Sua vida e espiritualidade trazem a esperança necessária para outras pessoas. E esta mesma

Esperança se abre como horizonte da existência humana no momento presente. Por isso, comunica paz e segurança ao sujeito, porque lhe testemunha que há futuro para ele. A existência certa deste futuro permite que as pessoas aceitem e assumam, de maneira positiva, o presente em que vivem⁵⁵³.

Muitas são as declarações de pessoas que foram alcançadas por Teresa de Lisieux. Contudo, podemos destacar três místicos que foram envolvidos pelo exemplo de Teresa de Lisieux, são eles: a ativista estadunidense, Dorothy Day; o assassino francês, Servo de Deus Jacques Fesch; e o confessor vietnamita, Servo de Deus Marcel Van. As "biografías são narrativas vivas e concretas de existência pessoais"⁵⁵⁴, por meio delas as experiências místicas são registradas, comunicadas, estudadas, eternizadas. Quando se tratada de uma biografía que traz consigo o relato das maravilhas de Deus, esta se torna, ao mesmo tempo, propagadora da fé, da esperança e da caridade.

Dorothy Day nasceu em 1897 em Nova York, EUA. E viveu grande parte de sua infância em Chicago. Em 1914 começa a estudar jornalismo. Na universidade de Illinois passa a se interessar pelo tema da justiça social. Tal interesse a conduz não somente a um estudo, mas à organização de manifestações, reivindicações de direitos fundamentais. Deste modo, Day se apresenta como uma ativista social, uma sindicalista. Esta foi a forma como ela encontrou para enfrentar as desigualdades e ajudar de algum modo os que mais precisavam (desempregados, pobres, crianças etc.). No ano de 1917 encontra trabalho no Jornal socialista (The Call) que, por sinal, se posicionava contra a Guerra que ocorria no continente europeu. Neste ano

⁵⁵¹ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 313.

⁵⁵² BINGEMER, M. C. L., Mística e profecia no feminino, p. 152.

⁵⁵³ BELLOSO, J. M. R., Esperança. p. 227.

⁵⁵⁴ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 374.

Foi levada para prisão pelo fato de ser uma das quarentas manifestantes diante da Casa Branca a protestar contra a exclusão das mulheres do direito de votar. Chegando à casa de detenção as mulheres foram tratadas com brutalidade, respondendo com uma greve de fome. Tempos depois, foram finalmente libertadas por ordem presidencial⁵⁵⁵.

Com os olhos abertos frente aos desafios de sua época, em procura de ações que pudessem solucionar as injustiças e movida por ímpeto interior, "Dorothy Day era certamente uma revolucionária, mas consistente com sua desejada e louvada revolução do coração"556. Em 1927 tem a sua filha: Tamar Teresa. E neste mesmo ano passa a experenciar um processo de iniciação cristã, recebendo o sacramento do Batismo. A parit desse momento, começa a demonstrar o seu desejo de abandonar a influência do ateísmo sobre a sua história e de viver os conselhos evangélicos, ao dizer: "eu queria ser pobre, casta e obediente. Eu queria morrer para viver, para deixar o homem velho e vestir Cristo"557. Todavia, "sua decisão de batizar a filhar e abraçar por sua vez a fé católica teve um enorme custo pessoal para Dorothy: o fim de sua união com o homem a quem amava e a perda de vários amigos e companheiros"558. Em 1932, funda o Movimento Operário Católico, "tratava-se de alguém que conseguia combinar uma atitude progressista na defesa dos direitos humanos, sociais e econômicos com um sentido muito ortodoxo e tradicional da moralidade e da piedade católica"559. "A figura de Dorothy Day é de uma mulher mística, mas também de alguém que assume em sua vida, antes mesmo da definição conciliar, a vocação laical. Isto é, vive uma vida coerente com o evangelho de Jesus"560.

Diversos aspectos sobre a vida de Day podem ser estudados. Contudo, podemos estabelecer uma relação entre Dorothy Day e Teresa de Lisieux. A santa carmelita teve uma grande importância e influência na vida e apostolado de Day.

Muitas posições que abraçou, com o risco da própria integridade física e da própria vida, foram proféticas e revolucionárias, mas sempre emanadas do coração do Evangelho e do exemplo dos santos, tais como São Francisco de Assis e Santa Terezinha de Lisieux⁵⁶¹.

⁵⁵⁵ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 375.

⁵⁵⁶ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 378.

⁵⁵⁷ DAY, D. The long loneliness, p. 149 (tradução nossa).

⁵⁵⁸ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 381.

⁵⁵⁹ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 378.

⁵⁶⁰ COSTA, H. M. B.; MARIANI, C. M. C. B., Dorothy Day, p. 93.

⁵⁶¹ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 391.

Dorothy Day, foi uma profunda devota da santa do Carmelo e escreveu um livro sobre Santa Teresa do Menino Jesus, chamado "Therese: The Life of Therese of Lisieux" 562. Fruto de muita dedicação e estudo por parte de Dorothy, ela consegue captar o coração da mensagem de Teresa de Lisieux e de seu Pequeno Caminho. Quando Dorothy escreveu sobre ela, Teresinha já era conhecida no mundo como a Santa do Pequeno Caminho. Em sua obra sobre a santa de Lisieux: "Dorothy delineou as consequências sociais do Caminho Teresinha de forma criativa, escrevendo [..] para aqueles que podem ser tentados a serem vencidos pelo niilismo e pelo desespero em um mundo onde se sentem despojados" 563. Também, por isso, toda a "sua ação era entendida por ela como fruto da ação de Deus no seu interior. Eis a razão do porquê, em seus anos de maturidade, ter feito muitos retiros, e realçando a enorme importância da oração diárias e da vida sacramental" 564. Day interioriza o entendimento de Teresa de Lisieux que todos podem ser santos, e consequentemente, podem transformar a realidade onde estão situados. Desta maneira, afirma Dorothy Day:

Numa época em que existem tantos medos sérios sobre as partículas radioativas que foram espalhadas pelo mundo a partir dos testes de bombas de hidrogênio e nos perguntamos: que efeito elas terão na vida física do universo? Pode-se dizer que este santo, de hoje, está liberando uma força, uma força espiritual, no mundo para enfrentar esse medo e esse desastre. Sabemos que um impulso de graça tem um poder mais infinito do que uma bomba de cobalto⁵⁶⁵.

Dorothy Day se deixa envolver pela mística de Teresa de Lisieux. Sente-se interpelada em encarnar em seu contexto de lutas: o Pequeno Caminho da santa Carmelita. Day, como uma boa mística contemporânea, vive "articulando a dimensão mística, contemplativa, e a dimensão ética, o compromisso com a justiça e o amor efetivo, especialmente em relação aos mais pobres e excluídos dos seres humanos"⁵⁶⁶. O amor a Deus e ao próximo e a dedicação nas pequenas coisas servem de inspiração para suas reivindicações e de críticas às omissões:

Para Dorothy, o significado do Pequeno Caminho incluía tanto boas ações quanto atos de amor, mas também pecados de omissão: "O significado de nossos menores atos! O significado das pequenas coisas que deixamos inacabadas! Os protestos que não fazemos, as atitudes que não tomamos, nós que estamos vivendo neste

⁵⁶² DAY, D. Therese: The Life of Therese of Lisieux (Springfield, Illinois: Temple-gate Press, 1960).

⁵⁶³ ZWICK, L.; ZWICK, M. Dorothy Day y Santa Teresita de Lisieux: El poder del caminito de amor. (tradução nossa).

⁵⁶⁴ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 392.

⁵⁶⁵ ZWICK, L.; ZWICK, M. Dorothy Day y Santa Teresita de Lisieux: El poder del caminito de amor. (tradução nossa).

⁵⁶⁶ RÚBIO, A. G., A caminho da maturidade na experiência de Deus, p. 202.

mundo! Dorothy relacionou o Pequeno Caminho com os protestos dos trabalhadores católicos e as tentativas de responder ao sofrimento do mundo⁵⁶⁷.

De maneira profunda e surpreendente, outro grande místico é atingido pelo testemunho de Teresa de Lisieux, trata-se do Servo de Deus Jacques Fesch. Nasceu em 1930, em Saint-Germain-en-Laye, França. Era filho de um banqueiro ateu, que viveu distante da família e se divorciou da esposa. Foi educado no catolicismo por sua mãe, mas deixou a fé de lado ainda na adolescência. Em sua juventude serviu o exército francês, sendo enviado para a Segunda Guerra Mundial, inclusive. Ao voltar da Guerra, casou-se e teve uma filha. No âmbito profissional passou a trabalhar em um banco. No entanto, inquieto e deprimido, pretendendo fugir das responsabilidades, decide em 1954 viver uma aventura de viajar mundo afora e abandona tanto o trabalho como a sua família. Muito preso às seduções mundanas, se entrega tanto à prostituição como à bebida. Sem dinheiro, comete um assalto com o intuito de comprar um barco que o levasse mar a dentro em sua aventura intempestiva. Neste assalto, ele mata um policial com três tiros. O crime choca a França e Fesch é preso e condenado à morte por guilhotina.

No tempo da prisão, um advogado é designado para acompanha-lo, Dr, Paul Baudet. Este era um advogado católico, carmelita secular que a todo o custo tanta levar a Palavra de Deus e a força da oração àquele assassino, tendo em vista a sua conversão. Decidiu lutar não apenas para salvar a vida temporal de seu cliente, mas, sobretudo para salvar sua alma. Todavia, Jacques Fesch, na ocasião, debocha de sua fé. Dentre tantas tentativas, Baudet apresenta a Jacques Fesch a História de uma alma de Teresa de Lisieux e lhe explica o Pequeno Caminho. Depois de muita resistência, dentro da cela da prisão, ele vive uma forte experiência com Deus. Na noite de 28 de fevereiro de 1955, Fesch teve sua conversão, ele relata em seu diário espiritual (escrito de modo especial à sua filha):

Estava deitado, olhos abertos, realmente sofrendo pela primeira vez na vida. Repentinamente, um grito saiu de meu peito, uma súplica por ajuda – Meu Deus – e, como um vento impetuoso que passa sem que soubesse de onde vem, o Espírito do Senhor me agarrou pela garganta. Tive a impressão de um infinito poder e de uma infinita bondade que, daquele momento me fez crer com convicção que nunca estive abandonado. Comecei a rezar e a dirigir os meus passos ao Senhor, com uma vontade alimentada por graças poderosíssimas ⁵⁶⁸.

⁵⁶⁷ ZWICK, L.; ZWICK, M. Dorothy Day y Santa Teresita de Lisieux: El poder del caminito de amor. (tradução nossa).

⁵⁶⁸ FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus, p. 84-85. O nome atribuído a este diário espiritual: "Em cinco horas verei a Deus" remonta a última noite antes do cumprimento da sentença de morte. Nesta

A partir de então, Jacques Fesch já não seria mais o mesmo. A presença de Deus em sua vida tudo transforma. Ele estava preso, mas a Palavra de Deus era livre (cf. II Tm 2, 9) e capaz de sustentá-lo a todo tempo. Inspirado por Teresinha, Jacques Fesch, identifica-se com Pranzini (assassino por quem Santa Teresinha intercedeu) e decide percorrer o seu Pequeno Caminho, mesmo sabendo que a sentença de morte estava por vir.:

Eu sou um pequenino e bem fraco filho e, aos que são fracos, Jesus compraz-se em fortificá-los e amá-los ainda mais, pelo próprio fato da sua fraqueza. Por isso, não há motivo para ter medo. Só que, se as criancinhas são fracas, têm o dom de acreditar em tudo o que se lhes diz e de pôr toda a sua confiança naqueles que as amam sem restrição alguma⁵⁶⁹.

Este jovem, agora convertido, trazia uma certeza em seu coração: por meio da confiança, do abandono e da esperança, ele não caminhava para a morte, mas para o encontro com Deus. Na prisão, ele experimenta um amadurecimento humano e espiritual, se abre a graça do amor misericordioso de Deus e supera a culpa e o pecado. "É à luz e ao calor desse amor que a negatividade do pecado e a realidade da culpa são vistas [...] amadurecendo na experiência do Deus cristão, vive o reconhecimento do pecado e o caminho da conversão"⁵⁷⁰.

Apoiando-se na força de duas mulheres, ele percorre o seu caminho para Deus: "coloquei a minha mão direita na de Nossa Senhora e a esquerda na de Santa Teresinha. Com as duas não me arrisco a nada; ao menor perigo, elas próprias me atrairão a elas, como se faz a uma criança que aprende a caminhar" Ele agora tendo realizado sua experiência com Deus, se torna testemunha daquilo que ocorre nos corações que se deixam interpelar pela sua infinita misericórdia. E assim pôde desejar, com um coração transfigurado: "Quero que o Menino Jesus me leve com Ele, muito, muito alto" Jacques Fesch entende que o modo que Deus se serviu para conduzi-lo foi, justamente, a Pequena Via, e assim, afirma: "É verdade que não é esta a pequena via e que, a exemplo de Santa Teresa, eu devo aplicar-me à confiança, sem procurar, como recompensa, uma resposta tangível e absolutamente

noite, Fesch tem a certeza que, não por seus méritos, mas através da confiança, do abandono e do amor misericordioso de Deus, ele veria a Deus.

⁵⁶⁹ FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus, p. 211.

⁵⁷⁰ RÚBIO, A. G., A caminho da maturidade na experiência de Deus, p. 203.

⁵⁷¹ FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus, p. 153.

⁵⁷² FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus, p. 155.

desproporcionada com os meus miseráveis méritos"⁵⁷³. Tendo se arrependido profundamente, recebido a força dos últimos sacramentos e o testemunho amigo dos santos (de modo especial, Teresa de Lisieux), Jacques Fesch em 1° de outubro de 1957 é levado à guilhotina, horas antes ele escreve em diário espiritual:

Recitei o meu Terço. Que paz, que extraordinária lucidez de espírito! Sinto-me leve, leve, e todo o temor está de momento afastado. Já não estou só, mas meu Pai está comigo. Mais cinco horas para viver! Dentro de cinco horas, verei Jesus. Como Nosso Senhor é bom! Ele nem sequer espera pela eternidade, para recompensar os seus eleitos. Atrai-me já, bem docemente, para Ele, dando-me esta paz, que não é deste mundo. [...] Feliz aquele que põe sua confiança no Senhor. Jamais será confundido! A paz foi-se, para dar lugar à angústia!⁵⁷⁴.

Um outro grande místico que pôde ser alcançado pelo testemunho de Teresa de Lisieux é Marcel Van (Joaquim Nguyen Tan Van). Nasceu no Vietnã em 1928, no seio de uma família cristã católica. Seu pai era alfaiate e sua mãe trabalhava no campo e, também, era parteira. Desde pequeno foi formado de acordo com a piedade cristã. Aos treze anos faz um voto pessoal consagrando sua virgindade a Deus. Posteriormente, entra no seminário para a formação em vista do sacerdócio. Trazia um forte desejo de viver a santidade de vida, "mas a vida dos santos que ele havia lido até então o desanimara. Nunca, a pobre e fraca criança, poderia praticar jejuns, mortificações físicas e outras penitências ascéticas impostas pelos padres do deserto e tantos outros grandes santos". Em certa ocasião, em oração, pediu à Santíssima Virgem que lhe indicasse um livro que lhe acompanhasse, tendo alguns volumes sobre uma mesa, propôs-se a ler aquele sobre o qual seu dedo indicador pousasse primeiro, ao acaso. De olhos fechados ele aponta "História de Uma Alma" de Santa Teresa de Lisieux. Pouco a pouco, por meio da leitura do texto sua vida foi sendo edificada pela vida e exemplo de Teresa de Lisieux. Além disso, ele tinha a graça de vivenciar um fenômeno místico extraordinário: "Marcel Van recebeu de Deus a graça de ter uma comunicação sobrenatural através de locuções interiores com Santa Teresinha, a quem considerava uma irmã espiritual"⁵⁷⁶. Certa vez ele pôde ouvir:

Sim, é sua irmã Teresa, que está aqui. Assim que ouvi sua voz, entendi de imediato seu coração simples e puro. Venho responder às suas palavras que ressoaram em meu coração. Irmão mais novo! De agora em diante, você será pessoalmente meu irmão mais novo, da mesma forma que me escolheu pessoalmente para ser sua irmã mais velha. Deste dia em diante, nossas duas almas não estarão mais separadas por

⁵⁷³ FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus, p. 155.

⁵⁷⁴ FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus, p. 218.

⁵⁷⁵ PEÑA, A., A vida do servo de Deus Marcel Van, p. 63.

⁵⁷⁶ PEÑA, A., A vida do servo de Deus Marcel Van, p. 65.

nenhum obstáculo, como antes; elas já são um no único Amor de Deus A partir de agora, comunicarei a você todos os meus belos pensamentos sobre o amor⁵⁷⁷.

De modo ordinário (por meio da leitura de História de Uma Alma) e de maneira extraordinária (por meio da alocução interior), Marcel Van sente crescer sua intimidade com Deus, por intermédio da presença de Teresa de Lisieux em sua vida. Contudo, em julho de 1954, o Vietnã do Norte foi cedido aos comunistas. Por conta da perseguição religiosa o seminarista Marcel Van é levado para o campo de concentração. A partir de então, seria, precisamente, neste local hostil o seu campo de apostolado, onde continuaria a percorrer o seu Pequeno Caminho. Cresce em seu coração o desejo de ser mártir, como uma verdadeira testemunha de Cristo: "Tenho sede de morrer por amor ao meu Amado Jesus. Já não importa que tipo de morte seja. [...] Atualmente, não tenho medo de nenhuma tortura, por mais cruel que seja" Por meio da confiança e do abandono nas mãos de Deus, ele vive seu caminho de cruz sem tirar os seus olhos da sua esperança maior: o Senhor que vem ao seu encontro. Consumido e debilitado pela tuberculose, ele morre em 10 de julho de 1959.

Sem dúvidas, ao inclinar o nosso olhar sobre a vida de Teresa de Lisieux vemos, em sua trajetória e obra, um testemunho vivo como um verdadeiro sinal da presença misericordiosa de Deus. Fruto da uma profunda união com o Mistério de Deus, esse testemunho é resgatador, vai ao encontro, sobretudo, dos que mais precisam, tal como os místicos que acabamos de destacar (Dorothy Day, Jacques Fesch e Marcel Van). A força da mística desta santa carmelita perpassa o tempo e os lugares e se encarna nos mais diferentes contextos. Aqueles que se deixam interpelar e envolver por sua espiritualidade tornam-se capazes de dar respostas concretas de fé, também, onde estão inseridos. Deste modo, a Pequena Via é, claramente, um caminho de testemunho cristão. Quem a percorre transmite a fé, a esperança e a caridade, fazendo-se pequeno e proclamando a grandiosidade da misericórdia de Deus. Assim podemos dizer que o itinerário de Teresa de Lisieux apresenta-se como um caminho místico capaz de formar outros místicos e místicas.

⁵⁷⁷ PEÑA, A., A vida do servo de Deus Marcel Van, p. 66.

⁵⁷⁸ PEÑA, A., A vida do servo de Deus Marcel Van, p. 108.

5 Conclusão

Após este itinerário de pesquisa e estudo, durante o qual procurou-se compreender os desafios e os anseios do coração humano, pôde-se perceber que a teologia tem a capacidade de trazer contribuições consideráveis tanto para a reflexão quanto para ação humana. Sendo assim, "não há dúvida de que o estudo da teologia é um fator muito positivo no desenvolvimento da vida cristã espiritual"⁵⁷⁹.

A proposta de nosso trabalho tendeu por demonstrar a importância da espiritualidade cristã para a vida humana, manifestada na vida de Teresa de Lisieux. Por meio de uma leitura com chave antropológica, foi possível considerar que "o homem é habitado por uma lacuna fundamental que ele procura sem cessar preencher. Ele faz a experiência de sua transcendência em relação a si mesmo, pois quer, sem cessar, ultrapassar-se"580. Em resposta a esta necessidade humana, Deus por amor se revela, deixando-se conhecer. Assim, "impelido por um amor sem medida, Deus quis fazer-se próximo ao homem que busca a própria identidade, e caminha com ele"581. Desta maneira, ocorre a experiência com Deus que é transformadora e plenificadora. Esta experiência, "muitas vezes, é descrita com sentimentos de união, sentido de totalidade, saída de si mesmo, vida purificada e renovada, satisfação e gozo. O homem entra em união com o maior, o mistério, o tudo que o envolve"582. Homens e mulheres de todos os tempos, em decorrência desta união, profunda, com Deus tornam-se destinatários e testemunhas do Mistério do Deus Vivo.

Neste sentido, de modo particular, nosso interesse convergiu para o aprofundamento da espiritualidade de Santa Teresa de Lisieux, traduzida em sua Pequena Via. Certamente, "muito já se escreveu sobre Santa Teresinha do Menino Jesus e muito ainda se escreverá, pois resta muito a escrever. A razão é simples: quanto mais se escava em sua alma, mais se encontra, junto às coisas conhecidas, filões novos, ricos"⁵⁸³. Em resposta à esta autêntica reflexão, a presente pesquisa

⁵⁷⁹ SALVADOR, F. R., Compêndio de teologia espiritual, p. 28.

⁵⁸⁰ SESBOÜÉ, B., O homem, p. 62.

⁵⁸¹ DOV 2.

⁵⁸² FIORES, S. Espiritualidade contemporânea, p. 342.

⁵⁸³ BERARDINO, P. P., Ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha, p. 10.

procurou pontuar e considerar possíveis contribuições da espiritualidade de Teresa de Lisieux, sobretudo para o tempo atual. Foi possível percorrer e descrever a experiência de Deus em Teresa de Lisieux nas suas diversas características e expressões. Dentre elas, destaca-se tanto o caráter imanente, quanto o transcendente em seu itinerário místico. Em sua busca pela santidade, é constatado que as suas limitações e debilidades humanas não a impedem de estar mais próxima de Deus, muito pelo contrário, a aproximam ainda mais dele. "Na descrição desta Via, Teresa de Lisieux não fala a partir de conceitos, mas de sua própria experiência de vida"584.

A partir do tema proposto "A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux: um caminho humano-espiritual para uma Mística Encarnada", nossa pesquisa teológica foi desenvolvida constatando e reconhecendo, de modo geral, as possíveis contribuições que a experiência mística pode trazer ao ser humano. As conclusões a que chegamos decorrem de um processo de leitura e estudo das obras de Teresa de Lisieux e seus comentadores, bem como, de outras produções acadêmicas da teologia, buscando fundamentações na Sagrada Escritura e nos documentos magisteriais. Embora se trate de um itinerário vivido, percorrido, desenvolvido e transmitido por uma monja de clausura, ele pode ser trilhado por todos aqueles que confiantemente se lançam no amor misericordioso de Deus. Partindo do princípio de que "a experiência mística no cristianismo é experiência de um Deus encarnado"585, foi possível realizar uma aproximação da experiência de Teresa de Lisieux, expressa na Pequena Via, com a mística encarnada. Tendo uma visão geral deste trabalho, é possível destacar algumas constatações e propostas da contribuição da espiritualidade de Teresa de Lisieux para determinados desafios humanos e sociais, como se vê, a seguir.

Diante de um mundo hedonista e antropocentrista, o caminho de Teresa de Lisieux apresenta-se como um modo de Kenosis (esvaziamento de si mesmo), que parte ao encontro do outro, fazendo o ser humano sair de si próprio. Assim, como o Verbo Encarnado faz-se um ser para o outro, a pessoa transformada pela experiência de Deus também nutre este mesmo desejo.

Diante um mundo consumista, onde o ter, o poder e o prazer parecem mover a atenção humana, a Pequena Via deseja ser um itinerário de desapego e despojamento, sobretudo das coisas que não trazem as verdadeiras alegrias, nem

 ⁵⁸⁴ GARCIA, C. En el corazon de la fe, p. 5 (tradução nossa).
 ⁵⁸⁵ BINGEMER, M. C. L., Ser cristão hoje, p. 152.

suprem as exigências do coração. Para abandonar-se, inteiramente, nas mãos de Deus faz-se necessário abandonar os apegos e as dependências más que fazem mal à vida humana.

Diante de um mundo que carece de sentido e direção, o Pequeno Caminho de Teresa de Lisieux comunica a confiança que deve ser direcionada a Deus, que não está alheio à nossa realidade e condição. Por meio da confiança filial renova-se o sentido de viver. O ser humano se abre ao infinito, transcendendo as dificuldades do tempo presente, renovando a sua esperança.

Diante de um mundo racionalista, onde tudo precisa passar pelo crivo da razão, também o pensar sobre Deus corre o risco de se tornar algo, simplesmente, abstrato. Deste modo, a espiritualidade de Teresa de Lisieux, em contrapartida, valoriza tanto a contemplação quanto a ação. Tendo o testemunho de vida como uma das formas mais sublimes para se falar de Deus.

Diante de um tempo, onde se enaltece o poder e o domínio sobre os outros, a Pequena Via propõe os gestos virtuosos de simplicidade e humildade no serviço aos irmãos e irmãs.

A mística, e sobretudo a chamada mística encarnada, torna-se um modo sublime de se aprofundar e viver o Mistério do Deus Vivo que continua a atuar na história. Em cada um dos capítulos da presente pesquisa, houve contribuições importantes acerca dos assuntos tratados, como pode-se perceber a seguir.

No segundo capítulo, intitulado "Santa Teresa de Lisieux: uma mística para o seu tempo e para o tempo atual" reconhece-se a santa carmelita como uma resposta de Deus para a sua época e para a hodierna. Nesta parte da pesquisa é destacada a sua inserção na história e sua reação renovadora. Em tempos de pósrevoluções europeias, Teresa de Lisieux traz consigo uma "Revolução do amor", recordando a face misericordiosa e bondosa de Deus em um tempo em que se sofria, fortemente, com o rigorismo jansenista. Esta foi uma forte contribuição da santa carmelita para a espiritualidade cristã. Também no período atual (pós-moderno), caracterizado pelos desafios oriundos do antropocentrismo, do hedonismo, do consumismo e do vazio existencial revelam um século que carece de sentido e esperança. Em resposta a essas necessidades, há aqueles que ensinam os homens e mulheres a terem esperança e direção, são os santos e santas de Deus. Dentre estes, destaca-se Teresa de Lisieux que identifica o caminho da esperança como o caminho da santidade. Este caminho demonstra-se importante para a transcendência

frente aos desafios presentes, mas ao mesmo tempo inspirador para o enfrentamento diante dos males que devem ser superados. À luz da vida de Teresa de Lisieux, pode-se concluir, também, que as famílias de hoje continuam sendo chamadas a serem uma "Igreja Doméstica", onde a fé seja transmitida e vivida, sendo assim uma autêntica escola dos valores humanos e dos Mistérios de Deus. Ao olhar para sua entrada no Carmelo, recorda-se que o discipulado como seguimento de Jesus Cristo deve ser amadurecido em meio às alegrias e tristezas, oportunidades e contrariedades. Como padroeira das missões, a santa carmelita lembra toda a Igreja que há algo em comum entre todas as vocações: o amor. Este deve ser cultivado e propagado na missão. Como doutora da Igreja, Teresa de Lisieux, oferece uma síntese amadurecida da espiritualidade da fé cristã, unindo teologia e vida espiritual.

Já no terceiro capítulo nominado, "A Pequena Via de Santa Teresa de Lisieux: um caminho todo novo", parte-se da premissa que o ser humano é marcado e transformado pelas experiências que ocorrem em sua vida. Não diferente, é o que se dá na experiência com Deus. Neste sentido, é identificada e analisada a experiência mística de Teresa de Lisieux demonstrada em sua Pequena Via. Assim, pôde-se perceber que esta foi uma maneira simples e acessível da santa carmelita retratar e comunicar a Infância Espiritual tão presente no Evangelho. Além disso, a Pequena Via é fruto de uma busca, autêntica, pela santidade. É uma via de reconhecimento das limitações humanas. É uma via de superação das próprias imperfeições. É uma via que se descobre à luz da Palavra de Deus, de modo particular nos textos de Provérbios 9, 4 e Isaías 66, 12-13. Trata-se de um caminho que não subtrai a humanidade, mas demonstra sua vitalidade intimamente unida a fé. Neste sentido, a Pequena Via demonstra-se no peregrinar humano através da força da confiança, do abandono e do amor misericordioso. No estudo da espiritualidade, a Pequena Via traz traços característicos importantes. Tais como: a primazia do amor, a confiança e o abandono filial, a humildade e a simplicidade e a fidelidade nas pequenas coisas. Tais características apontam que o seu caminho espiritual pode ser vivido e percorrido por todas as pessoas, desde as maiores às menores. Não se trata de um caminho difícil de ser assimilado e acolhido. Não se trata de um caminho com multiplicidade de mortificações violentas, nem carismas extraordinários, nem métodos rigorosos de oração. Portanto, sua Pequena Via torna-se um sinal de inspiração para todos aqueles que desejam estar mais próximos de Deus.

E no quarto capítulo, intitulado: "Mística Encarnada: uma resposta para o nosso tempo", partindo do conceito de mística e da presença do Mistério de Deus entre os homens foi apresentada a dinâmica do homo mysticus que busca a Deus e que se torna destinatário da autocomunicação divina. Tendo em vista o caminho e o testemunho de vida de Teresa de Lisieux, na presente pesquisa foi possível demonstrar as contribuições do pensamento da santa carmelita para a fraternidade universal. Considerando o uso e a importância dos elementos da natureza nos escritos e na mística da santa carmelita, foi possível elucidar a importância da sua espiritualidade como um fator inspirador para o cuidado da "casa comum". Levando em conta os elementos característicos da Pequena Via, tais como: a primazia do amor e a fidelidade nas pequenas coisas, foi possível demonstrar que sua Pequena Via é um modo impulsionador para a vivência da mística do cotidiano. Dando importância à sua espiritualidade e aos seus escritos foi explicitado que ela se torna testemunha do Mistério do Deus Vivo para outras pessoas, que de acordo com seus respectivos contextos, época e estado de vida puderam viver também um caminho místico, inspirados pela Pequena Via. Para isso, foi demonstrado o testemunho de vida de Dorothy Day, Jacques Fesch e Marcel Van.

Desta maneira, podemos concluir que se o ser humano e o mundo que tantas vezes carecem de esperança podem encontrar um porto seguro na fé, na esperança e no amor daqueles que apontam, com a vida, algo superior. Estes são os santos e santas de Deus, os místicos e místicas. Dentre eles, damos ênfase à Santa Teresa de Lisieux que por meio de sua Pequena Via propõe um caminho inspirador de santidade. Assim, "Teresa é a santa da esperança. Com a vida dela percebemos como Deus pode irromper na vida de uma pessoa e exercer nela a sua ação libertadora"586. Desejando que muitos pudessem fazer a sua experiência pessoal com Deus, de modo especial, os mais pequeninos, ela pôde propagar uma espiritualidade simples e profunda, viva e real, encarnada e inspiradora. Sua voz perpassa as grades do Carmelo, ressoa no mundo e convida seus destinatários a dizer, como ela: "o que agrada a Deus em minha pequena alma é que eu ame minha pequenez e minha pobreza, é a esperança cega que tenho em sua Misericórdia... Eis o meu único tesouro"587.

⁵⁸⁶ MEESTER, C., De mãos vazias, p. 13. ⁵⁸⁷ TERESA DE LISIEUX. CT 197.

6 Referências bibliográficas

ABRÃO, Bernadete Siqueira et al. **Enciclopédia do Estudante**: história da filosofia: da antiguidade aos pensadores do século XXI. 12. ed. São Paulo: Moderna. 2008.

AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Paulus, 1997.

ALVAREZ, T., Teresa de Jesús. In: **NUEVO Diccionario de Santa Teresa de Lisieux**. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 885-900.

AMADO, J. P. Amar como Jesus amou – Vida segundo o Espírito. In: AMADO, J. P.; RÚBIO, A. G. (Orgs.). **Espiritualidade Cristã em tempos de mudança.** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 125-138.

ANCILLI, E. **Diccionario de espiritualidad.** Tomos I, II e III. Barcelona: Herder, 1987.

ANDRADE, A. L. B., **Pequena Via de Santa Teresinha:** caminho de cura e santidade. São Paulo: Sagrada Família, 2021.

ARAÚJO, M. A. **Igreja-Comunhão** "Uma Multidão de Fiéis". Eclesiologia de Teresa de Lisieux, uma releitura à luz do Concílio Vaticano II. Rio de Janeiro, 2013. 398p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ATANÁSIO, A Encarnação do Verbo. São Paulo: Paulus, 2002.

AZCUY, V. **Teresa de Lisieux:** La Teología Existencial de una mujer. In: Teología, Buenos Aires. n. 69. 1997/1. p. 97-120.

AZEVEDO JÚNIOR, P. R. **O abandono**. Disponível em: https://padrepauloricardo.org/aulas/o-abandono>. Acesso em: 13 out. 2022.

BALTHASAR, H. U. Teresa de Lisieux: Historia de una misión. Barcelona: Herder, 1957.

BALTHASAR, H. U. Two sisters in the spirit. Thérèse of Lisieux & Elizabeth of The Trinity. San Francisco: Ignatius Press, 1992.

BENEDETTO XIV. **De Servorum Dei Beatificatione et beatorum canonizatione** Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

BENTO XVI, PP. Carta Apostólica Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja universal. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html. Acesso em: 19 dez. 2022.

BENTO XVI, PP. Carta Encíclica *Spe Salvi* sobre a esperança cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI, PP. **Dionísio Areopagita** (Audiência Geral em 14/08/2008). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080514.html. Acesso em: 21 mar. 2022.

BENTO XVI. Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* sobre a **Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI, PP. **Teresa de Lisieux – doutora da Igreja.** Discurso da Audiência Geral em 06/04/2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110406.html Acesso em: 09 jun. 2022.

BERARDINO, P. P. Ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus. São Paulo: Molokai, 2020.

BERARDINO, P. P. Experiência de Deus em Santa Teresa de Lisieux. São Paulo: Paulinas, 2008.

BERNARD, C. A. Teología Espiritual. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, M. C. L. **Experiência de Deus** - a busca por uma identidade. Atualidade Teológica, v. VI, n.11, p. 241-255, 2002.

BINGEMER, M. C. L. **Jesus Cristo:** Servo de Deus e Messias glorioso. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2008.

BINGEMER, M. C. L. **Mística e profecia no feminino:** notas para ler algumas místicas contemporâneas. Revista Rhema de Filosofia e Teologia, Instituto teológico arquidiocesano Santo Antônio, Juiz de Fora, v. 15, n. 48, 49, 50, p. 149-180, 2011.

BINGEMER, M. C. L. **Mística, espiritualidade e pandemia.** ESPAÇOS - Revista De Teologia E Cultura, 28(2), p. 257–269, 2020.

BINGEMER, M. C. L. **O mistério e o mundo:** Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BINGEMER, M. C. L. **Santidade:** chamado à humanidade. São Paulo: Paulinas, 2019.

BINGEMER, M. C. L. Ser cristão hoje. São Paulo: Ave Maria, 2013.

BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. **Deus Trindade:** a vida no coração do mundo. São. Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2009.

BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. **Deus-amor:** a graça que habita em nós. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003.

BOFF, C. **Teologia e espiritualidade:** por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. Revista Pistis e Práxis. Teologia pastoral, Curitiba, v. 7, n.1. p. 112-141, jan./abr.2015.

BOFF, L. Introdução. Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação. In.: ECKHART, Mestre. **O livro da Divina consolação e outros textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, A., Santa Teresinha do Menino Jesus. São Paulo: Nebli, 1947.

CADÉOT, R., Louis Martin: Incomparável Pai. São Paulo: Cultor de Livros, 2015

CARISSIMI, P., Amar e sofrer conforme Santa Teresinha do Menino Jesus. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2000.

CARMELITAS DE LISIEUX. **O Espírito de Santa Teresa do Menino Jesus.** São Paulo: Paulus, 1997.

CASTILLO, J. M. Espiritualidade para insatisfeitos. São Paulo: Paulus, 2012.

CATÃO, F. **Espiritualidade cristã.** São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CAVALVANTE, P. T. Abandono. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 11-12.

CAVALVANTE, P. T. Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 44-46.

CAVALVANTE, P. T. Confiança. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 123-125.

CAVALVANTE, P. T. Demônio. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 178-179.

CAVALVANTE, P. T. Doutora. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 194-195.

CAVALVANTE, P. T. Natureza. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 382-383.

CAVALVANTE, P. T. **Santa Teresinha em carne e osso.** São Paulo: Paulus, 1997.

CAVALVANTE, P. T. Santidade. In: CAVALVANTE, P. T. Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha. São Paulo: Paulus, 1997. p. 483-484.

CAVALVANTE, P. T. Tudo. In: CAVALVANTE, P. T. **Dicionário de Santa Teresinha: pequena enciclopédia sobre Santa Teresinha.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 530.

CELAM. Conferência de Medellín. (Texto Conclusivo). Petrópolis: Vozes, 1969

CELAM. Documento de Aparecida. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Paedagogus. In: **Opera Omnia** (Patrologiae Graecae, VIII). Paris: J-P Migne, 1857 (a).

COLZAN, G. Homem espiritual. In: **Dicionário de Mística.** São Paulo: Paulus; Loyola, 2003.

COMBES, A., Uma santa na era atômica. Juiz de Fora: Lar Católico, 1961.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes* In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGAR, Y., Pour une Église servente et pauvre. Paris: Cerf, 1963.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. **Instrução** *Donum veritatis* **sobre a vocação eclesial do teólogo**. Roma, 1990. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html. Acesso em: 12 nov. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia:** Princípios e orientações. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **A Vida Fraterna em Comunidade.** Congregavit nos in unum Christi amor. São Paulo: Loyola, 1986.

CONGREGACIÓN PARA LAS CAUSAS DE LOS SANTOS. Homilia del Cardenal Saraiva, Beatificación de Luís Martin y Zélia Guérin. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20081019_beatif-martin-guerin_sp.html. Acesso em: 22 mar. 2022.

CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. **Fede Cristiana e demonologia**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfa

ith_doc_19750626_fede-cristiana-demonologia_it.html >. Acesso em: 12 set. 2022.

COSTA, A. S. **Teologia e espiritualidade:** em busca de uma colaboração recíproca. Perspectiva Teológica, [S. l.], v. 38, n. 106, p. 323-348, 2006.

COSTA, A. S., Encarnados no mundo com os olhos fixos em Jesus: descobrindo a Mística Inaciana. São Paulo: Loyola, 2019.

COSTA, H. M. B; MARIANI, C. M. C. B. Dorothy Day, "mística de olhos abertos". **Pesquisas em Teologia**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 75-95, dec. 2019. ISSN 2595-9409. Disponível em: http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1058. Acesso em: 23 jan. 2023.

DAY, D. The long loneliness. New York: HarperOne, 2009.

DAY, D. **Therese**: The Life of Therese of Lisieux. Springfield, Illinois: Templegate Press, 1960.

DE FIORES, S. **A nova espiritualidade.** Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova; São Paulo: Paulus, 1999.

DE FIORES, S. Espiritualidade contemporânea. In: DE FIORES, S.; GOFFI, T. (Orgs.). **Dicionário de Espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 1993. p. 342-345.

DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007.

DESCALÇOS, Carmelitas. **Nossa identidade**. Disponível em: https://carmelitasdescalcos.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 16 set. 2022.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. A santidade nas famílias do mundo. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana: 2022.

DOCUMENTO DE PUEBLA. **Documentos do CELAM**. São Paulo: Paulus, 2004.

DOSSIER DE IMPRENSA. **Thérèse de Lisieux femme de culture, d'éducation et de paix**. Disponível em: https://www.therese-de-lisieux.catholique.fr/wp-content/uploads/2022/02/Dossier-de-imprensa.pdf>. Acesso em 02 jan. 2023.

ELISABETH DA TRINDADE. **Elisabeth da Trindade - Obras completas**. São Paulo: Loyola, 2022.

ESCRIVÁ, J. Caminho. São Paulo: Quadrante, 1995.

ESCRIVÁ, J. É Cristo que passa. São Paulo: Quadrante, 2017.

ESCRIVÁ, J. Sulco. São Paulo: Quadrante, 1995.

FERNANDES, L. A. **Eterna é a sua Misericórdia**. Reflexões bíblicas e Leituras Orantes. São Paulo: Paulinas, 2016.

FERNÁNDEZ, V. M. **A força restauradora da mística**: A libertação espiritual para todos. São Paulo: Paulus, 2013.

FERNÁNDEZ, V. M. **Teologia Espiritual Encarnada**: profundidade espiritual em ação. São Paulo: Paulus, 2007.

FESCH, J. Em cinco horas verei a Jesus. Niterói: Santo Thomas More, 2021.

FRANCISCO, PP. Bula *Misericordiae Vultus* de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2022.

FRANCISCO, PP. Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Maiorem Hac Dilectionem* sobre a oferta de vida. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20170711_maiorem-hac-dilectionem.html Acesso em: 07 out. 2022.

FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Laudato Si.* Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*: sobre a vida contemplativa feminina. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO. Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família. Loyola: São Paulo, 2016.

FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica *Christus Vivit.* Aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica Gaudete et exsultate. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. Mensagem do Papa Francisco no Angelus em 1º de novembro de 2022. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2022/documents/20221101-angelus.html> Acesso em: 10 nov. 2022.

FRANCISCO, PP. O Nome de Deus é misericórdia. Rio de Janeiro: Planeta, 2016.

FRANCISCO, PP. Santa Missa de Canonização dos beatos Vicente Grossi, Maria da Imaculada Conceição, Luís Martin e Maria Zélia Guérin. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco 20151018 omelia-canonizzazioni.html> Acesso em: 02 out. 2022.

FRANKL, V. **O sofrimento de uma vida sem sentido**. São Paulo: É Realizações, 2015.

GARCIA, C. **En el corazon de la fe:** el camino de Teresa de Lisieux. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

GARRIGOU-LAGRANGE, R. **As três idades da vida interior**. Tomo I e II. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

GARRONE, G. M. **Teresa de Lisieux e a alegria de crer**. São Paulo: Paulinas, 1972.

GAUCHER, G. A paixão de Teresa de Lisieux. São Paulo: Loyola, 1982.

GAUCHER, G. **Ce qui Thérèse doit à ses parents:** Les Racinesde la Petite Voie. RVT, n. 199, p. 67-80, 2010.

GAUCHER, G. **Santa Teresinha do Menino Jesus. História de uma vida.** São Paulo: Loyola, 1998.

GODFRIED, D. Quem nos ensinará a esperança? In: MEESTER, C. **Teresa de Lisieux Vida. Doutrina. Ambiente.** Marco de Canaveses: Edições Carmelo, p. 5-6, 1996.

GOFFI, T; SECONDIN, B. (Org). **Problemas y perspectivas de espiritualidade.** Salamanca: Ediciones Sígueme, 1986.

GUTIÉRREZ, G. A verdade vos libertará. São Paulo: Loyola, 1969.

GUTIEÉRREZ, G. Beber no próprio poço. São Paulo: Loyola, 2000.

GUTIÉRREZ, G. Teologia da Libertação: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

IBARMIA, J. F., Confianza. In: **NUEVO Diccionario de Santa Teresa de Lisieux**. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 197-213.

IR. GENOVEVA DA SANTA FACE. **Zélia Guérin**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica** *Divini Amoris Scientia*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/apost_letters/1997/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris.html. Acesso em: 07 jul. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, São Paulo: Paulus, 2001.

JOÃO PAULO II, PP. Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulus, 1997.

JOÃO PAULO II, PP. Carta Encíclica *Ut unum sint* sobre o empenho ecumênico; São Paulo: Loyola, 1995.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica** *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 2004.

JOÃO PAULO II, PP. Homilia do Papa João Paulo II aos jovens de Belo Horizonte. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-

ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19101997.html> . Acesso em: 15 out. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. Homilia do Papa João Paulo II por ocasião da atribuição do título de doutora da Igreja à Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19101997.html . Acesso em: 15 out. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. Uma mulher, uma jovem, uma contemplativa é proclamada "doutora da Igreja". **L'osservatore Romano**, Roma, 25 out. 1997.

JOÃO XXIII, PP. Carta Encíclica *Mater et Magistra*. Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. São Paulo: Paulinas, 1961.

JOHNSTON, W. Teología Mística: la ciencia del amor. Barcelona: Herder, 1997.

JOSEPHAT, C. **As santas doutoras:** espiritualidade e emancipação da mulher. São Paulo: Paulinas, 1999.

LAFRANCE, J. A minha vocação é o amor. São Paulo: Loyola, 2018.

LEÃO XIII, PP. Carta Encíclica *Rerum Novarum* sobre a condição dos operários. São Paulo: Paulinas, 1998.

LÉTHEL, F. M. L'amore di Gesù: La cristologia di santa Teresa di Gesù Bambino. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

LIAGRE. **Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus**. São Paulo: Paulus, 1997.

LITURGIA DAS HORAS da Ordem dos Irmãos Descalços da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. São Paulo: Paulus, 1986.

LOEW, J. En la escuela de los grandes orantes. Madrid: Narcea, 1985.

LOSSO, E. G; BINGEMER, M. C. L.; PINHEIRO, M. R., **A mística e os místicos.** Petrópolis: Vozes, 2022.

MANZANARES, C. V. Mártir. In : MANZANARES, C. V. **Dicionário Histórico do Cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2005, p. 296-297.

MARIA-EUGÊNIO. **Para a alegria de Deus**: Retiro espiritual com Santa Teresa de Lisieux. São Paulo: Cultor de Livros, 2022.

MARIA-EUGÊNIO. Quero ver a Deus. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARIA-EUGÊNIO. **Teu amor cresceu comigo**: Teresa de Lisieux: gênio espiritual. São Paulo: Paulus, 1995.

MARTIN, G. **A Pequena Via da Infância Espiritual.** Nova Friburgo: Edições Mosteiro da Santa Cruz, 2019.

MARTIN, L. **Correspondência Íntima**. São Paulo: Cultor de livros / Edições Carmelitanas, 2021.

MEESTER, C. **De mãos vazias** – A espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus. Petrópolis: Vozes, 2018.

MEESTER, C. **Dinámica de la confianza.** El secreto de Teresa de Lisieux. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

MEESTER, C. Infância Espiritual. In: Borrielo, L. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Loyola / Paulus, 2003, p. 545-547.

MEESTER, C. **Teresa de Lisieux** Vida. Doutrina. Ambiente. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 1996.

METZ, J. B. **El clamor de la tierra**: El problema dramático de la Teodicea. Navarra: Verbo Divino, 1996.

METZ, J. B. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013.

MISSAL ROMANO. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1992

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem**: da aparição ao nascimento de Deus: volume II: aparição. São Paulo: Loyola, 2020.

MOLTMANN, J. **Dios en la creación:** Doctrina de la creación. Salamanca: Sígueme, 1987.

MOLTMANN, J. La Iglesia, fuerza del Espírito. Salamanca: Sígueme, 1978.

MONTEIRO, D. M.; CAMPOS, P. F. S. **Mulheres religiosas:** sensibilidade e amor nos escritos de Teresa de Lisieux (1873-1897). Revista Hominum, v. 5, p. 120-136, 2016.

MORAES, A. O. **Entre mistério divino e humano:** cinquenta anos de pesquisa teológica na PUC-Rio. Atualidade Teológica. v. 23, n. 61, p. 149-179, jan./abr. 2019.

MORI, G. L. **A teologia em situação de pós-modernidade.** Cadernos Teologia Pública, São Leopoldo, RS, v. 2, n.11, p. 5-34, 2005.

NEMECK, F. K.; COOMBS, M. T. Corazon que escucha. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1992.

NORWICH, J. **Revelations of Divine Love**. Christian Classics Ethereal Library: EUA, 1901.

NUNES JÚNIOR, A. B. **Fenômeno místico**: Caracterização e Estudos de Casos. Campinas: Ecclesiae, 2015.

OLIVEIRA, B. Sol en la Noche. Burgos: Monte Carmelo, 2001.

PASSOS, J. D. (Org). **A Pandemia do Coronavírus**: Onde estivemos? Para onde vamos?. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAULO VI, PP. Às mulheres. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em: 12 nov. 2022.

PAULO VI, PP. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1998.

PEDROSA-PÁDUA, L. **Santa Teresa de Jesus:** mística e humanização. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEDROSA-PÁDUA, L. **Teresa De Ávila testemunha do mistério de Deus.** Perspectiva Teológica, [S. l.], v. 35, n. 96, p. 155-186, 2003.

PEÑA, A. A vida do servo de Deus Marcel Van. Niterói: Santo Thomas More, 2021.

PENNA, P. **Santa Teresa de Lisieux:** uma jovem doutora. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

PERICO, Y., La petite voie de l'amour ou la vie mystique pour tous. Carmel, Toulouse, n. 142, p. 44-61, 2011.

PETITOT, L. H. **Santa Teresa de Lisieux**: um Renascimento Espiritual. Lisboa: União Gráfica, 1953.

PHILIPON, M. M. **Santa Teresinha de Lisieux:** um caminho todo novo. Rio de Janeiro: Olímpica, 1954.

PHILIPPE, J. La confianza em Dios. Ejercicios espirituales. Teresa de Lisieux. "Mi camino es todo él de confianza y amor". Madrid: Ediciones Cristandad, 2012.

PIAT, S. J. **Leônia Martin**. São Paulo: Cultor de livros / Edições Carmelitanas, 2021.

PIO X. Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis* sobre as doutrinas modernistas. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html>. Acesso em: 19 out. 2022.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica** *Mystici Corporis*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **O testemunho cristão em um mundo multi-religioso**: recomendações de conduta. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20111110_testimonianza-cristiana_po.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

PROCÈS de Beatification et Canonization de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face I, Teresianum, Roma, 1973. Processo informativo ordinário.

PROCÈS de Beatification et Canonization de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face II, Teresianum, Roma, 1973. Processo Apostólico.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**: Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.

RAHNER, K. La gracia como Libertad. Barcelona: Herder, 1972.

RAHNER, K. O Cristão do Futuro. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.

RONSI, F. Q. **Mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar:** Para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. Rio de Janeiro, 2014. 343 p. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RONSI, F. Q. **Mística, lugar de encontro e diálogo inter-religioso**: contribuições de Juan Martin Velasco e Andrés Torres Queiruga. Rio de Janeiro, 2009. 163 p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ROYO MARÍN, A. **Grandes mestres da vida espiritual.** Campinas: Ecclesiae, 2019.

ROYO MARÍN, A. Teologia da perfeição cristã. Anápolis: Magnificat, 2020.

RUBIO, A. G. **A caminho da maturidade na experiência de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2008.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade.** O ser humano à luz da fé e das reflexões cristãs. São Paulo: Paulinas, 1989.

SALVADOR, F. R. Compêndio de Teologia Espiritual. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTOS, J. A. **A teologia Simbólica de Santa Teresa de Lisieux.** Em: Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, v. 15, n. 2, 2021, p. 23–38.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Das homilias de São Mateus. In: **LITURGIA DAS HORAS.** v., IV. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1999.

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes. Carmelo Descalço do Brasil, 1984.

SCHÄFFER, G. **Espiritualidade**. Disponível em: http://guidoschaffer.com.br/espiritualidade/>. Acesso em: 10 out. 2022.

SCHILLEBEECKX, E. Revelação e teologia. São Paulo: Paulinas, 1968.

SCHNEIDER, T. (org.). Manual de dogmática. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCIADINI, P. **Santa Teresinha de A a Z.** São Paulo: Edições Carmelitanas; Loyola, 2005.

SCIADINI, P. **Teresinha Doutora da Ciência e do Amor**. São Paulo: Loyola, 1998.

SESBOÜÉ, B. **O homem, maravilha de Deus:** Ensaio de antropologia cristológica. São Paulo: Paulinas, 2021.

SILESIUS, A. **Il pellegrino cherubico**. Milano: Paoline, 1989.

SION, V. Abandono a la acción de Dios In: **NUEVO Diccionario de Santa Teresa de Lisieux**. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 15.

SOBRINO, J. **Spiritualy of liberation:** toward political holiness. Maryknoll, N.Y: Orbis Books, 1988.

SOUZA JÙNIOR, V. T. **Teresinha, a santa revolucionária**. Fortaleza: Shalom, 2018.

SYLVAIN, L. M., Natureza. In: **NUEVO Diccionario de Santa Teresa de Lisieux**. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 667.

TANQUEREY, A. Compêndio de Ascética e Mística. Campinas: Ecclesiae, 2018.

TEMPESTA, O. J. **O caminho da simplicidade.** Disponível em: https://www.cnbb.org.br/o-caminho-da-simplicidade/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

TERESA DE LISIEUX. **História de uma alma.** Nova edição crítica por Conrad de Meester. São Paulo: Paulinas, 2011.

TERESA DE LISIEUX. **Obras Completas**, São Paulo: Loyola, 2015.

TILLICH, P. História do pensamento cristão. São Paulo: Aste, 2003.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. São Paulo: Loyola, 2006.

TOMAZ, V. Teresinha: a santa revolucionária. Aquiraz: Edições Shalom, 2018.

VANNINI, M. Introdução à Mística. São Paulo: Loyola, 2005.

VAZ, H. C. L. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental.** São Paulo: Loyola, 2000.

VELASCO, J. M. El fenómeno místico. Estudio comparado. Madri: Trotta, 1999.

WILDERINK, V. J. G. **Mística e místicos**. Belo Horizonte: Divina Misericórdia, 2004.

ZWICK, L.; ZWICK, M. **Dorothy Day y Santa Teresita de Lisieux:** El poder del caminito de amor. Trabajador Católico de Houston, Vol. XXI, No. 7, dez 2001.